

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA COMPARADA

O *ficwriter* e o campo da *fanfiction*: reflexão sobre uma forma de escrita contemporânea

Raquel Yukie Murakami

São Paulo, SP
2016

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA COMPARADA

O *ficwriter* e o campo da *fanfiction*: reflexão sobre uma forma de escrita contemporânea

Raquel Yukie Murakami

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de mestre em Letras

Orientadora: Andrea Saad Hossne

São Paulo, SP
2016

Aos meus pais

Ao fandom de Cavaleiros do Zodíaco

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Andrea Saad Hossne, uma pessoa tão cheia de virtudes, sem a qual este trabalho não seria possível. Sempre me atendeu com carinho, seriedade e dedicação, desde a disciplina Introdução aos Estudos Literários, passando por minha pesquisa de Iniciação Científica, até a pós-graduação, na qual me guiou pacientemente, apesar de minhas dificuldades e medos.

Aos docentes que compuseram minha banca de qualificação, Daniel Puglia e Alex Primo, pela compreensão e pelas colocações que me ajudaram a desenvolver a pesquisa.

Ao departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada, que sempre me atendeu com competência.

Aos meus pais, que me deram proteção, amor e constante apoio em minha vida de escolhas nada convencionais, mesmo diante da reprovação de muitos, e que me permitiram desenvolver livremente minhas paixões.

À Anita, pela amizade e pela companhia diária durante os anos de pesquisa, madrugadas adentro. Obrigada por ter me presenteado com incentivos, conversas, provocações e questionamentos. Sem eles, esta dissertação com certeza não teria se desenvolvido da mesma forma. Obrigada por ter ouvido minhas ânsias, rebatido minhas queixas e ajudado nos momentos mais difíceis.

À Margareth, pela amizade e total apoio, desde que nos conhecemos na faculdade de Letras. Obrigada por sempre ter me escutado e incentivado e pelos momentos preciosos em que estamos juntas, apesar da vida corrida.

Às Amigas da Carina: Mari, Eli, Kátia, Renata, Piti, Marina, Luti, Joana, Marcos (e Carina!), pela compreensão e pelo apoio – antes, agora e sempre.

À Patrícia, que sempre me apoiou e me trouxe questões fundamentais para refletir, não apenas sobre a literatura, mas também sobre o mundo.

Aos meus irmãos e cunhadas, pela ajuda e pela torcida.

Aos orientandos da professora Andrea, com os quais tive a oportunidade de conversar sobre esta pesquisa.

A todos os meus amigos do fandom, que me ajudaram a pensar sobre a fanfiction durante esses anos de pesquisa.

E ao meu fandom de Cavaleiros do Zodíaco, que me deu a experiência necessária para desenvolver esta pesquisa.

“Para as pessoas, a mentira também é importante. Não.
Se uma mentira dá às pessoas esperança e coragem
para viver, já não será então uma verdade?”

(Fou – B't X – Masami Kurumada)

Sumário

RESUMO	3
ABSTRACT	4
1. INTRODUÇÃO.....	5
2. A DINÂMICA EM TORNO DA FANFICTION	8
2.1 <i>A fanfiction</i> como problema aos olhos de fora.....	8
2.2 Objetivo, métodos e materiais.....	11
2.3 <i>A fanfic</i> , revelada de dentro.....	13
2.4 Um breve histórico sobre <i>fandom</i> e <i>fanfiction</i>	21
3. CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS SOBRE A FANFICTION.....	29
3.1 <i>O fandom</i> como resistência à indústria cultural	29
3.2 A noção de campo, segundo Bourdieu	32
3.3 As contribuições dos Fan Studies	36
4. AS AVALIAÇÕES DOS FÃS SOBRE SUAS PRÓPRIAS PRÁTICAS	50
4.1 Os conflitos da <i>fanfiction</i> nas palavras de seus autores	50
4.2 O nível de escrita e a popularidade.....	54
4.3 Categorias e elementos de <i>fanfiction</i> menosprezados.....	61
4.4 Formas de regular a atividade de outros fãs.....	68
5. OS CAMPOS DA FANFICTION E DA LITERATURA.....	76
5.1 O campo da <i>fanfiction</i> e seu desejo por autonomia	76
5.2 Traços distintivos da <i>fanfic</i> e da literatura e seu conflito no campo da <i>fanfic</i>	79
5.3 Autoria, obra, cânone.....	84
5.4 O campo da <i>fanfic</i> e a cultura de massa	88
5.5 <i>A fanfiction</i> como uma escrita contemporânea.....	90
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	97
7.1 Livros e artigos	97
7.2 Sites	98
GLOSSÁRIO.....	103

RESUMO

O *ficwriter* e o campo da *fanfiction*: reflexão sobre uma forma de escrita contemporânea

Esta dissertação trata da *fanfiction* ou *fanfic* (a princípio, ficções escritas pelos fãs de determinado objeto cultural – filme, seriado de televisão, livro, história em quadrinhos, animação, jogo), com atenção aos conflitos entre escritores de *fanfiction* quanto às formas de escrita nesse espaço de comunicação. Defende-se que a prática de escrita das *fanfictions* constitua um campo estruturado no qual seus agentes lutam por capital simbólico, segundo a noção de campo de Pierre Bourdieu. Analisam-se as forças de conservação e de mudança no universo das *fanfictions*, presentes em um *corpus* contendo textos escritos pelos fãs – discussões, manifestos e *fanfic*. Nesses textos, os fãs debatem sobre problemas existentes em seu meio (conflito entre autores que buscam a popularidade e os que buscam qualidade, preconceitos com determinadas categorias nesse meio e com aqueles que possuem dificuldade de escrita). Também se analisa a maneira como os fãs e escritores de *fanfictions* se relacionam com os objetos culturais nos quais se baseiam, com o mercado de entretenimento e com a literatura. Da mesma forma como existem preconceitos entre os fãs, também existem forças que buscam um espaço democrático e livre para escritores e leitores de *fanfiction*, no qual é possível a escrita de *fanfics* com temas geralmente rejeitados pelos produtores culturais e pela sociedade, como narrativas envolvendo protagonistas femininas, relacionamentos homossexuais, sexo explícito etc. Assim, a *fanfiction* é também uma possibilidade para a expressão de grupos minoritários.

Palavras-chave: *fanfiction*, *fandom*, fã, campo, literatura

ABSTRACT

The Ficwriter And The Fanfiction Field A Reflection On The Shape Of Contemporary Writing

This dissertation focuses on fanfictions, or fanfics – fictional pieces of writing from fans of a specific cultural object – movies, series, books, comic strips, animations, games, etc.) with special attention to the conflicts among the ficwriters which arose from the types of writing in this environment. It is stated that the fanfiction writing practice constitutes a structured field in which its agents fight for symbolic capital, according to the concept created by Pierre Bourdieu. The forces of preservation and change in the fanfiction universe are analyzed in the context of a corpus of written texts created by fans – forum discussions, manifests and fanfic. In these texts, fans debate the existing problems in the environment – disagreement between authors in search of popularity and those seeking quality, prejudice against certain categories in the field and against authors with difficulties in writing. It also analyses the way fans and fanfiction writers relate with cultural objects on which they base their production, with the entertainment market and with Literature. In the same way there is a great deal of prejudice among fans, there are also forces in search of a democratic space, a free zone for fanfiction writers and readers, where it is possible to produce fanfics whose themes are generally rejected by mainstream media producers and society alike. These themes comprehend narratives with female main characters, homosexual relationships, explicit sex, etc. Therefore, the fanfiction is also an opportunity of free speech for minority groups.

Keywords: *fanfiction*, *fandom*, fan, field, literature

1. INTRODUÇÃO

“*Fanfiction*. Ficção feita por fãs.

Na prática, concluiu o italiano, não havia apenas *uma* história baseada nele e em seus colegas de Santuário, mas milhares. Máscara não fazia ideia da vastidão de trabalhos feitos por fãs.” (Lune Kuruta)

O trecho acima pertence à *fanfiction* “RealDeathMask69”, escrita por Lune Kuruta, em 2013. Máscara da Morte, personagem do anime¹ *Saint Seiya* ou *Cavaleiros do Zodíaco*, descobriu que fora transformado em uma personagem de um mangá² e que ele e seus colegas do Santuário (a morada dos cavaleiros), eram “vítimas” de centenas de fãs. Estes, seres apaixonados pelas personagens, reivindicavam provisoriamente a posse delas e utilizavam-nas em seus próprios escritos, em paródias, histórias de amor, aventuras, dramas etc. Máscara da Morte achou que o mundo das *fanfics* era perfeito para mostrar aos fãs como ele era “de verdade”, mas, ao escrever sua primeira *fanfic*, percebeu o quão frustrante esse novo terreno poderia ser.

*Fanfictions*³ ou *fanfics* são textos geralmente narrativos baseados em livros, seriados de televisão, jogos, desenhos animados, histórias em quadrinhos etc. Em sua maioria são textos em prosa envolvendo personagens de um texto fonte. Por não possuírem uma estrutura textual obrigatória, podem contemplar outras formas de expressão, como poemas e cartas. As *fanfics* em geral estão associadas à cultura de massa, embora exista uma pequena produção com base no cânone literário.

“RealDeathMask69”, que faz parte do *corpus* da pesquisa, faz uma paródia das dificuldades que um *ficwriter*, ou seja, um escritor de *fanfics*, enfrenta ao publicar seus trabalhos na internet. Máscara da Morte precisa lidar com certos leitores e até com os chamados “ripadores”, fãs que fazem comentários ofensivos à *fanfic* mal escrita. Ser um *ficwriter* não é tão fácil quanto pensa a personagem. A prática dos fãs em torno das *fanfics* é, portanto, mais complexa do que sugerem artigos em jornais e em alguns textos acadêmicos

¹ Animação japonesa.

² História em quadrinhos japonesa.

³ O termo abreviado “*fanfic*” é o mais utilizado, enquanto que “*fanfiction*” é mais formal, sendo preferido por muitos pesquisadores. Aqui utilizarei os dois termos sem distinção. Alguns pesquisadores chamam de “ficção *fannish*”. *Fanfiction* também recebe a abreviatura “*fic*” e, em alguns casos, “*fict*”.

sobre o fenômeno. Contudo, antes de aprofundarmos-nos no assunto, é preciso situar o que são *fanfics* e como são escritas, publicadas e lidas. Para isso é fundamental o conceito de *fandom*: o grupo social dos fãs de determinado produto (narrativo ou não), que desenvolve práticas específicas em relação ao seu objeto de afeto. Existem, por exemplo, o *fandom* do livro *Harry Potter*, o de *Star Trek (Jornada nas Estrelas)*, o da banda *One Direction* e outros. Fãs de objetos culturais reúnem-se, seja virtualmente em internet, seja pessoalmente, para conversar sobre: as narrativas que tanto os encantam, suas personagens, interpretações, fatos sobre as condições de produção desse objeto. Além disso, fãs são extremamente produtivos: escrevem artigos, histórias (*fanfics*), fazem desenhos (*fanarts*), editam/produzem filmes (*fanfilms*), compõem músicas, etc. Certamente não são todos que produzem objetos culturais derivados, há aqueles que se contentam em apenas conversar sobre os objetos ou apenas acompanhar a atividade dos demais fãs. Entretanto, *fandom* chama a atenção às pessoas de fora de seu círculo exatamente por sua produtividade e pela forma como fãs se apropriam de seus objetos favoritos para criar outros, tornando a recepção que seria, à princípio, passiva, bastante participativa.

As *fanfics*, em especial, chamam bastante atenção: jovens, na maioria do gênero feminino, muitos ainda em processo de formação escolar, escrevendo narrativas que ultrapassam, facilmente, 100.000 palavras. Muitas pessoas acabam se entusiasmando (com toda a razão), pelas possibilidades que as *fanfictions* apresentam, tanto para reflexão, quanto para o ensino. Sou *ficwriter* e tenho tanta paixão e carinho pelas *fanfictions* quanto qualquer outro fã. Meu olhar, entretanto, desvia-se do mundo cor-de-rosa das *fanfics* e dirige-se para onde Máscara da Morte se frustraria, onde escrever *fanfic* se converte em motivo de conflitos entre os fãs, às vezes, com consequências sérias. Esses conflitos não se referem apenas a problemas de convívio, mas de o que seria aceitável ou não no mundo das *fanfics*; questão esta que vai além de um fã interessado apenas em divertir-se. É, de fato, preocupação de um autor comprometido com a defesa de sua concepção do literário. Sobre quais tipos de *fanfics* falam, e sobre quais valores eles se assentam? Quais preconceitos podemos identificar nesse meio e como eles podem se relacionar com a literatura? Qual é a relação entre os fãs e os produtores culturais que lhes fornecem seus ídolos? Defendo que a *fanfiction*, que possui seus próprios princípios e regras, acaba formando um campo próprio, onde fãs se estruturam hierarquicamente, conservam ou atacam determinadas estruturas textuais, baseados em suas experiências prévias, seja com a indústria de entretenimento, seja com a formação como leitores.

O capítulo “A dinâmica em torno da *fanfiction*” trata do objetivo da dissertação, dos métodos, do *corpus* a ser analisado, bem como seus critérios. Há também uma introdução sobre a dinâmica da prática em torno da *fanfiction* e um breve resumo sobre a história do *fandom*, essenciais para a contextualização do objeto.

O capítulo “Considerações teóricas sobre a *fanfiction*” trata de princípios teóricos importantes que nortearam a pesquisa, em sua relação com os fãs e as *fanfictions*, como o conceito de campo e de *habitus* de Pierre Bourdieu; a indústria cultural, discutida por Theodor Adorno, e os estudos já realizados a respeito dos fãs e das *fanfictions*, na área de estudo interdisciplinar conhecida como *Fan Studies*, com destaque ao importante trabalho de Henry Jenkins, que se pauta tanto em Adorno, quanto em Bourdieu, para tratar do *fandom* como um movimento de resistência.

Em seguida, faço a análise detida do *corpus* no capítulo “As avaliações dos fãs sobre suas próprias práticas”, destacando os principais conflitos entre os escritores de *fanfic*, analisando-os e comentando-os. Assuntos polêmicos entre os escritores de *fanfic* serão tratados com o apoio tanto de produção acadêmica a respeito do assunto ou que ofereça possibilidades de análise, quanto de outros materiais que posso trazer à dissertação, como textos de fãs analisando e avaliando esses temas. Os motivos dos conflitos entre os fãs foram separados da seguinte maneira: “O nível de escrita e a popularidade”, “Categorias e elementos de *fanfiction* menosprezados”, “Formas de regular a atividade de outros fãs”.

O capítulo “Os campos da *fanfic* e da literatura” trata dos traços distintivos da *fanfic* e da literatura e de como ambas entram em conflito no campo da *fanfiction*, por apontarem para maneiras diferentes de lidar com o texto. Também trato dos conceitos de autoria, obra e cânone, considerando que, enquanto a ideia de autoria é central para o estabelecimento de hierarquia no mundo das *fanfics*, obra e cânone (no sentido de haver *fanfics* canônicas), não o são.

2. A DINÂMICA EM TORNO DA *FANFICTION*

2.1 *A fanfiction* como problema aos olhos de fora

Obscura em tempos anteriores à internet, a palavra *fanfiction* ou *fanfic* gradualmente se torna mais conhecida na contemporaneidade, chamando a atenção das pessoas por suas particularidades. Atualmente, a única dificuldade para encontrar textos sobre *fanfics* em jornais e revistas em uma breve consulta ao site de buscas Google é localizá-los entre as numerosas *fanfics* que a ferramenta acaba retornando. A prática da *fanfiction* é descrita como “fenômeno” por Maria Lucia Bandeira Vargas, palavra esta adequada para expressar a surpresa de professores língua portuguesa com a rápida popularização de uma forma escrita entre jovens, muitos em fase escolar. Jovens autores de textos capazes de superar a extensão de 50.000 palavras, escritas com o maior zelo em momentos de diversão e devidamente revisadas.

Não é apenas no tamanho que as *fanfics* surpreendem, mas também no conteúdo, por muitas tratarem de assuntos que normalmente os programas de televisão e os filmes de entretenimento evitariam por serem polêmicos, como a homossexualidade. Escritas pelos fãs, carregam a fama da perversão e delas são tiradas como exemplos os textos mais ousados e/ou absurdos, que escapam do senso comum, podendo trazer embaraço a pessoas de fora do domínio dos fãs em relação ao assunto. O ator do seriado de televisão *Supernatural*, Jensen Ackles, ao participar da convenção de fãs “Asylum”, realizada na Inglaterra em 2007, foi questionado sobre as *fanfictions*. A reação do público diante da pergunta “o que você acha de... fanfiction?” foi rir, porque todos ali presentes sabiam que a conversa ingressava no terreno do tabu, como se tratasse de um objeto pornográfico. O ator escondeu o rosto com uma das mãos, arrancando mais risadas dos fãs, e respondeu: “some of those fanfictions have some very very crazy ideas. And sometimes very... disturbing... ideas. One of my favorites is... uh... Wincest”⁴. *Wincest* (Winchester + *incest*) é o termo que os fãs utilizam para designar produções tematizando uma relação amorosa entre as personagens Dean e Sam, que são irmãos de sobrenome Winchester em *Supernatural*. Trata-se de um tema completamente ausente da narrativa original, mas muito comum entre os fãs. *Fanfictions* frequentemente são tratadas na mídia, portanto, como narrativas sexualizadas e ridículas. Além disso, ainda existe

⁴ Algumas dessas fanfics têm ideias muito, muito loucas. (risos do público) E algumas vezes ideias... muito... perturbadoras. (mais risos) Uma das minhas favoritas é... hum... Wincest (tradução nossa). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=w8HbnLhHVkQ>>. Acesso em: 2 ago 2015.

na sociedade uma visão preconceituosa em relação ao fã, retratado muitas vezes como um indivíduo com distúrbio mental, incapaz de sociabilizar-se com outras pessoas. Uma evidência do preconceito com os fãs é o uso do termo “-tard”, derivado de “retard” (retardado), o qual é aplicado frequentemente na forma de sufixo, a fãs de *fandoms* diversos. Fãs do anime *Naruto*, por exemplo, são frequentemente chamados de *narutards*, e os da série de livros *Twilight* (Crepúsculo), *twitards*. É um termo muito usado pelos próprios fãs para discriminar outros grupos de fãs.

Em 2014, Caleb Johnson, cantor que ganhou uma competição do programa de televisão *American Idol*, foi obrigado a retratar-se com os fãs após chamá-los de “retards”. Em uma entrevista para a rede de comunicação AfterBuzz TV⁵, Johnson, ao ser questionado sobre o efeito da rede social em sua vida, respondeu: “Yeah, it gives access to a bunch of retards to talk to me. (...) I don’t need 10,000 people saying, ‘You should sing this, you should sing that! Listen to me, listen to me!’”⁶. Posteriormente, o cantor retratou-se com o público, justificando que não se referia aos fãs, mas aos “loucos” que lhe mandavam mensagens de ódio.

For the record, that juvenile comment I made in the interview was not directed towards my fans but to the wackos that send hundreds of hate messages a day to me! You guys are amazing and I cannot thank you enough for your support. Sorry if it offended anybody, it was the wrong choice of words. Also I greatly appreciate it when you guys give me song suggestions, but it gets really overwhelming at the volume it comes in, so please understand! (CALEB, John)⁷

A tentativa de explicar-se não foi feliz, pois sua queixa original, sobre como as pessoas lhe sugeriam as músicas para cantar, referia-se a fãs que nem poderiam ser considerados fanáticos no *fandom*. Johnson culpou os fanáticos, que são mal vistos mesmo dentro dos *fandoms*, tentando até excluí-los da categoria de fã (“was not directed toward my fans”). Contudo, nada disse sobre as mensagens de ódio desses supostos “wackos” (malucos) durante a entrevista, apenas das sugestões de músicas (comportamento normal dos fãs na interação com seus ídolos).

⁵TVline - American Idol: Will Caleb's 'R-Word' Dustup (or Last Week's Top 5 Twist) Factor Into Your Voting?. Disponível em: <<http://tvline.com/2014/05/06/american-idol-caleb-johnson-calls-fans-retards/>>. Acesso em: 16 abr 2016.

⁶ Sim, ela dá acesso para um bando de retardados falarem comigo. (...) Eu não preciso de 10.000 pessoas dizendo “você deveria cantar isto ou cantar aquilo! Me escute, me escute!”. (tradução nossa)

⁷ Só para constar, aquele comentário infantil que fiz durante a entrevista não foi direcionado aos meus fãs, mas aos malucos que enviam centenas de mensagens de ódio para mim! Vocês são maravilhosos, e eu não tenho palavras para agradecer pelo apoio. Desculpe se ofendi alguém, foi uma má escolha de palavras. Eu também agradeço por vocês me darem sugestões de músicas, mas a quantidade que vem é excessiva; por favor, entendam. (tradução nossa)

Fãs são consumidores, não só com potencial econômico a determinado produto, mas dotados de lealdade. Significa que eles são uma fonte segura de parte do lucro, além de contribuírem para a divulgação do produto cultural. Por esse motivo, celebridades costumam respeitar os mais fervorosos fãs, independentemente da opinião que carregam sobre os mesmos.

É verdade que parte das *fanfics* condiz com a imagem negativa que vende, e é compreensível que muitos entendam o mundo das *fanfics* como um lugar estranho que deve permanecer sob o manto da discrição por ter uma relação com a pornografia. Há de se considerar, no entanto, que não se pode ignorar o fato de que milhares de jovens e adultos estão se aventurando em uma forma de escrita que é também uma forma de recepção. Também é impossível ignorar o fato de que o livro *Cinquenta tons de cinza*, de E. L. James, sucesso de vendas no ano de 2012, foi originalmente uma *fanfiction* da série de livros *Twilight* (*Crepúsculo*), de Stephanie Meyer. Outros autores de *fanfics* também migraram para o mercado editorial, como Cassandra Clare⁸, autora da série de livros *The mortal instruments* (*Os instrumentos mortais*) e Meg Cabot, conhecida por ter escrito *The princess diaries* (*O diário da princesa*), todos *best-sellers*. Embora esses autores não sejam vistos com simpatia por grande parte da academia, não se pode virar as costas ao fato de que fazem parte das vidas dos leitores.

A respeito da relação das *fanfictions* com os autores dos textos nos quais elas são baseadas, há diversas posturas. Meg Cabot, por ter iniciado sua vida na escrita por meio da *fanfiction*, considera a prática positiva:

“I myself used to write Star Wars fan fiction when I was tween. I think writing fan fiction is a good way for new writers to learn to tell a story. The good thing about writing fan fiction is that the characters and basic plot are already set up, so new writers can concentrate on dialogue, or further plot development. Basically, the author has already created a world for the new writer to play around in, and that is a great way for new writers to learn the skills they will need in order to create their OWN universe”⁹ (CABOT, 2006)

⁸ Autora polêmica entre os fãs, devido às acusações de plágio por ter copiado passagens de diferentes textos em suas *fanfics*.

⁹ Eu costumava escrever fan fiction de Star Wars quando era pré-adolescente. Acho que escrever fan fiction é uma boa forma para escritores iniciantes aprenderem a contar uma história. O bom de escrever fan fiction é que as personagens e o enredo básico já estão estruturados, por isso escritores iniciantes podem se concentrar nos diálogos ou no aprofundamento da narrativa. Basicamente, o autor já criou um mundo para o escritor iniciante brincar, e essa é uma ótima maneira para esses novos escritores aprenderem as técnicas de que vão precisar para criarem seu PRÓPRIO universo. (tradução nossa)

Disponível em: < <http://www.megcabot.com/2006/03/114184067156643148/>>. Acesso em 3 ago 2015.

Segundo Cabot, o fato de existir narrativa e personagens estruturados serve de apoio para escritores iniciantes aprimorarem suas habilidades. Contudo, muitos escritores reprovam a criação de *fanfictions* sobre suas obras, incomodados com a apropriação de suas personagens pelos fãs. Anne Rice, em seu site, mantém o aviso aos fãs: "I do not allow fan fiction. The characters are copyrighted. It upsets me terribly to even think about fan fiction with my characters. I advise my readers to write your own original stories with your own characters. It is absolutely essential that you respect my wishes."¹⁰ Sabe-se que, a pedido de Anne Rice, o site Fanfiction.net não permite a publicação de *fanfics* baseadas na obra da autora. Outro autor famoso por ser contrário à *fanfiction* é George R. R. Martin, autor da série *As crônicas de Gelo e Fogo*, na qual foi baseado o seriado de televisão *A game of thrones* (*A guerra dos tronos*).

Assim como escritores não podem ignorar o fato de que suas personagens têm sido utilizadas por inúmeros fãs e precisam assumir uma postura favorável ou contra esses admiradores, ignorar os fãs e as *fanfictions* no espaço acadêmico é ignorar a realidade no mundo literário e até a realidade de muitos leitores e/ou escritores de dentro e fora dos cursos de Letras. Afirmar que as *fanfics* são ficções que se utilizam de material alheio e que possuem a fama de serem constituídas em sua maioria de textos de baixa qualidade que tratam de histórias de amor de fãs apaixonados não dá conta de entender como o mundo das *fanfics* e o da literatura se colocam um para o outro, em suas diferenças, semelhanças e interações.

2.2 Objetivo, métodos e materiais

Esta pesquisa foi motivada por indagações que surgiram durante minha iniciação científica, realizada no período entre 2011 e 2012, com bolsa concedida pela FAPESP – Fundação de amparo à pesquisa do Estado de São Paulo. Essa pesquisa, intitulada “Investigação sobre o caráter literário da personagem em *fanfictions*”, teve como objetivo estudar a produção de *fanfics* no Brasil a partir de leitura e análise dos textos produzidos pelos fãs, com ênfase na transposição da personagem da narrativa original à *fanfiction*, e refletir sobre a possibilidade de aproximação dessa modalidade, a *fanfiction*, com a literatura. Nessa pesquisa, os critérios de valor empregados pelos fãs na avaliação dos textos foram problematizados, por serem variados e partirem de diferentes visões, um dos motivos pelo

¹⁰ Eu não permito fan fiction. As personagens estão protegidas por lei. Aborrece-me demais sequer pensar em fan fiction com minhas personagens. Eu aconselho meus leitores a escreverem suas próprias histórias com suas próprias personagens. É absolutamente necessário que respeitem meus desejos. (tradução nossa)
Disponível em: <<http://annerice.com/ReaderInteraction-MessagesToFans.html>>. Acesso em: 11 ago 2015.

qual existem muitos desentendimentos entre os escritores do meio. Com isso, a ideia de campo literário pareceu apropriada para repensar sobre a *fanfiction* na pesquisa de mestrado.

Meu objetivo é mostrar como a *fanfiction* constitui-se como um campo próprio, seguindo o conceito de campo literário de Bourdieu, com suas regras, seus conflitos e seus valores, e fazer uma reflexão sobre as *fanfictions* diante do contexto literário atual, a partir das vozes daqueles que as escrevem e as leem.

Foram escolhidos como *corpus* da pesquisa os seguintes textos: “Crítico: Você está fazendo isso errado!”, de Lune Kuruta e de Metal Ikarus; “RealDeathMask69”, *fanfic* de Lune Kuruta; “Manifesto a favor da linguagem de roteiro” e “Como ser um ficwriter medíocre”, de Pandora Lynn; “Projeto dissertando polêmicas” , do fórum virtual Papéis Avulsos, “10 Mandamentos para Ficwriters de Sobrenatural”, de Mysteryreadhead e “O pesadelo chamado Mary Sue”, de BastetAzazis.

Todos os textos do *corpus* tratam, de forma direta, questões que os *ficwriters* consideram problemáticas, dentro da prática em torno da *fanfiction*. Alguns deles envolvem fãs em situação de conflito com determinados indivíduos no *fandom*. Estando a ideia de campo ligada ao conflito de forças de diferentes agentes em um dado contexto, a escolha do material foi feita de acordo com alguns problemas já existentes entre os *ficwriters*: atribuição de valores a diferentes categorias de *fanfic*, havendo tipos de *fanfic* menos valorizadas do que as demais (como é o caso das *fanfics* de roteiro e as chamadas *fics* de fichas); prescrição de normas para escrita e publicação de *fanfictions* que revelassem rejeição de determinadas atitudes de fãs (textos chamados de manuais por alguns fãs); rejeição a elementos na narrativa (como é o caso da personagem tachada de *Mary Sue*), e, permeando todas essas questões, os critérios de valoração de uma *fanfiction*, que acabam por estabelecer uma hierarquização entre escritores, leitores e textos. A opção por textos assim deve-se ao meu interesse em observar as forças internas do campo da *fanfiction*, de forma a revelar e compreender como os escritores e leitores de *fanfiction* negociam suas práticas, quais valores estão em jogo em seus embates e de que forma eles se relacionam com a literatura.

Na fase de seleção do material do *corpus*, é impossível, sendo eu uma escritora de *fanfiction* desde 2001, não conhecer parte dos textos, que surgiram ao longo de minha vivência como fã. Também é impossível procurar esse material sem ter conhecimento prévio dos principais motivos pelos quais escritores de *fanfic* entram em conflito, entre os quais aqueles que envolvem as chamadas “personagens originais”, com destaque à “*Mary Sue*”; as “*fanfics* de roteiro”; a gramática; as *reviews*; a popularidade dos escritores e as “ripagens”.

Essas foram, portanto, as palavras-chave na busca pelos textos do *corpus*, com atenção a outras questões que pudessem aparecer neles.

A procura desses materiais deu-se pela ferramenta de buscas do Google. As palavras-chaves incluíam vocábulos que pudessem retornar resultados contendo temas considerados polêmicos entre escritores de *fanfics*: "*fanfiction*", "*ficwriter*", "crítica", "*review*", "*fanfic* de ficha", "*fic* de ficha", "*fanfic* de roteiro", "*Mary Sue*", "personagem original", "personagens originais", "*self-insert*", "*flame*", "*flammers*", "popular", "popularidade". Foi preciso inseri-las no sistema de buscas de forma associada (ex: "*ficwriter*" "*Mary Sue*" "crítica"), pois vários dos resultados foram *fanfics* que coincidentemente continham as palavras em notas, comentários ou até no corpo do texto, não tendo, contudo, um conteúdo relevante o suficiente na seleção. A única exceção a esse método de busca foi a *fanfic* "RealDeathMask69", que já era de meu conhecimento prévio e que mostra de forma realista como o *fandom* se comporta e quais são os problemas que *ficwriters* precisam enfrentar nesse meio. Foram encontradas outras *fanfics* sobre as personagens em contato com o mundo dos fãs, na maioria realizando o desejo do *ficwriter* de interagir com seus ídolos. Apesar do esforço, considerei a *fanfic* de Lune Kuruta mais proveitosa para a análise.

Dentre os textos retornados pela ferramenta de buscas e que foram selecionados para o *corpus*, já eram de meu conhecimento "Crítico: Você está fazendo isso errado!", "Manifesto a favor da linguagem de roteiro", "Como ser um *ficwriter* medíocre", todos originários do *fandom* de *Saint Seiya (Os Cavaleiros do Zodíaco)*, ao qual pertença (além de "RealDeathMask69"). Foi levada em conta a quantidade de informações contidas nos textos, a clareza das informações e a profundidade no desenvolvimento das ideias a respeito das *fanfictions* nesses textos. Outros textos, que não possuem a mesma densidade dos escolhidos, também são utilizados como complementação da análise.

2.3 A *fanfic*, revelada de dentro

A *fanfiction* é ficção de fã, na qual o fã cria uma história usando narrativa e personagens de outro autor. Normalmente, é essa a definição que serve bem ao propósito do *ficwriter* comum, pois não se costuma ir além desse significado. Entretanto, definir limites para o conceito de *fanfic* não é simples, e nem todos os fãs irão concordar com alguns casos. Em seu blog, o escritor George R. R. Martin, ao reforçar sua posição contrária às *fanfics*,

revela que, em sua juventude, também foi um escritor de *fanfiction*. Entretanto, o conceito de *fanfic* então era diferente daquele que conhecemos:

One of the things I dislike about fan fiction is its NAME. Truth is, I wrote fan fiction myself. That was how I began, when I was a kid in high school writing for the dittoed comic fanzines of the early 1960s. In those days, however, the term did not mean "fiction set in someone else's universe using someone else's characters." It simply meant "stories written by fans for fans, amateur fiction published in fanzines." (MARTIN, 2010)¹¹

Anteriormente, a *fanfiction* significava ficção escrita por fã para fãs, e posteriormente passou a envolver o universo narrativo de outro autor, no contexto das *fanzines*. O vocábulo, portanto, nasceu com o *fandom*, e há quem diga que, para um texto ser *fanfic*, é absolutamente necessária a existência de uma comunidade de fãs em torno dela.

Um conceito importante para entender o *fandom* e as *fanfics* é o cânone. Não se trata do mesmo conceito do cânone literário; o texto canônico no *fandom* é a narrativa referencial primeira, ou seja, aquela que os fãs reconhecem como a original. Tomando um exemplo fácil de compreender: há o romance de Machado de Assis, *Dom Casmurro*, e há a minissérie baseada na obra, *Capitu*, produzida pela Rede Globo de Televisão. Mesmo se um grupo de fãs sentir-se atraído pela minissérie, na hora de discutirem sobre Machado Assis, buscando interpretações, considerarão texto canônico apenas o romance (e esse “canônico” independe de a obra ser consagrada), pois a autoria é o principal critério para o estabelecimento do cânone. O estabelecimento do que é cânone parece simples, mas tem sua importância em objetos culturais que possuem mais de um autor ou muitas adaptações para diferentes suportes. Em alguns casos, os fãs encontram dificuldade para decidir o que consideram canônico ou não. O conceito de cânone é importante para o *fandom* não apenas na consideração de fatos para a leitura da narrativa, mas também na escolha de critérios para medir a qualidade de uma *fanfic*: muitos leitores valorizam as *fanfictions* que conseguem encaixar com perfeição sua narrativa no cânone, assim como há fãs que preferem ler *fanfics* que tomam uma direção diferente do cânone, normalmente por não concordar com este. Quando, por exemplo, um seriado de televisão faz com que o protagonista acabe em uma relação amorosa com uma personagem com a qual os fãs não concordam, é comum surgir *fanfics* retratando-o com outra personagem, para que o desejo não realizado dos fãs se concretize de alguma forma.

¹¹ Uma das coisas de que não gosto sobre fan fiction é o NOME. Na verdade, eu já escrevi fan fiction. Foi como eu comecei, quando era um garoto no ensino médio escrevendo para fanzines mimeografadas de histórias em quadrinhos no começo da década de 1960. Naqueles dias, no entanto, o termo não significava “ficção ambientada no universo alheio usando personagens alheios”. Significava simplesmente “ficção escritas por fãs para fãs, ficção amadora publicada em fanzines”. (tradução nossa)
Disponível em: <<http://grm.livejournal.com/151914.html>>. Acesso em: 23 ago 2015.

Os escritores de *fanfic* possuem uma relação direta com o seu público, pois os suportes de visualização de *fanfics* geralmente contam com um mecanismo que permite ao leitor deixar a sua *review*, ou seja, o seu comentário sobre a história. As *reviews* são a forma de os escritores medirem a popularidade de sua *fanfic* e de receber críticas quanto ao texto. Muitos fãs formam novas amizades por esse meio, fato que seria, de acordo com Marcio Siqueira (2008, p.72), um dos motivadores para a escrita de *fanfictions*. Outro fato importante ligado a essa interação é que os autores são leitores de *fanfics*, assim como muitos leitores são também escritores, permitindo, nesse contato, a formação de grupos de autores com gostos e preocupações semelhantes.

A cultura do *fandom* e as *fanfictions*, tal como são conhecidas atualmente, existe desde a década de 1960, sendo o *fandom* de *Star Trek (Jornada nas Estrelas)* seu maior representante da época. Após a difusão da Internet, no final da década de 1990, os fãs começaram a construir suportes para facilitar a visualização das *fanfictions*, como sites, blogs e fóruns virtuais, alguns limitados a seus respectivos *fandoms*, outros abertos para fãs de outros produtos culturais. Um dos primeiros sites especializados em *fanfics* no Brasil, o Miscelânea de Escritores¹², tinha como destaque o seriado de televisão *X-files (Arquivo X)*, mas aceitava publicar *fanfics* de outros *fandoms*. Atualmente, há diversas plataformas virtuais nas quais escritores de *fanfic* podem divulgar seus textos, entre os quais destaco o Fanfiction.net¹³, o Nyah! Fanfiction¹⁴ e o Anime Spirit¹⁵.

Para ilustrar um site para publicação de *fanfics*, utilizarei o Fanfiction.net, criado em 1998 por Xing Li¹⁶, que aceita *fanfics* de vários *fandoms*. Através de sua interface, é possível identificar alguns de seus recursos:

¹² Disponível em: <<http://www.geocities.ws/miscleescrit/>>. Acesso em 23 abril 2013

¹³ Fanfiction.net. Disponível em: <<http://www.fanfiction.net/>>. Acesso em 10 abril 2013.

¹⁴ Nyah! Fanfiction. Disponível em: <<http://www.fanfiction.com.br/>>. Acesso em 16 maio 2013.

¹⁵ Spirit. Disponível em: <<http://animespirit.com.br/>>. Acesso em 16 maio 2013.

¹⁶ Fanlore – Fanfiction.net. Disponível em: <<http://fanlore.org/wiki/FanFiction.Net>>. Acesso em: 06 jan 2015.

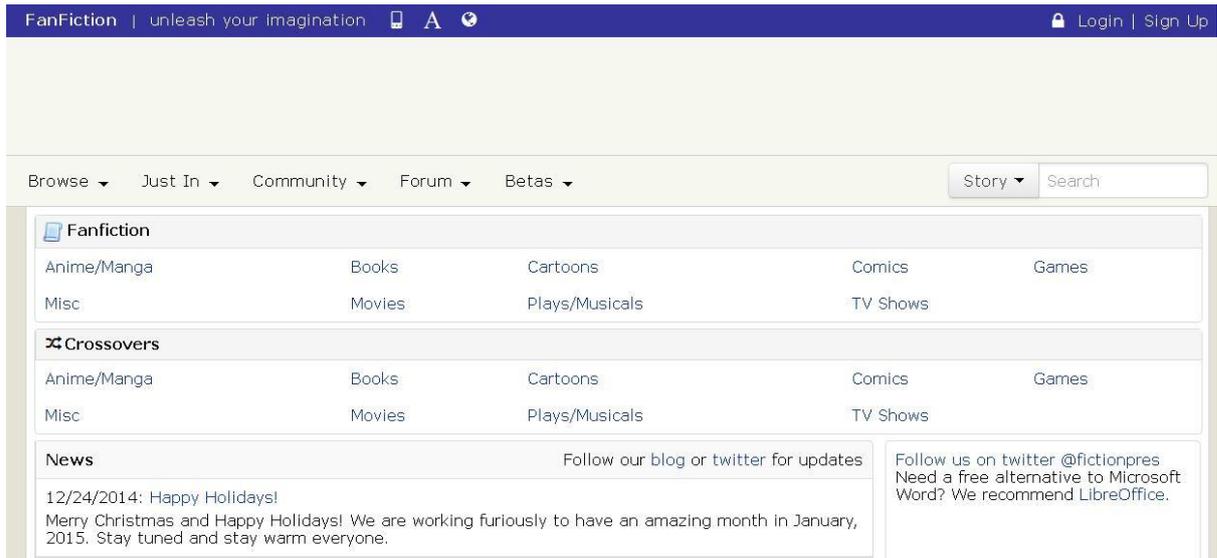


Figura 1. Fanfiction.net

O site está organizado por categorias de *fandom*: anime/mangá, livros, desenhos animados, histórias em quadrinhos, jogos, miscelânea, filmes, peças/musicais e programas de televisão. O critério para determinar a categoria é o cânone. *Harry Potter*, por exemplo, apesar de ter se popularizado com sua adaptação para cinema, tem como texto canônico os livros de J.K. Rowling, e não o filme. Portanto, no Fanfiction.net, está classificado como livro.

As práticas do *fandom*, embora venham se perpetuando desde sua origem, não constituem para os fãs um “cânone de *fanfics*”, pois, mesmo que um dado grupo de fãs passe a adorar uma *fanfic* e considerá-la vital para sua atividade, esse empenho mostra-se efêmero, de modo que os novos *ficwriters* perdem a memória dessa *fanfic*. Não existe um esforço de passar um legado aos novos fãs quanto a repertório de leituras, apenas de ensinar os modos de fazer à nova geração. Não existe formação de um repertório de modelo fixo, que todos os *ficwriters* deveriam conhecer.

Outro fato que vale a pena destacar é a existência dos *beta-readers*, ou seja, fãs que se voluntariam no trabalho de revisar *fanfics* alheias antes de sua publicação. A razão da prática desses fãs, a *betagem*, é a dificuldade que os *ficwriters* podem enfrentar ao longo da escrita. Como muitos são jovens em processo escolar, é inevitável que se sintam inseguros em relação à habilidade com a escrita. Além disso, é comum que alguns fãs, revoltados com a qualidade de escrita dos textos, passem a hostilizar esses *ficwriters* mais novos, afastando-os da prática. Os *beta-readers* são em geral *ficwriters* que já possuem alguma experiência e que fornecem aos mais novos a segurança de que não serão humilhados pelos demais por conta da qualidade

da escrita. A *betagem* também pode servir a *ficwriters* mais experientes quando desejam confiar a revisão da *fanfic* para outra pessoa, seja para ter outro olhar sobre o texto, seja por preguiça de revisar. Também utilizam a *betagem* quando escrevem em uma língua diferente da materna e não se sentem seguros quanto ao resultado.

Além de haver a *betagem* como suporte para *ficwriters* iniciantes, é comum fãs mais experientes escreverem textos dando dicas aos novatos sobre cuidados com a redação da *fanfiction*. O Nyah! Fanfiction, bastante conhecido pelos escritores e leitores de *fanfiction*, oferece a seus usuários dicas de português na seção “português”. O site também oferece o serviço de *betagem* na seção “liga dos betas”. Na página “imprensa” do site, há um breve histórico do Nyah! Fanfiction e a relação de fãs que trabalham nele. A responsável por ambas as seções de suporte à qualidade de escrita é Tatiele Freitas, graduada em letras, mestre em teoria literária e professora de português e literatura.

O texto da *fanfiction*, a princípio, é o texto narrativo do fã. Contudo, existem outros elementos que o compõem para facilitar o acesso dos fãs e fornecer informações e instruções de leitura. Usemos como exemplo a *fanfic* “Drive! – Final Alternativo”¹⁷, publicada no Fanfiction.net e escrita por Liz Eden:

TV Shows > X-Files



Drive! - Final Alternativo

By: Liz Eden

Um final alternativo para o episódio Drive! [s06e02]

Rated: Fiction K+ - Portuguese - Angst - F. Mulder, D. Scully - Words: 1,754 - Published: Jun 17, 2014 - Status: Complete - id: 10461337

[Follow/Fav](#)

A+ A- A TI

Disclaimer: Arquivo X (The X Files), suas personagens, enredo e locais são de criação de Chris Carter. Todos os direitos reservados ao autor, seus herdeiros e à FOX Entertainment Television.

Nota da autora: Quis criar um final alternativo para este episódio, *Drive*, da sexta temporada. Porém, para aqueles que talvez o tenham assistido há muito tempo e não se lembrem de todos os fatos, reproduzi algumas das cenas, como estão exatamente no episódio. Caso alguém se lembre bem, pode ler apenas a primeira e a última partes, que são o final alternativo do episódio.

Figura 2. *Fanfic* “Drive! Final Alternativo”, de Liz Eden

Antes da *fanfiction* propriamente dita, existe um cabeçalho a ser preenchido por seu autor contendo informações importantes para o leitor. Há o resumo, que é a porta de entrada do leitor na história quando está diante da lista de *fanfics* disponíveis nas páginas principais do site. A classificação etária é outro dado de importância. No caso, K+ refere-se à idade mínima de 9 anos para sua leitura. Há também a categoria a que pertence a *fanfic*: *angst*, uma *fanfic* focada nos sofrimentos internos da personagem. Em seguida, estão informados os nomes das principais personagens do texto. O leitor que quiser procurar *fanfics* envolvendo

¹⁷ Drive! Final Alternativo – Fanfiction.net. Disponível em: <<https://www.fanfiction.net/s/10461337/1/Drive-Final-Alternativo>>. Acesso em 06 jan 2015.

determinada personagem tem a possibilidade de procurar por seus nomes no recurso de busca do Fanfiction.net. O número de palavras dá ao fã ideia da dimensão do texto e do tempo gasto na sua leitura. E, já no corpo do texto, há o *disclaimer*, ou seja, o texto no qual Liz Eden afirma não ser dona das personagens utilizadas na *fanfiction*. Trata-se de uma forma de os fãs se protegerem contra acusações de plágio dos autores do texto fonte. E, por fim, a nota, onde a autora explica em qual contexto foi produzida essa *fanfic*. Nota-se que a autora avisa reproduzir algumas cenas do episódio no qual a *fanfiction* foi baseada, para facilitar a leitura. Isso demonstra a preocupação da autora com seu público.

Ao longo dos anos, fãs foram criando variadas categorias para as *fanfics*, usando como critérios a forma ou o conteúdo. Em relação à forma, há classificação que nos remete à literatura: *oneshot*¹⁸ (conto), *shortfic* (novela) e *longfic* (romance). No geral, *fanfictions* publicadas em vários capítulos costumam atrair mais leitores e comentários do que *oneshots*. Existem também as *songfics*, que intercalam prosa e letra de uma música; os *drabbles*¹⁹, que possuem exatamente cem palavras; as de roteiro, que se aproximam do gênero drama; e as *poemfics* (poemas). Em relação ao conteúdo, além da classificação que se assemelha à do cinema, (ação, drama, comédia, terror, entre outros), há a *fanfic slash* ou *yaoi* (com conteúdo homossexual entre homens), *lemon* (retrata cenas de sexo explícito entre homens), *femmeslash* ou *yuri* (com conteúdo homossexual entre mulheres), *angst* (*fanfic* focada nos sofrimentos internos da personagem), *crossover* (*fanfic* em que personagens de produtos culturais diferentes se encontram), *hurt/comfort* (na qual uma personagem sofre psicologicamente ou fisicamente, e é confortada por alguém), *UA* (universo alternativo: as personagens são deslocadas de seu universo ficcional e postas em outro, bastante diferente do primeiro), *PWP* (sigla para “*Plot? What plot?*”, para *fanfics* que priorizam a descrição do sexo, com menor preocupação com o enredo), *MPreg* (significa “*male pregnant*”, uma *fanfic* sobre um homem engravidando) etc.

Henry Jenkins, um dos primeiros teóricos do *fandom*, já tinha notado, ao analisá-lo, a hierarquia existente entre os fãs em *Textual Poachers*, mas um detalhamento maior foi fornecido em *A cultura da Convergência*, ao explicar a prática do *spoiling*²⁰, que gerava grupos fechados de fãs detentores de um conhecimento privilegiado e, conseqüentemente, de

¹⁸ Apesar de ser possível fazer uma correlação de *oneshot* com a forma do conto, seus escritores não demonstram, necessariamente, uma preocupação com a “economia de meios”.

¹⁹ O *drabble* necessariamente obriga o *ficwriter* a cuidar mais da forma do texto, aproximando-se mais do conto do que o *oneshot*. Entretanto, o *oneshot* é a forma mais usual. Para uma parte dos fãs, o número de palavras do *drabble* pode variar.

²⁰ Prática de antever os acontecimentos de um programa de televisão ou narrativa antes do anúncio de seus produtores.

uma posição de status. De fato, é relativamente fácil detectar relações de hierarquia dentro do *fandom*, embora não seja simples mapear todos os agentes atuantes nesse meio. Pensar na produção da *fanfiction* por meio da concepção de campo de Bourdieu pode ajudar a esclarecer os fatores que agem nas forças envolvidas nos debates dos fãs sobre a forma das *fanfics*.

Dentro do *fandom*, há um consenso entre os escritores de que sua prática é literária. Entretanto, a ideia de literatura para eles é diferente do que se discute sobre literatura quanto ao seu traço distintivo entre muitos teóricos, pois uma parte considera também livros *best-sellers*. E se o conceito de literatura também passa por uma ideia de eleição de uma obra por critérios de valor qualitativos, isso não acontece quanto ao conceito de *fanfic*. Terry Eagleton, ao discutir o conceito de literatura, afirma:

Os julgamentos de valor parecem ter, sem dúvida, muita relação com o que se considera literatura, e o que não se considera – não necessariamente no sentido de que o estilo tem que ser “belo” para ser literário, mas sim de que tem de ser *do tipo* considerado belo. (EAGLETON, 2003, p. 14)

Diferentemente do conceito de literatura, o que distingue a *fanfic* de outros textos é seu processo de criação, que independe da qualidade de sua escrita e de seu caráter não-oficial. Uma *fanfic* mal escrita não corre o risco de ser excluída da classificação “*fanfic*”. Isso não significa, é claro, que a definição de *fanfic* seja tão precisa. Existem textos que alguns *ficwriters* não consideram *fanfics*, enquanto outros sim. Em alguns casos, em que a *fanfic* se distancia demais do texto fonte, há dúvidas sobre sua classificação. Um exemplo seria uma *fanfic* baseada em outra, esta sendo da categoria “universo alternativo”, ou seja, uma *fanfic* que desloca as personagens para outro mundo ficcional, com pouca ou nenhuma relação com o do cânone. Ainda assim, essa dúvida ocorre em relação à ideia de que *fanfic* deve se basear no cânone. O componente “ficção” de *fanfiction* não só está ligado ao fato de a matéria ser ou não ficção, mas também à narrativa e ao desenvolvimento de um enredo, embora sejam conceitos diferentes para a teoria literária. Toda *fanfic*, por conceito, é ficção. Contudo, a narrativa em prosa está presente em quase todas as *fanfics*, de modo que os fãs estranham ao se deparar com um texto que escape dessa forma. Há *ficwriters* que não consideram *fanfic* uma carta de um personagem dirigindo-se ao *fandom* e criticando os *fanons*²¹ estabelecidos. A ausência da narrativa e a mudança da função do texto, que deixa de ser o entretenimento e passa a ser a crítica, influenciam na dificuldade de aceitá-la como *fanfic*.

²¹ *Fanon* é a cristalização de uma interpretação ou de um fato inventado sobre a narrativa canônica que não corresponde às informações oficiais. Um exemplo no *fandom* do livro *Harry Potter* é o costume de imaginar as personagens Draco e Gina em um relacionamento amoroso, inexistente no livro.

Os poemas ou *poemfics* e *songfics* (*fanfics* que misturam a letra de uma música com o texto em prosa) também podem não ser consideradas *fanfics* por alguns fãs. No caso das *songfics*, existe o problema de serem proibidas em alguns lugares por terem em sua estrutura a letra da música reproduzida integralmente, o que gera maior medo de sofrer processo judicial por causa dos direitos autorais. O Fanfiction.net proíbe a reprodução direta de textos alheios, incluindo letras de músicas. Essas categorias estão no limiar do que pode ser chamado de *fanfic*. A *songfic* não desenvolve necessariamente uma narrativa, e é nesse caso que gera dúvidas sobre sua classificação como *fanfiction*.

A *fanfic* aproxima-se em certa medida do mercado editorial, pela estrutura que os fãs criam para a própria atividade. O autor escreve a *fanfic*, manda-a para um revisor (o *beta-reader*), publica o texto em um local especializado para publicação (Fanfiction.net, Nyah!, entre outros), divulga o seu trabalho; e por fim recebe o retorno de seus leitores, que refletirá sua popularidade no meio. Dessa forma, os *ficwriters* desenvolvem uma identidade forte como autores e produtores de arte.

Isso é possível por meio de um ambiente no qual o conceito de arte não englobe apenas os artistas considerados importantes para a academia, mas também outros objetos culturais. A maioria dos fãs possui critérios diferentes para pensar o que pode ou não ser considerado arte. Assim, objetos culturais voltados para o entretenimento, normalmente distantes do espaço acadêmico, como seriados de televisão, histórias em quadrinhos, jogos de videogame, entre outros, são vistos como criações artísticas, e, seus autores, como artistas consagrados.

Na interação com seus leitores, assumem um compromisso com eles e sofrem cobrança. É comum escritores reclamarem das demandas dos leitores, que exigem a publicação rápida de novos capítulos das *fanfics* longas e manifestam desejos quanto aos destinos as personagens das histórias. Além disso, escritores de *fanfic* são considerados artistas por seus leitores, mesmo que não o sejam para aqueles de fora do *fandom*. Sua identidade como produtor de arte nasce de sua interação com seu público leitor e no desenvolvimento de um pensar sobre sua própria escrita. O autor conhece-se, adquire confiança, posiciona-se no campo e passa a enxergar-se como artista. Portanto, ele precisa ter certa experiência como *ficwriter* e também precisa do reconhecimento, vindo de seus leitores e do resto do *fandom*. Cada vez mais, *fanfics* assemelham-se a livros, fortalecendo a imagem dos *ficwriters* como produtores de um objeto artístico. Nos últimos anos, a prática de fazer capas para as *fanfics*, como se estas fossem um livro completo, tem aumentado bastante, de

modo que existem grupos de fãs que se especializam em edição de imagens e oferecem capas gratuitamente para os *ficwriters*, de acordo com seus pedidos.

O *ficwriter* pode priorizar a sua forma e almejar um ideal estético, mas isso não é uma exigência. A *fanfic* pode ser escrita em função de uma reflexão sobre o texto fonte, como também pode não ser. Não é escrita para todos: é específica para o seu *fandom*. Não está comprometida em tornar as pessoas melhores nem tem o compromisso com a realidade política e social, expectativas que muitos críticos e teóricos sustentam acerca da literatura. E a *fanfic* não precisa considerar o passado do *fandom* ou da história literária: apenas herda as classificações, os costumes, os *fanons* e os utiliza como referências do presente em sua prática.

O fato de a *fanfic* ser baseada em um dado objeto cultural e de esse processo ser parte de seu conceito, dá a ela critérios de avaliação diferentes, além daquele referente à linguagem (lembrando que, quando o fã exige qualidade de escrita em uma *fanfic*, trata-se apenas de uma escrita correta, e não de um rigor com a forma estética). A *fanfic* carrega consigo a nostalgia, o desejo de reviver o momento de recepção do objeto cultural pela primeira vez. É ela que fornece “mais um episódio inédito” para o fã, enquanto os produtores não criam novos materiais, por exemplo. O fã, impossibilitado de receber novos materiais, vai buscar na *fanfic* a sensação de recebê-los. Além disso, ela, enquanto releitura, proporciona ao leitor formas diferentes de repensar e de ressignificar a narrativa canônica.

2.4 Um breve histórico sobre *fandom* e *fanfiction*

No livro *Fan Fiction and Fan Communities in the Age of the Internet*, Francesca Coppa (2006) traça o curso histórico do início do *fandom* com a ficção científica, no qual aponta o *The Comet* como o primeiro *fanzine*²² da história, publicado em 1930, em um período anterior ao *media fandom*, relacionado aos meios de produção audiovisuais. A partir da década de 1960, com o lançamento de seriados de televisão como *Star Trek* e *The Man from U.N.C.L.E.*, fãs de ficção científica foram atraídos para esses títulos. Posteriormente, na década de setenta, houve a separação entre o *fandom* de ficção científica e o de *Star Trek*, por causa da rejeição que este sofria dentro do primeiro. É nele que a presença das mulheres na escrita de histórias tornou-se evidente. Em 1973, Paula Smith criticou a presença da personagem feminina perfeita nas *fanfictions* de *Star Trek*, as chamada *Mary Sue*, termo herdado pelos *fandoms* atuais. Coppa também aponta a presença de *fanfics* sobre

²² Junção das palavras *fan* e *magazine*, ou seja, revista não-oficial produzida por fãs.

relacionamentos entre as personagens Kirk e Spock, muitas homoeróticas. Outros programas de televisão, como *Starsky and Hutch* e *The Professionals*, incentivavam histórias sobre amizade e companheirismo entre as personagens. Assim como Kirk e Spock, as protagonistas desses programas engajam-se em aventuras e resolução de problemas, estão relativamente “isolados” do resto da sociedade por conta de suas profissões e confiam um no outro, dando aos fãs a oportunidade de desenvolver histórias homoeróticas.

Ao final da década de 70 e início da de 80, outras produções de ficção científica surgiram em reflexo do sucesso de *Star Trek*, como *Star Wars*, não sem conflito entre os próprios fãs: com o crescimento do *fandom* de *Star Wars*, parte dos fãs de *Star Trek* sentiu-se ameaçada, já que houve fãs que migraram deste para aquele *fandom*. Ao longo da década de 80, produções de ficção científica e de fantasia aumentaram consideravelmente, assim como outros gêneros televisuais. Na mesma proporção aumentou o *fandom*, e, ao final dessa década, surgiram os *crossovers*²³.

Foi nessa mesma época que os fãs começaram a migrar do papel para o meio digital, com o *Usenet* e a *BBS (bulletin board system)*²⁴, precursores da *World Wide Web (WWW)*. Coppa observa que os fãs já possuíam a cultura de uma linguagem escrita com fortes marcas de oralidade nas *fanzines*, de modo que se adequaram bem ao ambiente virtual. O armazenamento de *fanfictions* em meio virtual dependia de fãs com conhecimento tecnológico e acesso a computadores (de universidades ou de casa), e seu acesso, por algum tempo, foi restrito. Na passagem dos fãs para a *WWW*, na década de 90, mais pessoas puderam ter acesso ao *fandom* com a popularização dos computadores pessoais. É quando o *media fandom* encontra-se com outros *fandoms*: de histórias em quadrinhos, de celebridades, de música e de anime. Cada um deles possui sua própria história e especificidades, e o contato entre fãs de diferentes *fandoms* gerou o compartilhamento de práticas, e termos entre os grupos.

O *fandom* saiu das *fanzines* para as listas de discussão por e-mail (*mailing lists*), destas para os sites e fóruns e, em seguida, os blogs. O Livejournal é um serviço de rede social no qual os usuários podem criar blogs e manter contato com os amigos que se popularizou no *fandom* por volta de 2003. Os fãs passaram a publicar *fanfics* em seus próprios blogs ou em comunidades (públicas ou de acesso restrito) e a receber rapidamente o *feedback* dos leitores.

²³ *Crossover* refere-se à junção de dois universos narrativos originalmente separados. Um exemplo seria fazer as personagens de *Star Trek* encontrarem-se com as de *Star Wars*.

²⁴ Em geral, ambos os sistemas servem para a troca de mensagens de texto entre computadores. Uma das diferenças entre eles é que o *Usenet* possui alcance global e não possui um servidor central, enquanto a *BBS* tem um alcance geográfico limitado e utiliza um servidor central.

Houve também o aumento de produção de arte visual, com programas de manipulação de imagens como o Photoshop e de edição de vídeos.

Abigail Derecho estudou em sua tese de doutorado, *Illegitimate Media: Race, Gender and Censorship in Digital Remix Culture*, a produção de *fanfics* do início da comunicação digital na década de 90, em uma abordagem feminista, tendo, como foco de sua pesquisa, a produção de *fanfics* de conteúdo pornográfico, chamadas *NC-17* nos Estados Unidos. A presença de *flames*, comentários hostis às *fanfics*, marca uma resistência do próprio *fandom* à pornografia em *fanfics*, gerando, no início delas, um paratexto defensivo para evitar leitores insatisfeitos com a temática. Derecho analisa o ATXC, ou "alt.tv.x-files.creative", grupo de comunicação dedicado ao seriado de televisão *X-files*, situado no sistema *Usenet*, precursor da *World Wide Web (WWW)*, onde os fãs iniciavam sua expansão para o meio digital. Derecho demonstra como, desde aquela época, *ficwriters* tinham medo de represálias devido ao conteúdo sexual das *fanfics*. Um *ficwriter* na época escreveu, no início de seu texto: "Don't flame me if you're silly enough to go ahead and read it after I warned you, and then get offended by it." ²⁵ (DERECHO, 2008, p.146). Os autores não buscavam encorajar seus leitores a ler a *fanfic*, mas tentavam desencorajar aqueles que potencialmente lhe trariam problemas.

Segundo Derecho, o ATXC foi o primeiro site especializado em *fanfiction* da internet, e dele surgiram elementos nas *fanfics* que seriam utilizados posteriormente em todas as comunidades de *fanfics*. Uma delas é o cabeçalho (*header*), onde o autor acrescentaria orientações de leitura ou avisos aos leitores para evitar *flames*. Derecho argumenta que os cabeçalhos das *fanfics* surgiram por causa da necessidade de o *ficwriter* evitar determinados leitores, o que seria raro para um livro cujo objetivo é obter um retorno financeiro. O ATXC também mostrou os conflitos no *fandom* por causa dos *flames*, gerando o que denominamos "*flame wars*", brigas que consistem na troca de mensagens que visam ofender e irritar o outro. Dois dos *flame wars* analisados por Derecho ocorreram em 1994 e 1995, gerando grande repercussão no ATXC. O conflito era entre aqueles que estavam a favor das *fanfics* com conteúdo sexual e os que eram contra. Isso levou a administração do grupo a criar uma regra exigindo que *fanfics* com conteúdo sexual tivesse um cabeçalho avisando os leitores, a fim de evitar mais conflitos. A justificativa dos fãs contra as *fanfics NC-17* seria a falta de fidelidade da *fanfic* com relação à história canônica. Na época, o relacionamento das personagens Dana Scully e Fox Mulder não era amoroso. Além disso, os Estados Unidos passavam por um

²⁵ Não me mande flames se você for idiota o suficiente para seguir adiante e ler (a *fanfic*) depois de eu te avisar, e depois se sentir ofendido por ela. (tradução nossa)

momento de combate à pornografia, o que incentivou o ataque a *fanfics* de conteúdo sexual. Durante a *flame war* de 1995, Derecho observou que o número de publicações de *fanfics NC-17* caiu em relação às demais, por medo de represália, voltando ao normal depois de alguns meses.

Uma evidência de como as *fanfics NC-17* ainda incomodam parte do *fandom* é a regra imposta pelo Fanfiction.net em 2002, que as proibiu²⁶. O Fanfiction.net continua sendo um dos mais importantes sites de hospedagem de *fanfics*, e suas regras afetam bastante os *ficwriters*. É normal que o escritor sinta a necessidade de receber os comentários de seus leitores de volta para motivar-se a escrever. Também é natural que esses fãs busquem um lugar que lhes garantirá maior acesso ao público, a fim de atingir o maior número de leitores possível. O Fanfiction.net é essencial para muitos na hora de divulgar seus textos, por isso os *ficwriters* pensarão duas vezes antes de escrever uma *fanfic NC-17*, que não poderá receber muitos comentários em outros sites de hospedagem de *fanfics*. O motivo apresentado pelo site, contudo, não menciona o *fandom* no Usenet, mas a legislação de proteção à infância nos Estados Unidos. Como o site é utilizado também por crianças e adolescentes, conteúdo sexual é proibido nele. Mesmo assim, *ficwriters* se revoltaram com a regra e fundaram o AdultFanfiction²⁷, um site de hospedagem de *fanfics* exclusiva para o público adulto.

Outro tipo de *fanfic* prejudicado pela censura do Fanfiction.net foi a interativa. Na página onde estão descritas as regras de postagem do site, na lista de proibições, consta: "Any form of interactive entry: choose your adventure, second person/you based, Q&As, and etc"²⁸. Segundo a administração, boa parte das *fanfics* interativas são narradas em segunda pessoa, e muitas possuem conteúdo sexual explícito. Há o medo de menores de idade encontrarem um texto assim e se sentirem implicados nos trechos onde há descrições de atos sexuais. Mesmo que o Fanfiction.net conte com um sistema de classificação por idade nas *fanfics* e mesmo com a proibição de conteúdos sexuais nas postagens, restava o medo de serem processados caso alguma criança viesse a ler *fanfics* pornográficas. Outro problema seria, nas *fanfics* em quem os leitores decidem a continuação da história, o autor perder o controle sobre a *fanfiction* em questão para seus leitores.

²⁶ Não é difícil, no entanto, encontrar *fanfics* contendo descrições de sexo explícito em português no Fanfiction.net. Isso se deve à dificuldade de monitorar *fanfics* em línguas diferentes e publicadas em grandes quantidades. Também há leitores que não denunciam essas *fanfics* porque desconhecem as regras, discordam delas ou simplesmente não querem ter o trabalho.

²⁷ AdultFanfiction. Disponível em: <<http://www.adult-fanfiction.org/>>. Acesso em: 22 julho 2016.

²⁸ Qualquer forma de publicação interativa: escolha a sua aventura, escritas em segunda pessoa, perguntas e respostas etc. (tradução nossa)

Quanto à trajetória do *media fandom* no Brasil, especificamente de *Star Trek*, o artigo “Os fãs de Jornada nas Estrelas no Brasil”²⁹, de Marcello Simão Branco retrata o início desse *fandom* pelos primeiros grupos: o Star Trek Brasil no início da década de 1980, que fazia encontros semanais para conversas e troca de materiais; a Sociedade Astronômica Star Trek (SAST), criada em 1983, que, além de juntar-se ao primeiro grupo, também possuía uma publicação, a Star News; o Trekker’s Club, criado em 1989 em reflexo ao SAST, e a Frota Estelar Brasil (FEB). Nesse período, é interessante assinalar a proximidade do Trekker’s Club com o Clube de Leitores de Ficção Científica (CLFC), levando-o a tomar ares de clube literário em vez de um clube dedicado a um seriado de televisão. A atuação mais significativa foi a da FEB, que promoveu eventos para os fãs, trazendo inclusive os atores do seriado de televisão para o Brasil.

A posterior dispersão desses fãs deu-se por vários motivos: surgiram outros fã-clubes em outras regiões do país. Além disso, com a exibição de *Star Trek* na televisão brasileira e seu lançamento em VHS e posteriormente em DVD, o número do público que comparecia às reuniões do grupo diminuiu. A passagem para a internet levou os fãs a fóruns de discussões online, sem a necessidade de deslocamento.

Não tenho informações concretas sobre em que momento a cultura da *fanfiction* surgiu dentro desses grupos, embora suponho que tenha surgido com as publicações. São poucos os relatos de fãs sobre o início da internet e da cultura da *fanfiction*, portanto muitas informações nesta seção carecem de precisão, pois se baseiam em minha própria vivência como fã. Meu primeiro contato com as *fanfictions* deu-se no final da década de 1990 e no início de 2000 na passagem para a internet com o *fandom* de *Saint Seiya (Cavaleiros do Zodíaco)*. Nessa época, as *fanfics* já haviam se difundido para fãs e diversos produtos culturais. Os principais que reuniam em torno de si escritores de *fanfic* eram, além deste mencionado: *X-Files (Arquivo X)*; *Buffy the Vampire Slayer (Buffy, a caça-vampiros)*; *Xena: Warrior Princess (Xena: a princesa guerreira)*; *Highlander*; *Dragon Ball*; *Sailor Moon* e *Yuyu Hakusho* e *Harry Potter* (mais presente a partir de 2001).

Quanto à difusão da *fanfiction*, lanço a hipótese de que parte se deu dentro do próprio Brasil, a partir do *fandom* de *Star Trek*. Marcio Siqueira (2008, p.27) também tentou rastrear o início das *fanfics* no Brasil, e aponta para três *fanfics* encontradas: “USS Atlantis - Novos exploradores - Missão I - Fatos consumados” (1989-1990), de Sílvia Costa e Lorna Dannan, baseada em *Star Trek*; “Poderia ser assim” (1999), de Wanilda Vale, baseada em *X-Files* e

²⁹ Os fãs de Jornada das Estrelas no Brasil. Disponível em: <<http://www.scarium.com.br/artigos/simao02.htm>>. Acesso em: 6 jan 2015.

“Trek Wars” (1998), de Roberto Kiss, um *crossover* entre *Star Trek* e *Star Wars*, que seria um marco para leitores e voluntários que o pesquisador consultou, o que indica a influência de *Star Trek* para os *ficwriters* que migraram para outros *fandoms*.

A outra via, na qual me encaixo e que também foi apontada por Vargas (2005, p.29), foi pelos fãs que começaram a acessar a internet e, na escassez de material em português sobre o objeto de paixão, recorreram aos primeiros sites estrangeiros, onde tiveram contato com o vocabulário próprio dos fãs. Esse foi o momento em que o número de *fanfics* em português começou a multiplicar-se, em *websites* pessoais ou que reuniam grupos de escritores. Um exemplo seria a extinta Miscelânea de Escritores³⁰, criada por Wlad, cujos vestígios ainda podem ser encontrados no Web Archive, um site que reúne arquivos digitais da internet com o objetivo de auxiliar pesquisadores. Nele é possível resgatar a página principal da Miscelânea de Escritores, fundada em 2000, com última atualização em 2003. A Miscelânea de Escritores reunia escritores de *fandoms* variados, embora fosse centrada no seriado de televisão *X-Flies*. O site possuía as seguintes seções: “Literatura”, “Arquivo X”, “Anime” e “Estórias variadas”. Em sua descrição, consta:

Olá amigos internautas! Esta página tem a finalidade de coletar e exibir na WWW estórias ou contos dos mais variados assuntos, iniciando com a literatura convencional, contos, poesias, crônicas e etc. Se vc gosta de ler ou escrever, entre na nossa seção de literatura.

Neste site também tem espaço para escritores de Fan fictions, estórias escritas por fãs sobre seu filme ou série preferida. Em especial há uma seção somente para Arquivo X, mas se vc escreve sobre outros filmes, quadrinhos, livros ou séries, como Matrix, StarWars, Batman, Xena, De volta para o futuro, Harry Potter, X-men, Buffy, Simpsons, Caverna do Dragão, Homem Aranha, Futurama, Jornada nas estrelas ou qualquer outro, não se aflija, clique num dos links de Estórias Variadas.

E vc internauta, que também é fã de desenhos animados japoneses como eu, não fique de fora da Miscelânea de Escritores. Há um espaço para você na seção de anime.

Percebe-se na Miscelânea de Escritores um esforço para reunir escritores provenientes de diferentes partes, *ficwriters* ou não, e aproximá-los da literatura “convencional”. Embora as *fanfics* tendam a imitar formas de linguagem do próprio seriado de televisão e dos animes, por serem escritas, estão associadas, são consideradas por fãs como Wlad, desde o início do *fandom* no Brasil, literatura. Atualmente, em sites de *fanfics* como o Nyah! Fanfiction³¹, o que seria correspondente à seção “Literatura” na Miscelânea é a categoria “Originais”, que passou

³⁰ Miscelânea de escritores. Disponível em: <<http://web.archive.org/web/20090117061229/http://wladv.cjb.net/>>. Acesso em 10 set 2014.

³¹ Nyah! Fanfiction. Disponível em: <<http://fanfiction.com.br/categoria/>>. Acesso em: 06 jan. 2015.

a ser a forma usual de classificar narrativas escritas por fãs que não fossem *fanfics*. Outro site *multifandom* (que lida com vários *fandoms*), mais popular do que o Miscelânea de Escritores, foi a Biblioteca de Guaruhara³², administrada por Hadrian Marius, também fundada em 2000. Nela também se usava o termo “Originais” para essas narrativas, embora essa categoria se encontrasse dentro da seção de *fanfics*.

Convém observar que nem todo o vocabulário dos fãs estrangeiros foi adotado de imediato pelos brasileiros. Embora termos utilizados para classificação de *fanfics* já fossem conhecidos desde o início, o termo *Mary Sue* só começou a fazer parte do vocabulário dos fãs de forma efetiva por volta de 2003, quando a cultura do fã se popularizou definitivamente. Um exemplo de como o ano de 2003 serviu como espécie de divisor de águas no *fandom* brasileiro é o relato de Lordoff³³, um fã dedicado ao *scanlation*, ou seja, a prática de disponibilizar de graça mangás escaneados traduzidos pelos próprios fãs. Lordoff, tendo vivenciado o início do *fandom* sob a ótica dessa prática, divide o *scanlation* no Brasil em 4 gerações. A primeira é de 1999 até final de 2002 e começo de 2003, e tem como “características da época”: “Paixão pelos mangás, dedicação e esforço por parte dos founders dos grupos, respeito e ética entre scanlators”. A segunda geração inicia-se em 2003, na qual Lordoff enumera as características: “Grande volumes [sic] de lançamentos, muitos títulos disponíveis e desapego a valores um dia estabelecidos.”

Com o aumento do número de fãs, aumentaram também os sites especializados em cada *fandom*. Como antes escritores de *fanfics* eram escassos, associação em grupos *multifandom* pareceu mais interessante na época. Entretanto, o maior número de *ficwriters* levou-os à interação com os escritores de seu próprio *fandom*. O esforço para centralizar escritores de diferentes lugares continuou com um amigo de Wlad, o Lexas, com um fórum especializado em *fanfiction*. Primeiramente localizado no domínio fanfiction.com.br³⁴ (sendo conhecido por esse endereço), hoje utilizado pelo Nyah! Fanfiction, e posteriormente no endereço forum.fanfiction.com.br. O fanfiction.com.br possuía uma seção dedicada a debates entre os escritores chamada “Usina de Idéias”, na qual eram publicados diversos artigos sobre como escrever *fanfics* e outros textos. Entre os tópicos presentes nessa seção, há textos com recomendações prescritivas para os escritores, como: “Como escrever cenas de luta”, “30

³² Biblioteca de Guaruhara. Disponível em:

<<http://web.archive.org/web/20020213125547/http://www.guaruhara.hpg.ig.com.br/ficenter.html>>. Acesso em: 06 jan 2015.

³³ GSMFans. Disponível em: <<http://www.gsmfans.org/index.php?topic=27862.0>>. Acesso em: 07 jan 2015.

³⁴ Fanfiction.com.br - Usina de idéias. Disponível em:

<<http://web.archive.org/web/20070208101249/http://forum.fanfiction.com.br/viewforum.php?f=11&sid=050bd8c6b02ddd0ce8fdd2847a17ccb>>. Acesso em 06 jan 2015.

dicas para escrever bem”, “O manual não convencional, e rápido, para o zineiro moderno!”, “Como escrever bem” e “Como escrever artigos”.

3. CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS SOBRE A *FANFICTION*

3.1 *O fandom* como resistência à indústria cultural

Apesar de não ser muito conhecida no Brasil, existe uma área de estudos dedicada especialmente ao fã, iniciada nos Estados Unidos: os estudos do fã ou *Fan Studies*. Os primeiros trabalhos já relacionavam o *fandom* e os fãs à teoria de campo de Bourdieu, levando os teóricos a uma leitura dos fãs na chave da resistência, ainda muito discutida na atualidade. Em geral, os primeiros trabalhos destacavam a relação entre *fandom* (os dominados) e produtores culturais (os dominadores). Isso teria relação com a visão de Adorno, segundo *A Indústria Cultural*:

O cinema e o rádio não têm mais necessidade de serem empacotados como arte. A verdade de que nada são além de negócios lhes serve de ideologia. Esta deverá legitimar o lixo que produzem de propósito. O cinema e o rádio se auto definem como indústrias, e as cifras publicadas dos rendimentos de seus diretores-gerais tiram qualquer dúvida sobre a necessidade social de seus produtos. (ADORNO, 2009, p.6)

Por considerar os produtos da indústria cultural uma forma de manipulação das massas, de baixo valor estético, todos semelhantes entre si, com narrativas previsíveis que seguiriam uma fórmula pré-estabelecida, tomando o lugar da arte e da cultura tradicional, Adorno chama esses produtos de “lixo”. Essa visão acabou por criar uma resistência grande na aceitação de pesquisas sobre fã e *fandom*, o que fez os primeiros pesquisadores sobre o fã destacarem principalmente as boas qualidades do *fandom* e omitir outras pelo bem da pesquisa. Sendo eles pressionados, não só pela sociedade com a visão negativa do fã, mas também pelo meio acadêmico, estudar e trazer o fã para baixo dos holofotes foi uma questão política também.

Eco faz uma crítica sobre o posicionamento dos chamados apocalípticos, encabeçados pela Escola de Frankfurt, e os integrados que defendem a cultura de massa, listando os argumentos de ambas as partes. Algumas das críticas dos apocalípticos foram derrubadas pelos Estudos do Fã, como o suposto encorajamento à passividade do público. Eco descreve a visão dos apocalípticos a respeito dos produtos de massa:

Feitos para o entretenimento e o lazer, são estudados para empenharem unicamente o nível superficial da nossa atenção. De saída, viciam a nossa atitude, e por isso, mesmo uma sinfonia, ouvida através de um disco ou do rádio, será fruída do modo mais epidérmico, como indicação de um motivo assobiável, e não como um organismo estético a ser penetrado em profundidade, mediante a uma atenção exclusiva e fiel. (ECO, 2008, p. 41)

O que é curioso, nessa passagem, é que a própria condição de fã leva um indivíduo a um comportamento completamente contrário ao descrito. Normalmente, o fã é um grande apreciador da cultura de massa, mas sua ligação com o objeto cultural está bem distante de ser superficial, dada a imensa identificação com ele. Os fãs passam horas sem interrupção discutindo leituras e interpretações das narrativas desses mesmos produtos criticados pelos apocalípticos. E, acima de tudo, o fã enxerga esse objeto como arte, da mais alta estima, mesmo conhecendo seus defeitos e suas limitações. Mesmo que esses objetos culturais sejam considerados uma imposição de valores da burguesia sobre a massa trabalhadora, as produções dos fãs são uma possibilidade para explorarem temas que não seriam aceitos normalmente pela sociedade em geral (como, por exemplo, as *fanfics* com teor homossexual). E se Adorno critica a perda do lugar da cultura tradicional para a cultura de massa, eis que o fã constrói, a partir desta, uma cultura para si próprio, que não é “autêntica”, mas também foge do controle dos produtores culturais.

Após criticar as posições dos apocalípticos e dos integrados, Eco (2008, p.65) sugere outros caminhos de pesquisa para refletir sobre a cultura de massa, entre os quais há um chamado: “uma análise estético-psicológico-sociológica de como as diferenciações de atitude frutiva podem influir no valor do produto fruído”, no qual é observado que é o modo de fruição de um produto que o banaliza. Dessa forma, “é fatal que muitos produtos culturalmente válidos, difundidos através de determinados canais, submetam-se à banalização devida não ao próprio produto, mas às modalidades de fruição” (ECO, 2008, p. 65).

Não desejo de maneira alguma afirmar que um modo de fruição, por si só, seja superior a outro; apenas reconhecer que formas diferentes de fruição influem no valor atribuído ao produto. Considero esse valor, no entanto, relacionado ao seu receptor: dependendo da forma como se dá a fruição, o valor do objeto cultural é maior ou menor para quem o frui. O *fandom* envolve uma forma específica de consumo, na qual a ligação afetiva do fã com o objeto cultural estimula-o a analisar e a manusear a narrativa em questão, com extrema habilidade. A dimensão afetiva, o modo de fruição e as consequências que este gera na vida do fã são todos fatores que determinam o valor do objeto cultural. Assim como uma obra de arte pode ser fruída superficialmente, um produto de massa pode ser analisado de forma detida e aprofundada pelos fãs. Além disso, ele também pode ser ressignificado por meio de *fanfictions* e de outras produções do *fandom*.

Eco (2008, p. 44) observa também pontos relevantes levantados pelos integrados. Afirmam estes que a cultura de massa é fenômeno de uma sociedade industrial, na qual um grupo social que detêm o poder precisa comunicar-se com o resto da população, detentora de

menos poder. A difusão da cultura de massa deve à ampliação do acesso da população aos bens culturais. Não se espera que o modo de fruição do trabalhador braçal seja idêntico ao de uma elite intelectual. Entretanto, a cultura de massa, que fornece um grande número de informações às pessoas, abre caminho para a formação delas. Neste ponto, há de considerar que a prática em torno da *fanfiction*, sendo parte de um modo específico de recepção da cultura de massa, é uma maneira de os fãs buscarem seu próprio aprimoramento intelectual e humano, levando-os à análise de objetos culturais de maior dificuldade. Além disso, trata-se de um modo de fruição que acaba por expressar ânsias de grupos que não se sentem representados na cultura de massa, como mulheres, homossexuais, entre outros. Eco tem razão ao afirmar que as massas tornam-se mais propensas a participar da vida associada, e isso se torna claro com a intensificação da atividade das massas por meio da internet, que permitiu à difusão da cultura dos fãs.

Vale observar que, assim como existem apocalípticos e integrados na crítica sobre a cultura de massa, nos estudos do fã também existem críticos que atacam e defendem a produção dos fãs. Uns criticam o nível da qualidade da produção do fã, enquanto outros celebram toda e qualquer produção dos fãs, independente da qualidade. Matt Hills (2003, p. 146) afirma que essa cisão entre o que ele chama de elitistas e populistas é prejudicial, pois ambos os lados não observam como a cultura do fã efetivamente avalia os textos que ela mesma produz, ou seja: na tentativa de omitir fatos negativos no *fandom*, pesquisadores evitam falar sobre as intensas discussões dos fãs em torno de seus próprios textos. Esta pesquisa, portanto, também atende à sugestão de Hills para melhor compreender a *fanfiction*. Este assunto voltará a ser tratado no item 5.4 O campo da *fanfic* e a cultura de massa.

Enquanto é verdade que os fãs se destacam muitas vezes como produtores de novos conteúdos, não se pode esquecer de que se trata de consumidores, atrelados ao modo de produção capitalista. Afinal, dentro dos fãs, encontramos a famosa figura do colecionador. Fãs são pessoas ávidas por todos os produtos relacionados ao objeto de paixão. Os produtores culturais de um seriado de televisão de sucesso, por exemplo, não estão limitados apenas aos episódios televisivos, mas a livros com histórias adicionais, jogos, brinquedos, colecionáveis, roupas, canecas, entre muitos outros produtos. E a garantia de que não haverá prejuízo nas vendas dos objetos relacionados é justamente a existência de um *fandom* forte para consumi-los. Boa parte dos fãs tem consciência de que a continuação do seriado de televisão depende do lucro obtido com todos esses negócios; por isso consome pensando na conservação do objeto de paixão e, por extensão, de seu *fandom*. É claro que o fã, muito mais do que os demais consumidores, é mais exigente na qualidade do produto que tem em mãos, pois espera

dos produtores o mesmo cuidado que ele dispensa àquele objeto. Quando suas expectativas não são atingidas, é possível a revolta do *fandom* transformar-se em um boicote ao produto oferecido.

3.2 A noção de campo, segundo Bourdieu

As ideias de Pierre Bourdieu acerca do campo literário apresentam uma interessante possibilidade para tratar do *fandom*, que é a de analisá-lo como um campo. Em *As regras da Arte*, Bourdieu define campo como:

O campo é uma rede de relações objetivas (de dominação ou de subordinação, de complementaridade ou de antagonismo etc.) entre posições – por exemplo, a que corresponde a um gênero como o romance ou a uma subcategoria tal como o romance mundano, ou, de outro ponto de vista, a que localiza uma revista, um salão ou um cenáculo como locais de reunião de um grupo de produtores. (BOURDIEU, 1996, p. 261)

O conceito de campo tem relação com poder e com o capital que cada agente desse espaço de disputas entre forças (de conservação ou de ruptura) possui, na luta por algum prêmio. O indivíduo ou o grupo, para ascender socialmente no campo, irá dispor de todos os instrumentos e estratégias à mão, dentro de seu perfil – seu caráter, seu poder econômico, seu capital cultural e social. No caso do campo literário, a luta seria pelo capital simbólico, que, segundo Bourdieu (2004, p. 163), seria “o capital econômico ou cultural quando conhecido e reconhecido”.

Nesse campo de disputas, existem os indivíduos em posições privilegiadas (dominadores), em contraposição aos que possuem menos alcance (os dominados). Cada um dos indivíduos nesse campo tem seus próprios recursos para obter vantagens e maneiras de ser bem sucedido nesse espaço. Dessa forma, um fã que se torna dono de um site de hospedagem de *fanfics* terá maior importância e força no campo das *fanfics* e poderá até influenciar os critérios que tornariam uma *fanfic* de boa ou de má qualidade ao selecionar quais textos seu site hospedará.

No campo, aqueles que detêm o monopólio do objeto de desejo tendem a lutar pela conservação do campo, enquanto que os dominados, normalmente os mais jovens, procuram subverter o campo. O objetivo dos jogadores no campo é obter a autoridade para manter-se no poder. O prêmio em disputa no jogo de forças é específico do campo e depende dos interesses de seus participantes. Escritores de *fanfics*, em sua maioria, desejam o capital simbólico, ou seja, o prestígio perante seu público. Há *ficwriters* que buscam isso pela qualidade da escrita e

outros que optam por investir esforços em estratégias para conseguir o maior número de leitores.

Para a existência do campo, é preciso haver uma relativa autonomia com relação a outros campos em sua dinâmica própria; o reconhecimento por parte dos indivíduos de um objeto de desejo que todos almejam; indivíduos que conheçam as regras do campo e estejam dispostos a brigar pelos objetos de disputa; e a tendência de impedir que agentes externos modifiquem o modo de funcionamento do campo.

É importante lembrar que o campo também significa o resultado de lutas anteriores, que vai influenciar na divisão do capital entre seus agentes. Ao mesmo tempo, ele representa um estado da luta, no qual seus participantes buscarão, dentro de suas habilidades e capital, a melhor forma de obter o objeto de desejo. Apesar de a disputa poder ser subvertida, tornando dominados em dominadores, ninguém considera a possibilidade de exterminar o próprio jogo, devido ao esforço e aos investimentos acumulativamente depositados nele. Para a literatura, é impensável desconsiderar tudo o que foi dito a respeito dela desde o início da história. Ela é, afinal, um bem cultural. De certa forma, o mesmo pode ser dito sobre a *fanfiction*, por ser um objeto depositário da paixão dos fãs, mesmo sem constituir um cânone de *fanfics*.

Segundo Bourdieu, um dos sinais de existência dos campos é que se torna impossível ler uma obra sem conhecer a história da produção do objeto em questão. Como não há um rol de *fanfics* canônicas, apenas aquelas que alguns leitores admiram, mas não a maioria, é mais difícil encontrarmos uma *fanfic* cuja leitura seja impossível para quem não conhece a história do *fandom*. Entretanto, isso não significa que não haja um conhecimento de longa data, herdado do *fandom* anterior ao da internet, e que o campo da *fanfic* não seja relativamente autônomo.

Outra noção importante para entender as proposições de Bourdieu seria o *habitus*, a incorporação das estruturas da sociedade pelo indivíduo de forma inconsciente, de modo a predispor o seu gosto.

É porque os sujeitos não sabem, propriamente falando, o que fazem, que o que eles fazem tem mais sentido do que eles sabem. O *habitus* é a mediação universalizante que faz com que as práticas sem razão explícita e sem intenção significativa de um agente singular sejam, no entanto, "sensatas", "razoáveis" e objetivamente orquestradas. (BOURDIEU, 1983, p. 73)

O *habitus* é fundamental para compreender de que modo a sociedade se reproduz, não apenas em suas estruturas, como na interioridade de seus membros. Pode ser um conceito útil para entender, por exemplo, o grande medo que escritores de *fanfic* sentem com relação à

criação da *Mary Sue*³⁵, mesmo que eles nunca tenham tido problemas com uma. Esses autores, temendo a reação de leitores enfurecidos com a existência de *Mary Sue*, acabam por fugir do uso de personagens originais femininas por incorporação de um fazer que é dominante, que torna a decisão de fuga coerente, do ponto de vista da necessidade de sobreviver dentro do campo. Esse *habitus* entre os escritores de *fanfic* está ligado a instâncias de legitimação da cultura, como a alta literatura, a escola, as universidades.

A repetição de comportamentos dos indivíduos tende a refletir estruturas sociais correspondentes às suas respectivas posições no campo. Isso diz respeito ao gosto, e de como ele é moldado por um modo de agir e de pensar que favorece a sobrevivência social de um indivíduo dentro do campo. Portanto, quando uma pessoa de fora do *fandom* vê um homem participar do *fandom* de *My Little Pony*³⁶ (*Meu pequeno pônei*), e não gosta, está inconscientemente se pautando em uma determinada maneira de ser do homem, mesmo que tenha uma opinião favorável ou neutra em relação ao fato, como quem diz “não tenho nada contra, mas acho estranho”. Trata-se de uma maneira de ser condicionada pelo *habitus*, da mesma forma como, embora a cultura do fã esteja amplamente difundida na sociedade, ainda resta o *habitus* formado em relação ao fã, que o entende como um indivíduo portador de uma patologia.

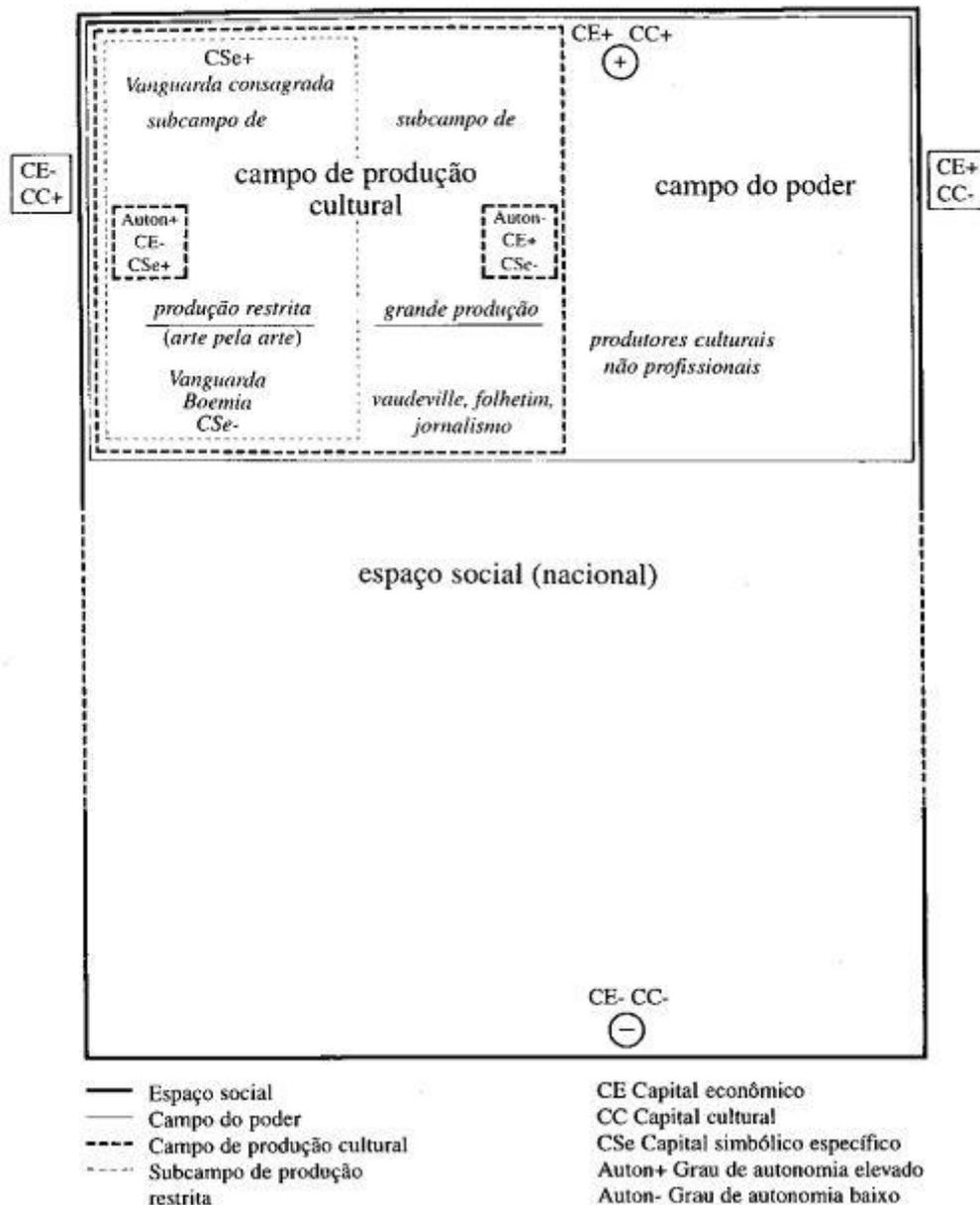
Não foi possível encontrar dados socioeconômicos concretos dos fãs que participaram das discussões analisadas no *corpus*. No entanto, é possível afirmar que são fãs com conhecimento e condições financeiras suficientes para utilizar a internet, e, por meio da análise do *corpus*, depreender as opiniões que carregam em relação aos temas sobre os quais debatem.

O campo do poder funciona de acordo com o capital acumulado por seus agentes. O capital econômico cria a possibilidade de o agente que o detém adquirir outras formas de capitais – cultural, simbólico e social. Entretanto, o campo literário, estudado por Bourdieu a partir da época de Flaubert, funciona de forma diferente, pois o capital simbólico aparece em uma relação inversa com o capital econômico. Os escritores consagrados dependem de capital econômico para escreverem, sendo que a arte que desenvolvem não tem por objetivo o dinheiro, como é o caso dos folhetins, que não são considerados consagrados, mas possuem capital econômico. De forma esquemática, Bourdieu representou a formação do campo literário da época da seguinte maneira:

³⁵ Personagem exageradamente perfeita, que ganha destaque em relação aos demais, possui inúmeras habilidades e nenhum defeito e muitas vezes morre de forma dramática.

³⁶ Objeto cultural que reúne em torno de si uma grande quantidade de fãs do gênero masculino.

*O CAMPO DE PRODUÇÃO CULTURAL
NO CAMPO DO PODER E NO ESPAÇO SOCIAL*



No diagrama, o campo de produção cultural do século XIX está separado nos polos opostos: produção restrita (arte pela arte) e grande produção. Este está marcado por um grau de autonomia baixo, por ter relações de dependência com o campo do poder, que lhe dão capital econômico, e por menor capital simbólico no campo da literatura, ou seja, por não produzir uma literatura de prestígio. Por outro lado, dentro do subcampo de produção restrita, também existe uma hierarquização entre dominantes (vanguarda consagrada) e dominados (vanguarda boêmia), com menor capital simbólico. Nas *Regras da Arte*, Bourdieu analisa essa polarização por meio da candidatura de Baudelaire, pertencente à vanguarda boêmia,

constituída em oposição ao mundo burguês, à Academia Francesa de Letras, atitude que seria uma transgressão da estrutura do campo, desafiando aqueles que ocupam uma posição de privilégio no campo e reivindicando legitimidade de sua arte. São transgressões como essas que possuem a potência para alterar o equilíbrio de forças no campo, virando o jogo de disputas entre seus agentes. A atitude de Baudelaire, que recusava a interferência do campo do poder sobre o da literatura, era também a reivindicação para a autonomia do campo.

3.3 As contribuições dos Fan Studies

Fan Studies constituem uma área de estudos multidisciplinares, dedicada ao fã e à sua cultura. Certamente, o pesquisador mais influente nos estudos do fã é Henry Jenkins, autor de *Textual Poachers* (1992), estudo que abriu portas para que outros pesquisadores pudessem investigar o *fandom* a fundo. Seu trabalho é talvez o mais citado em pesquisas sobre o fã, por revelar o *fandom* de dentro, em sua posição como *aca-fan* (*academic fan* ou fã acadêmico). O *aca-fan* seria o acadêmico que é também um fã: conhece a fundo as práticas dos fãs por sua própria vivência, e as traz para a análise no espaço acadêmico. Ao mesmo tempo em que tem a vantagem de dispor de informações e de contatos que um pesquisador de fora teria dificuldade para alcançar, possui com os fãs o compromisso de representá-los, pois não pode isolar de si sua identidade de fã.

Os estudos dos fãs já apontavam desde o início para o *fandom* como uma forma de consumo que, por ser produtiva, contrapunha-se à suposta passividade do receptor de produtos da cultura de massa. Muitos teóricos dos estudos do fã, sobretudo Henry Jenkins, afirmam que o *fandom* seria uma forma de resistência em relação à imposição de valores de uma cultura dominante, por meio de produções que nem sempre concordam com a história oferecida: fãs que rejeitam o final de um seriado de televisão, por exemplo, escrevem *fanfics* contando um final diferente, “resistindo” à narrativa imposta pelos produtores culturais. De fato, o *fandom* constitui um espaço social que precisa de liberdade em relação aos produtores dos objetos culturais e ao resto da sociedade para constituir-se. É possível um grupo de espectadores reunir-se para discutir sobre um filme, analisá-lo e apresentar interpretações para os colegas. Eles estão fazendo o mesmo que os fãs de um *fandom* fazem, e é uma reação esperada dos produtores culturais. Mas a produção do *fandom* vai bem além da leitura, pois produz conteúdos que escapam ao poder desses produtores. Dessa forma, autores dos livros podem processar os fãs pelas *fanfics* que escrevem, por não concordar com a liberdade do fã

no *fandom* para utilizar as personagens em novas narrativas. Portanto, a *fanfic* não é apenas uma forma de leitura, mas nasce do processo da leitura e migra para o da criação, incorporando elementos que não seriam normalmente aceitos em uma leitura que visasse buscar o sentido do texto.

Atualmente, muitos fãs não pensam que ocupam uma posição de resistência em relação aos produtores culturais. O que se nota, no entanto, é que a visão preconceituosa da sociedade em relação ao fã era mais forte na época de Jenkins. Se o caráter de resistência do *fandom* foi forte na época de publicação do livro *Textual Poachers* (1992), de Jenkins, seja pelo fato de os fãs dedicarem-se principalmente aos produtos da Indústria Cultural, seja pela opinião negativa em relação ao fã estereotipado, a abertura cultural a partir da popularização da internet resultou no fortalecimento da cultura do fã e de maior aceitação de produtos de massa na sociedade. Embora frequentemente haja conflitos entre produtores culturais e fãs, é importante considerar que as empresas produtoras de seriados de televisão, filmes e jogos, bem como outras instâncias de importância, estão mais atentas à sua relação com os fãs e estão aprendendo a respeitar o *fandom*, por este constituir-se numa fatia importante de consumidores e por ser, também, um formador de opiniões, até para o público em geral.

Editoras de quadrinhos possuem uma relação mais aberta com os fãs, enquanto as que se concentram nos livros tendem a considerar menos o *fandom*. Entretanto, esse cenário está se alterando, dada a necessidade das editoras de estabelecer um canal de comunicação mais aberto com seus leitores, levando-os a contratar alguns fãs para servir de intermediários entre os dois grupos e interagir com o público por meio de redes sociais como o Facebook e o Twitter. Um bom exemplo de como as editoras têm tentado uma aproximação com os fãs é o da Rocco, em relação aos fãs de *Harry Potter*. Um dos mais conhecidos sites do *fandom* de *Harry Potter*, o Potterish, realizou em abril de 2016, uma série de eventos em parceria com a editora para divulgar o livro *Vocação para o mal*³⁷, escrito por J. K. Rowling, sob o pseudônimo de Robert Galbraith.

O perfil da Prefeitura de Curitiba na rede social Facebook, além de informar a atividade do órgão público pela rede social, brinca com elementos de jogos, desenhos animados, mangás e seriados de televisão. Em uma publicação em 28 de dezembro de 2014³⁸, a prefeitura ofereceu aos internautas um modelo de papel representando o Doctor,

³⁷ Potterish realizará a turnê Cormoran Strike em parceria com a editora Rocco – Potterish. Disponível em: <<http://potterish.com/2016/04/potterish-realizara-a-turne-cormoran-strike-em-parceria-com-a-editora-rocco/>>. Acesso em: 12 ago 2016.

³⁸ Prefeitura de Curitiba. (2014, 28 de outubro). Disponível em: <<https://www.facebook.com/PrefsCuritiba/photos/pb.515514761825666.-2207520000.1425070397./800942106616262/?type=3&permPage=1>>. Acesso em: 04 dez 2014.

personagem do seriado de televisão *Doctor Who*. Uma internauta, Carol Aguiar, publicou um comentário em resposta: “UHAUHAHUAUHAHUA Não aguento esses whovians aí da Prefs! XD”³⁹. E a prefeitura respondeu de volta: “Carol, temos timelords entre nós”. Timelords é a raça alienígena à qual o Doctor pertence, e “whovians” é a forma como os fãs de *Doctor Who* se autodenominam. O fato de esse conteúdo relacionado ao fã aparecer no canal de comunicação de uma prefeitura com a aprovação de boa parte de seu público, a ponto de surgir um *fandom* em torno dessa página do Facebook⁴⁰, é uma evidência de como a cultura do fã ganha crescente visibilidade em canais de comunicação cujo público alvo não são apenas os fãs.

A dinâmica do *fandom* foi favorecida com a popularização da internet e das tecnologias digitais. A edição de vídeo e de imagem ficou mais fácil com os programas de computador, a divulgação desses materiais passou a ser independente do sistema dos correios, e, acima de tudo, o sistema de comunicação à distância por e-mails, com listas de discussão (*mailing lists*), fóruns virtuais, *chats* e posteriormente redes sociais, permitiu a expansão da cultura do fã e o aumento da população nos *fandoms*. Houve um aumento de artigos sobre a prática de *fanfics* em revistas e jornais com o ingresso de *ficwriters* no mercado editorial, como E. L. James.

Com a vantagem da internet, fãs passaram a associar-se e a trabalhar juntos para atingir determinados objetivos. Isso se relaciona com o conceito de inteligência coletiva, como é apontado por Henry Jenkins (2006) em *Cultura da convergência*. A inteligência coletiva, conceito cunhado por Pierre Lévy, parte do princípio de que, embora ninguém possa dominar todo o conhecimento em absoluto, este se encontra espalhado em toda a humanidade e é possível acessá-lo ao conectarmos com as pessoas. Há inteligência coletiva quando indivíduos de um grupo combinam suas diferentes habilidades por um objetivo ou para o aprimoramento mútuo. Nessa comunidade, existente pela comunicação, os talentos e as individualidades são respeitados e utilizados, mas não em isolamento. Portanto, a inteligência coletiva valoriza o conhecimento das pessoas, independentemente de suas posições sociais e seus status. Enquanto eu sei que o outro é detentor de um conhecimento que pode me

³⁹ XD é um emoticon, parte da linguagem da internet, e representa uma expressão sorridente.

⁴⁰ Em uma entrevista, um dos responsáveis pelo perfil da Prefeitura de Curitiba no Facebook, Álvaro Borba, comenta: "Dia desses, uma usuária do twitter lançou o termo “Curitilover” para definir o Fandom da Prefeitura de Curitiba. Você já viu uma coisa dessas? Você já viu Prefeitura com fandom? Pois é.”

Entrevista exclusiva: a mente gamer criativa por trás da Prefeitura de Curitiba. Disponível em:

<<http://www.marketingegames.com.br/entrevista-exclusiva-a-mente-gamer-criativa-por-tras-da-prefeitura-de-curitiba/>>. Acesso em: 04 dez 2014.

enriquecer, eu também possuo um conhecimento que pode ajudá-lo. A respeito disso, Lévy acrescenta:

Na era do conhecimento, deixar de reconhecer o outro em sua inteligência é recusar-lhe sua verdadeira identidade social, é alimentar seu ressentimento e sua hostilidade, sua humilhação, a frustração de onde surge a violência. Em contrapartida, quando valorizamos o outro de acordo com o leque variado de seus saberes, permitimos que se identifique de um modo novo e positivo, contribuimos para mobilizá-lo, para desenvolver nele sentimentos de reconhecimento que facilitarão, conseqüentemente, a implicação subjetiva de outras pessoas em projetos coletivos. (LÉVY, 2007, p. 30)

De certo o *fandom* é um espaço que valoriza a individualidade dos fãs, cada um com sua própria habilidade: alguns escrevem, outros desenham, outros editam vídeos ou tocam instrumentos musicais. Eles podem associar-se para criar novos projetos envolvendo seus objetos de afeto. Um bom exemplo no *fandom* seriam os *fansubs*, ou seja, grupos de fãs que fazem legendas para vídeos relacionados com o objeto de que são fãs. Há, em uma equipe de *fansub*, membros com diferentes funções: tradutor, fã encarregado de sincronizar a legenda com o vídeo (*timer*), outro encarregado de alterar textos escritos que eventualmente apareçam no vídeo (*typesetter*), fã encarregado de fazer sincronização entre música e legenda com destaque às sílabas (*karaoke setter*), entre outros. Cada um dos membros de um *fansub* possui determinados conhecimentos que o qualificam para a sua função, mas não para outra.

A vantagem do *fandom* para o fã é que, nele, o conhecimento, que numa instituição escolar ou no trabalho seria considerado inútil, é valorizado e trabalhado. Se ele tiver dificuldades, fãs mais experientes podem ajudá-lo a desenvolver suas habilidades, e aqueles que gostarem de seu trabalho irão elogiá-lo e incentivá-lo a continuar. Eventualmente, esse fã pode ganhar notoriedade no *fandom* e tornar-se uma voz influente no meio, enquanto que, em outras esferas de sua vida, não consegue se destacar socialmente com a mesma facilidade.

As *fanfics* tendem a criar um campo em torno de si, mas elas estão ligadas, é claro, ao *fandom* que as gerou. O espaço social do *fandom* é também um espaço de disputas, onde fãs procuram destacar-se e adquirir prestígio, ou seja, o capital denominado simbólico por Bourdieu. Como o *fandom* não funciona com base no ganho monetário, o prêmio almejado pelos agentes em disputas em seu campo é o simbólico, que pode vir de variadas formas; inclusive pelas *fanfics*. A principal forma é por meio das discussões a respeito da interpretação do texto canônico e pela concentração de capital cultural único. Isso não significa que o capital econômico não interfira no campo do *fandom*. Muitos fãs mantêm sites utilizando seu próprio capital, tendo, como retorno o reconhecimento de seu público. Além disso, fãs com mais capital econômico tiveram maior acesso ao capital cultural, que pode auxiliá-lo durante as discussões com outros do *fandom* e no desenvolvimento de suas

habilidades. O capital econômico exerce sua influência sobre o *fandom*, mas de maneira indireta.

Uma das propriedades do campo é que os agentes mais velhos tendem a ocupar a posição de dominantes, enquanto os mais novos ocupam a de dominados. Dentro do *fandom*, há o costume de fãs mais velhos e experientes ensinarem os modos de agir dentro do *fandom* aos mais novos. Dessa forma, tanto os mais velhos quanto os mais novos adquirem capital social nesse meio. É evidente que os agentes do campo normalmente não costumam pensar nessas relações em termos econômicos, mas afetivos. Da mesma forma como um dia receberam a ajuda de seus veteranos, sentem-se no dever de retribuir ao *fandom*, ajudando os mais novos. O principal ganho que os motiva não são as vantagens sociais na disputa pelo poder, mas a possibilidade de fazer amigos que compartilhem com ele gostos e opiniões semelhantes.

É ilusão considerar que o *fandom*, enquanto inteligência coletiva, constitui-se em um grupo de pessoas isento de hierarquização. Alguns fãs podem ganhar autoridade por conta de sua função num dado espaço social. Em um grupo de discussões, o administrador e moderador do grupo estão em uma posição privilegiada em relação aos demais fãs. Há, também, a autoridade do fã, não por sua função, mas por algum conhecimento ou talento diferenciado que possua. Os fãs, ainda, tendem a ignorar ou excluir aqueles que não possuem conhecimento suficiente para participar de sua dinâmica.

Entretanto, dentro do próprio *fandom*, existem tensões que levam à exclusão de fãs, sobre as quais Jenkins (1992) evitou tratar com profundidade em *Textual Poachers*, com a finalidade de transmitir uma visão positiva dos fãs. Havia a necessidade de quebrar o preconceito sofrido pelos fãs, então, vistos como indivíduos mentalmente perturbados e alienados. Posteriormente, Jenkins, ao reavaliar seu trabalho em uma conversa com Matt Hills, comenta:

When I was writing *Poachers* I was so frustrated by how badly fans had been written about. As a fan I felt implicated in that writing and I wanted to challenge it; there are passages in the book that are just out-and-out defenses of fandom, and others that are trying to pull back and describe, analyze, critique.⁴¹ (JENKINS, 2006, p.12)

Não é à toa que, quando pensamos em *fanfics*, um tema ainda pouco conhecido e analisado na academia no Brasil, adotemos uma postura semelhante a Jenkins em *Textual Poachers* tão logo a novidade bata à porta, levando em conta a resistência de pesquisadores

⁴¹ Quando estava escrevendo *Poachers*, eu estava tão frustrado pelo tanto que os textos maldiziam os fãs. Como fã, me senti incluso naquela escrita e quis desafiá-la; há passagens no livro que são totalmente defesas do *fandom*, e outras que estão tentando recuar e descrever, analisar, criticar. (tradução nossa)

que não consideram as *fanfics* digna de atenção, por tratar-se de uma escrita derivada. Não deixarei de defender a prática de escrita e leitura de *fanfics* e sua investigação no meio acadêmico, mas este é o momento de olhar para o *fandom* tal como ele é, de modo a não incorrerem em contradições como que aparecem para alguém que, por exemplo, contrapõe o documentário *Bronies: The Extremely Unexpected Adult Fans of My Little Pony* (2012), que descreve o *fandom* da animação *My little pony* (*Meu pequeno pônei*) como uma comunidade unida e pacífica, em relação ao fato de que já houve suicídio de um escritor de *fanfics* (Adam Smith) nesse *fandom*, por conta dos ataques recebidos por outros fãs, que o acusaram de plagiar uma *fanfic*⁴². Fãs logo lhe prestaram homenagens e condenaram a conduta daqueles que o atacaram, embora não possam evitar a existência de conflitos em seu meio. É preciso, pois, ter cuidado na hora de celebrar a existência da cultura dos fãs, pois há, nos mais variados *fandoms*, formas de exclusão de alguém que é tido como inferior ou autor de obra menor.

John Fiske (1992, p.36), na fase inicial dos primeiros estudos sobre o *fandom*, ainda arriscou supor uma correlação entre grupos sociais de fãs e seus critérios estéticos. Segundo ele, pessoas do gênero masculino, mais velhas e mais bem formadas no ponto de vista da educação formal adotariam critérios estéticos legitimados pela sociedade, enquanto pessoas do gênero feminino, mais novas e menos bem formadas, adotariam critérios mais populares, divisão essa bastante complicada por implicar em uma generalização do perfil dos fãs, apontados como maioria feminina, jovem e de menor escolaridade, ainda que sua chave de leitura seja de valorização da cultura do fã como forma de resistência aos valores da burguesia. O que Fiske (1992, p. 31) entende por "alta cultura" é o acesso a determinados gostos e competências, adquiridos em instituições como escola, galerias de arte, salões de concerto e outras instâncias ligadas à arte tradicional ou vanguardista. Trata-se da cultura legitimada pela sociedade e pelas instituições, que, quando adquirida, torna-se capital cultural e proporciona ao indivíduo melhores chances de ascender social e economicamente. Considerar que o *fandom* é composto por indivíduos com pouco capital cultural é errado, pois muitos fãs não só possuem formação superior, como também constituíram uma área de estudos sobre o fã em nível acadêmico.

Matt Hills (2002) foi bastante crítico de divisões que tendem ao maniqueísmo por retratar os fãs como mocinhos vítimas de preconceito e os não-fãs malvados que cobrem os fãs de preconceito. *Fandom*, segundo ele, teria sido usado por Jenkins (Fiske também faz o mesmo) para adequar-se ao discurso dos Estudos Culturais em vez de estudar o *fandom*, tal

⁴² Mirror - I'm sorry': Teen's heartbreaking final message to online trolls before train suicide. Disponível em: <<http://www.mirror.co.uk/news/uk-news/im-sorry-teens-heartbreaking-final-4826932>>. Acesso em: 28 set 2015.

como ele se apresenta, com toda a sua complexidade. A leitura de Jenkins não deveria ser, portanto, isolada de seu contexto de produção, embora muitos estudos sobre o *fandom* ainda sofram forte influência do dualismo moral identificado em *Textual Poachers*. A questão se a atividade dos fãs seria uma forma de resistência diante da indústria cultural é discutida por Hills em *Fan Cultures*, que prefere mantê-la não resolvida: os fãs são os consumidores perfeitos, pois seus hábitos de consumo são previsíveis e estáveis, mas, ao mesmo tempo, suas atividades não estão totalmente de acordo com as ideias impostas pela cultura de massa. Segundo Hills, há uma tendência de separar a experiência do fã entre fã e consumidor: tacha-se a face de consumidor como algo negativo (consumidor acomodado e passivo, que aceita os modelos ideológicos da indústria cultural) e a do fã, como positivo (o consumidor que indaga as narrativas impostas), gerando uma questão acerca do juízo de valor da existência do *fandom*. O *fandom* é bom ou mau? Para o autor, o estudo sobre o *fandom* não deve favorecer uma ou outra face da moeda, mas manter a contradição tal como é, sem resolvê-la.

Os primeiros estudos dos fãs, entre eles o de Jenkins, acabaram se concentrando em uma parte produtiva dos fãs, que criam novos objetos culturais baseados no texto canônico. Dentro do *fandom*, também existe aquele fã que acompanha a comunidade, mas não chega a produzir novos conteúdos. Entretanto, Fiske considera produtividade dos fãs não só *fanfics*, *fanarts*, *fanazines* e outros objetos culturais, mas também a enunciação. Nessa ótica, conversar com uma pessoa sobre o objeto cultural em questão é também uma forma de produção. Desse modo, em sua concepção, é muito difícil o consumidor comum não ser produtivo. O que o diferencia de um fã, que conversa com uma comunidade inteira, é que essa população possui um maior alcance e poder de influência. A fala de um fã após consumir um produto cultural pode afetar todo o *fandom*, muito mais do que uma *fanfic*, e influenciar até os produtores culturais, pois estes buscam no *fandom* apontamentos para tornar o objeto cultural mais agradável aos consumidores.

Considerar que Jenkins não omitiu certas verdades seria prejudicial a esta dissertação e a outros trabalhos acadêmicos a respeito do fã. Jenkins é um pesquisador entusiasmado com a maneira como fãs criaram uma comunidade em que a forma de aprendizado dos novatos se dá pelos mais velhos; não de forma institucionalizada, mas informal, e movida por um sentimento forte de comunidade e de manutenção dela. Como veremos adiante, nem sempre fãs possuem uma postura solidária com os mais novos, chegando a ser bastante agressivos. Não podemos dizer que o trabalho de Jenkins não ofereceu apontamentos válidos e fundamentais para entender o *fandom*, pois, embora muitas vezes fãs e produtores culturais convivam sem grandes problemas, há ocasiões em que o *fandom* adquire inegavelmente um

caráter de resistência. Nesse caso, não se trata apenas de resistência em relação aos produtores culturais; mas aos valores dominantes da sociedade. A *fanfic* acaba sendo, por exemplo, uma opção de expressão para feministas, que não se sentem representadas nos produtos culturais com grande destaque na mídia.

Portanto, ela tem sido vista como uma forma de empoderamento das mulheres, até pelo fato de a *fanfic* ser escrita em sua maioria por mulheres, o que nos leva a pensar na relação da *fanfic* com outros grupos sociais. Entre os motivos do quinto⁴³ descentramento do sujeito cartesiano na teoria social expostos por Stuart Hall, está o grupo dos “novos movimentos sociais” entre as décadas de 60 e 70⁴⁴ (entre os quais se incluem o feminismo, os movimentos de orientação sexual, de etnia e raça, entre outros). Uma característica desses movimentos é que “cada movimento apelava para a identidade social de seus sustentadores. (...) Isso constitui o nascimento histórico do que veio a ser conhecido como a política de identidade – uma identidade para cada movimento” (HALL, 1992, 45). Na pluralidade de grupos na contemporaneidade, estariam também os fãs, que reforçam sua identidade como fãs sempre que desenvolvem atividades culturais dentro de suas comunidades. Entretanto, fãs que também se identificam com outros movimentos sociais veem nas *fanfics* um instrumento de libertação. A *ficwriter* Daniele, do site feminista The Radical Notion, descreve a *fanfic* como uma possibilidade de concretizar o que não é possível ver em objetos culturais na mídia:

Let's face it: Hollywood is a boy's club. It's not easy being a fan of a show or a movie that displays its female, queer, or trans characters as one dimensional — if they are displayed at all. And, if you're looking for those characters to be well-developed or deviate from the male/female relationship dynamic, you may be in for a big disappointment. Fan fiction opens a door that usually just remains closed — rather than accepting a barrier that what you see on television is all you get, that barrier can be blasted open in a way that allows fans to expand limitless possibilities. Rather than just being an observer of a beloved show or movie, fan fiction is an opportunity to participate.⁴⁵ (Daniele, 2015)

⁴³ Stuart Hall enumera cinco descentramentos do sujeito cartesiano. Os quatro primeiros estão relacionados às tradições do pensamento marxista, ao trabalho de Freud e dos pensadores psicanalíticos, ao trabalho de Ferdinand de Saussure e ao “poder disciplinar”, descrito por Michel Foucault.

⁴⁴ A formação da cultura do fã também se dá nessa época.

⁴⁵ Encaremos: Hollywood é um clube de garotos. Não é fácil ser fã de um programa ou um filme que retrata as personagens femininas, queer ou trans como planas – se é que elas chegam a ser retratadas. E, se você quer que essas personagens sejam bem desenvolvidas ou que desviem da dinâmica da relação masculino/feminino, você pode ter uma grande frustração. Fan fiction abre uma porta que normalmente permanece fechada – em vez de aceitar a barreira de que o que você vê na televisão é tudo o que terá, essa barreira pode ser escancarada numa forma que permite aos fãs expandirem possibilidades infinitas. Em vez de ser apenas um observador de um amado programa ou filme, fan fiction é uma oportunidade para participar. (tradução nossa). The Radical Notion - Writing outside the lines: feminism and fan fiction. Disponível em: <<http://www.theradicalnotion.com/writing-outside-the-lines-feminism-and-fan-fiction/>>. Acesso em: 12 mar 2016.

Daniele descreve o limite entre o território dos produtores culturais e os seus consumidores como uma barreira a ser derrubada pela liberdade proporcionada pela *fanfiction*. Portanto, assim como existem fãs que não pensam em “rebelar-se” contra o que é oferecido pelos produtores culturais, existem aqueles que conscientemente se colocam contra determinados conteúdos, mesmo sendo fãs desses objetos.

Não é difícil encontrarmos dentro do *fandom* críticas à forma como a mulher aparece ou deixa de aparecer nos filmes, seriados de televisão etc. Um exemplo é a bem-humorada *fanart* do fã Kevin Bolk, sobre um pôster de *Avengers*:



Figura 3. À esquerda, o poster de *Avengers*. À direita, a paródia feita por Kevin Bolk, invertendo as poses das personagens. Os fãs divulgaram o comparativo das imagens com a frase “E se todas as personagens masculinas posassem como a feminina” (tradução nossa). Disponível em: <<http://persephonemagazine.com/2012/05/avengers-redux-the-women-of-avengers-assemble/>>. Acesso em: 5 abr 2016.

Tal crítica também está presente nas *fanfics*. Um exemplo é "A segunda espécie, ou, Bella cria coragem" (“The Second Species, or, Bella Grows a Pair”), de Salome Weil. A *fanfic*, pertencente ao *fandom* de *Twilight* (*Crepúsculo*), altera o perfil da protagonista Bella, de modo a torná-la a personagem forte que não é no livro de Stephenie Meyer. Em *Twilight*, Bella passa meses depressiva depois de perder contato com Edward, seu namorado. Salome Weil transformou Bella em uma mulher independente e forte, que valorizava mais a si mesma do que a Edward.

"I'll make sure he knows," Alice murmured, reaching out a hand to her friend. "I can see he really hurt you and you're right, you deserve to be treated like an equal. I don't think he realizes what he's been doing this whole time, brooding the way he has been."

"Of that much, I'm certain," Bella added, rolling her eyes. "Now, tell me more about what you all were doing while you were gone."

And stop bringing up Edward. My life no longer revolves around him. Gods, did I really only ever talk about him before? How one dimensional. (Salome Weil)⁴⁶

Apesar de Bela ter ficado *OOC* (*out of character*), seus leitores aprovaram a *fanfic*, devido ao teor crítico dela. A leitora HD comentou: "Finally! A strong, independent, and mature Bella that girls can be proud to admire."⁴⁷ Sua *review* revela o desejo de o público feminino ter uma personagem forte com a qual possa se identificar.

Há ainda o exemplo de Sharon, uma fã que viu nas *fanfics* uma possibilidade de ter um espaço que anteriormente ou lhe era negado ou marginalizado nos objetos culturais dos quais era fã, por ser uma garota negra:

For me, fanfiction was a way of taking the feelings of discouragement and unbelonging some of my favorite stories left me with, and using them to find ways to fix the problems in media as I saw them. It was a practice that helped me to envision something different – that Black girls could travel through space and save the world, even though I'd never seen it in a movie or read about it and no one else seemed to think so. It was enough that I thought so. It was enough that I could write it and share it and make it real, in that way⁴⁸. (Sharon, 2015)

No *fandom* em língua inglesa, houve uma pesquisa no site A03 (Archive of our own) com 10.000 usuários para verificar aquilo que vem sendo consenso desde os primeiros estudos sobre o fã: o fato de que fãs de *fanfics* retratando relações homossexuais masculinas (*slash*) são em sua maioria do gênero feminino e heterossexuais. 90% disseram gostar de

⁴⁶ "Vou me certificar que ele saiba", sussurrou Alice, dando uma mão à amiga. "Posso ver que ele realmente te magoou e você está certa, você merece ser tratada como uma igual. Eu não acho que ele percebeu o que tem feito esse tempo todo, do jeito que anda angustiado."

"Disso, eu tenho certeza," adicionou Bella, revirando os olhos. "Agora, me conte sobre o que vocês têm feito enquanto eu estava ausente."

E pare de falar do Edward. Minha vida não gira mais em torno dele. Deuses, eu realmente só falava sobre ele antes? Como era plana. (tradução nossa)

The Second Species, or, Bella Grows a Pair – Fanfiction.net. Disponível em:

<<https://www.fanfiction.net/s/4829725/1/The-Second-Species-or-Bella-Grows-a-Pair>>. Acesso em: 27 jul 2016.

⁴⁷ Finalmente! Uma Bella independente e madura, das quais as garotas podem se orgulhar de admirar. (tradução nossa)

Reviews for The Second Species, or, Bella Grows a Pair – Fanfiction.net. Disponível em:

<<https://www.fanfiction.net/r/4829725/>>. Acesso em: 27 jul 2016.

⁴⁸ Para mim, fanfiction foi um modo de pegar os sentimentos de desencorajamento e de não-pertença que minhas histórias favoritas me deixaram e usá-las para encontrar formas de consertar problemas na mídia à medida que as via. Foi uma prática que me ajudou a visualizar algo diferente – que garotas Negras pudessem viajar através do espaço e salvar o mundo, mesmo que eu nunca tivesse visto num filme ou lido sobre isso e que ninguém tenha pensado. Era suficiente eu imaginar. Era suficiente que eu pudesse escrever e compartilhar e tornar real, daquela maneira. (tradução nossa).

The Second Species, or, Bella Grows a Pair – Fanfiction.net. Disponível em:

<<https://www.fanfiction.net/s/4829725/1/The-Second-Species-or-Bella-Grows-a-Pair>>. Acesso em: 27 jul 2016.

fanfics slash. Surpreendentemente, desses 90%, 30% disseram ser do gênero feminino e heterossexuais (a pesquisa permitia ao voluntário responder mais de uma opção, sendo que 30% responderam apenas feminino e heterossexual). Outras orientações sexuais tornaram o resultado mais variado:

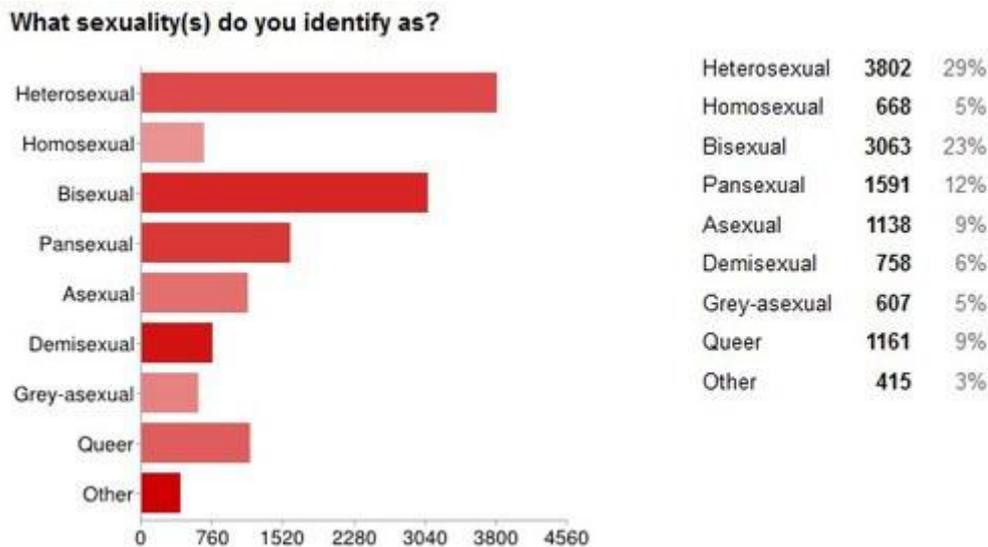


Figura 4 - Resultados sobre a orientação sexual dos fãs⁴⁹

De fato, grupos com diferentes identidades quando à orientação sexual têm gradualmente aumentado nos *fandoms* de língua estrangeira. Quanto ao Brasil, nenhuma pesquisa nesse sentido foi realizada ainda. Apesar de a *fanfic* tornar-se ferramenta de resistência para determinados grupos sociais que se sentem de alguma forma excluídos ou diminuídos pela sociedade, não se pode esquecer que muitas *fanfics* possuem discursos em consonância com os valores da indústria cultural, impedindo que o mundo das *fanfics* tenha exclusivamente o caráter de luta. Por esse motivo, Matt Hills procura descrever o *fandom* como um espaço de múltiplos discursos, tanto inovadores quanto conservadores, em vez de permitir que a cultura do fã seja “usada” apenas para uma propaganda positiva de si na academia, o que geraria imprecisão nos estudos sobre o fã.

Por outro lado, a pesquisa confirma sobre a maioria dos fãs envolvidos com *fanfics* ser do gênero feminino. Segundo a pesquisa, 90% dos respondentes afirmaram pertencer ao gênero feminino (9039 respondentes)⁵⁰. 4% afirmaram pertencer ao gênero masculino, 6% disseram ser *genderqueer* (ou não binário – indivíduos com identidades de gênero variadas).

⁴⁹ Lady geek girl – Why Is There So Much Slash Fic? Disponível em:

<<https://ladygeekgirl.wordpress.com/2013/11/12/why-is-there-so-much-slash-fic-some-analysis-of-the-a03-census/>>. Acesso em 8 abr 2016.

⁵⁰ O valor fornecido pelo censo é de 80%. Esse cálculo baseia-se no número de vezes em que a opção “feminino” foi escolhida, em relação ao número de opções totais escolhidas. Os usuários podiam fazer mais de uma escolha, de modo que, de 10.005 respondentes, houve 11.251, respostas, nas quais 9039 resultam em 80% feminino. Se

A organização dessa pesquisa demográfica do *fandom*, entretanto, alerta que o uso desse resultado possui suas limitações, por ter sido de caráter voluntário. Entre as possíveis consequências disso estaria o fato de os usuários mais interessados em respondê-la pertencerem principalmente a determinados grupos, fazendo com que eles sejam porcentualmente mais significantes do que em uma pesquisa obrigatória entre os usuários do AO3.

Também há quem não veja o *fandom* como o espaço da diversidade. Lady Geek girl, que não deixa de reconhecer a importância da *fanfiction* para a representação das minorias, questiona se o *fandom* de fato chega a ser tão representativo como muitos estudos sobre os fãs afirmam ser. Um dos principais motivos dessa desconfiança é justamente a desigualdade na presença da *fanfic slash/yaoi*, em relação à *femmeslash/yuri*. Enquanto que *fanfics slash* são publicadas em peso, desde os primeiros *fandoms*, as que envolvem relacionamentos homossexuais entre mulheres são publicadas em pouca quantidade:

Female characters, whether in Teen Wolf or in almost every fandom, seem to be constantly ignored or demonized, and femslash pairings are practically nonexistent. Sexualities other than heterosexual, homosexual, or bisexual are also rarely represented, though there are some attempts. (Lady Geek Girl)⁵¹

Podemos imaginar diferentes fatores que levariam a essa desigualdade: o fato de que, segundo Lady Geek Girl, existe no *fandom* uma fetichização do homossexualismo, pois *fanfics slash* são escritas para agradar um público predominantemente feminino, mesmo que o *ficwriter* tenha uma orientação sexual diferente de heterossexual. Esse fenômeno fica mais evidente para os fãs de anime e de mangá, pois o mercado destes investe em histórias de conteúdo homossexual. Assim, esses fãs observam com facilidade que produtos culturais japoneses envolvendo relações homossexuais femininas têm um público alvo masculino. A fetichização não implicaria, necessariamente, em uma maior tolerância a todos os tipos de orientações sexuais. O fã que gosta de *fanfics slash* por sentir atração sexual por homens pode dizer-se defensor do homossexualismo masculino, mas ter preconceito pelo feminino. Sobre esse assunto, a fã Rayflo escreveu o texto “Precisamos falar sobre... fetichização e apoio

considerarmos o cálculo baseado, não no número de respostas totais, mas no número de respondentes (10.005), o resultado seria 90%, valor que opto por usar nesta dissertação.

⁵¹ Personagens femininas, seja em Teen Wolf ou em quase todo fandom, parecem ser constantemente ignoradas ou demonizadas, e casais femslash (lésbicas) são praticamente inexistentes. Sexualidades diferentes de heterossexual, homossexual, ou bissexual são também raramente representadas, apesar de haver algumas tentativas. (tradução nossa).

Fanfiction: Not Necessarily a Voice for Minorities. Disponível em:

<<https://ladygeekgirl.wordpress.com/2013/06/22/sexualized-saturdays-is-slash-fanfiction-degrading-orand-homophobic/>>. Acesso em: 2 set 2016.

seletivo aos LGBT+ no mundo dos animes”⁵², denunciando um apoio seletivo ao LGBT por parte dos fãs, no qual o apreciador de *slash* pode ser desrespeitoso com homossexuais ao projetar seu desejo de ver relações homossexuais em pessoas reais e ao desprezar as relações envolvendo pessoas do gênero pelo qual não sente atração.

É importante ter em mente, portanto, que a *fanfic* que trata do homossexualismo pode ou não ter um caráter militante pela causa do movimento LGBT, pois o foco principal, muitas vezes, não é o fato de a relação ser homossexual, mas o tipo de envolvimento que o leitor tem com as personagens presentes na história.

A descrição do *fandom* como um espaço para minorias é bastante frequente nos estudos dos fãs, o que nos leva a uma importante questão: a relação entre os estudos do fã e o *fandom* quanto à constituição dos campos do *fandom* e da *fanfic*. Não se deve esquecer que o *aca-fan*, *academic fan*, leva o “fã” em sua identidade. Os *aca-fans* não atuam só no espaço acadêmico; também desfrutam do *fandom* como fãs comuns. Isso significa que não se pode pensar na comunidade dos fãs e nos fãs acadêmicos como elementos independentes. Defendo que os estudos do fã (*Fan Studies*) também são uma parte do *fandom*.

Aca-fan ou *scholar-fan* é um termo apresentado por Henry Jenkins para descrever-se em sua posição diante da academia. Existem também os chamados *fan-scholars*, que são fãs de elite que acumularam tanta informação e conhecimento sobre seus objetos de interesse que chegam a tratar de questões similares às dos acadêmicos. Esse conceito foi apresentado por Matt Hills em *Fan Cultures* (2002), que tratou de fazer uma crítica ao trabalho de Jenkins. Hills levantou o problema de Jenkins ter utilizado o *fandom* para defender o fã diante da crítica da Indústria Cultural. Assim, Jenkins dividiu o consumidor entre o “bom consumidor” (o fã, que resiste aos valores impostos pelos produtores culturais) e o “mau fã” (que consome passivamente). Havia a dificuldade de pesquisar sobre o fã, enquanto sujeito híbrido, pesquisador e fã, dividido entre o mundo acadêmico e sua identidade como fã. Hills então propõe que a reflexão sobre o estudo sobre o fã parta da figura do *fan-scholar*, mostrando que é possível ser acadêmico e fã e é possível estudar o *fandom* fora de instituições acadêmicas, mas utilizando o instrumental fornecido pela academia.

É nesse contexto que temos a revista *Transformative Works and Cultures*, revista acadêmica com autonomia para *aca-fans* tratarem do *fandom*, longe de amarras institucionalizantes. É importante observar que essa revista pertence à Organization for

⁵² Precisamos falar sobre... fetichização e apoio seletivo aos LGBT+ no mundo dos animes. Disponível em: <<http://lhamavintage.blogspot.com.br/2016/01/precisamos-falar-sobre-fetichizacao-e.html>>. Acesso em 12 set. 2016.

Transformative Works (OTW), que é uma organização sem fins lucrativos, fundada por fãs em reação ao problema que o *fandom* enfrentou com o Fanlib, um site criado para *ficwriters* por uma empresa que ameaçou a autonomia dos fãs. Esse assunto será tratado com mais detalhes no item 5.1- O campo da *fanfiction* e seu desejo por autonomia. OTW é responsável não só por esse periódico, mas também por um dos maiores sites de hospedagem de *fanfics*, o Archive of our own (AO3), que, como diz o nome, é um site criado por fãs para os próprios fãs. O OTW também coordena o Fanlore, um sistema de enciclopédia coletiva semelhante à Wikipedia, na qual o *fandom* registra sua própria história.

É difícil, portanto, ver os estudos do fã como um grupo de pesquisadores fora do *fandom*, sendo que eles trabalham em conjunto com os fãs e como fãs para preservar e defender o *fandom*. Rebecca Tushnet, por exemplo, é *aca-fan* e atua no OTW como advogada (o OTW possui uma equipe de advocacia para defender o *fandom* e tirar dúvidas dos fãs). Apesar de a maioria dos fãs não ter noção da história da *fanfiction*, desde a década de 60, o trabalho acadêmico desses pesquisadores direciona-se a uma preservação da memória da cultura do fã. Os estudos do fã, portanto, formam uma instância legitimadora do *fandom*.

Não há um cânone de *fanfics* no qual os *ficwriters* se baseiam quando vão escrever, o que não se encaixa na característica do campo que diz que: "há o efeito de campo quando deixa de se poder compreender uma obra (...) sem se conhecer a história do campo de produção da obra" (BOURDIEU, 2003, p.123). Haveria necessidade, então, de pessoas capazes de fazer a ponte entre a obra do presente e do passado (filólogos, historiadores, intérpretes...), que atuam na conservação do campo. Entretanto, mesmo que os *aca-fans* não trabalhem para formar um cânone de *fanfics* (e, acredito eu, não têm interesse em diferenciar a boa e a má escrita em um meio onde muitos ainda estão aprendendo a escrever), existe um esforço por parte deles para conservar tanto o campo do *fandom* quanto da *fanfic*.

4. AS AVALIAÇÕES DOS FÃS SOBRE SUAS PRÓPRIAS PRÁTICAS

4.1 Os conflitos da *fanfiction* nas palavras de seus autores

Os textos escolhidos para constituir o *corpus* da pesquisa, conforme já informado, são: “Crítico: Você está fazendo isso errado!”, de Lune Kuruta; “Manifesto a favor da linguagem de roteiro” e “Como ser um ficwriter medíocre”, de Pandora Lynn; “Projeto dissertando polêmicas”, do fórum virtual Papéis Avulsos, “10 Mandamentos para Ficwriters de Sobrenatural”, de Mysteryreadhead e “O pesadelo chamado Mary Sue”, de BastetAzazis. Todos os textos têm como objetivo a crítica da *fanfiction*. Por sugestão durante o processo de ingresso no mestrado, foi acrescida uma *fanfic*: “RealDeathMask69”, de Lune Kuruta, que retrata uma personagem querendo ingressar no mundo dos *ficwriters*. *Fanfics* e outros textos do *fandom* também são utilizados de forma a complementar a análise.

Ainda que seja possível encontrar textos de fãs apontando para algum problema na escrita de *fanfics*, o debate dos critérios de valoração da *fanfiction* é feito principalmente em âmbito privado pelos fãs, o que dificulta nosso acesso a eles. No momento da escolha do *corpus*, o debate do “Projeto Dissertando Polêmicas” era uma exceção, pois seu texto encontrava-se disponível para o público. Posteriormente, porém, o acesso ao conteúdo do fórum que o continha foi infelizmente limitado, e apenas seus membros podem acessá-lo. Talvez o motivo de fãs evitarem que seus debates sobre problemas no *fandom* tenham fácil acesso é a possibilidade de críticas vindas de fora. Os conflitos entre fãs são comuns no *fandom*, de modo que é normal e compreensível que os fãs procurem formas de minimizar a chance de que brigas aconteçam.

Pandora Lynn escreveu dois dos textos escolhidos: “Como ser um ficwriter medíocre” e “Manifesto a favor da linguagem de roteiro”, publicados em sites de *fanfics* e em fóruns. O primeiro concentra-se em uma dinâmica bastante comum no *fandom* em *ficwriters* que buscam reconhecimento no meio. O “ficwriter medíocre” descrito por Pandora Lynn é aquele que escreve mal e esforça-se para conseguir popularidade, traduzida em número de comentários de leitores às suas *fanfics*. Se, por um lado, o texto reforça a cisão entre os *ficwriters* de acordo com seus enfoques, o “Manifesto a favor da linguagem de roteiro” defende uma categoria de *fanfic* mal vista pelo *fandom*, o roteiro⁵³, cujos diálogos são

⁵³ “Roteiro” pode ter duas acepções no *fandom*: a *fanfic* que se aproxima da linguagem dramática e o planejamento de uma *fanfic*. Neste texto, só utilizarei a primeira.

compostos com a identificação da personagem antecedendo cada fala e com intervenção mínima ou quase nula do narrador.

O texto “Criticar: Você está fazendo isso errado!”, publicado no Fanfiction.net, foi uma resposta de seus autores, Metal Ikarus e Lune Kuruta, aos chamados *flamers*, ou seja, fãs que fazem comentários hostis no *fandom*. Ambos estão defendendo os autores de uma categoria de *fanfic* conhecida como “*fic de ficha*”, também chamada de *Oc’s needed* no *fandom* estrangeiro. Trata-se de uma *fanfic* interativa em sua concepção: o autor da *fanfic* abre espaço para que outros fãs criem as personagens que farão parte da história, através de “fichas”, textos que descrevem o perfil da personagem, sua aparência, caráter e história. Reunidas e selecionadas as fichas, o autor escreve a *fanfic* com base nesses dados. As críticas em relação a essa categoria pautam-se principalmente na presença de personagens conhecidas como *Mary Sue*. Esse tipo de *fanfic* tem como origem o *Role Playing Game (RPG)* e popularizou-se entre *ficwriters* por volta de 2007.

“O pesadelo chamado *Mary Sue*”, de BastetAzazis, é um texto publicado no blog da autora, comentando o que é uma *Mary Sue* e por que ela é ruim. Enquanto que Lune Kuruta e Metal Ikarus defendem o direito de o autor escrever *Mary Sue*, mesmo não sendo afeitos a esse tipo de personagem, BastetAzazis não esconde sua aversão a ele. *Mary Sue* (ou sua versão masculina *Gary Stu*) é a personagem sem defeitos, inverossímil, frequentemente com um passado traumático, tida como uma projeção idealizada do autor, que rouba o destaque das personagens do texto fonte e muitas vezes tem uma morte trágica no final da história. Seu nome teve origem no *fandom* de Jornada nas Estrelas, em 1973, em uma paródia escrita por Paula Smith. De acordo com Joan Marie Verba (1996), entre os critérios para a classificação de uma personagem como *Mary Sue*, estão as características: ser adorada por todos, ter habilidades extraordinárias, ser agraciada com honras e ter uma morte trágica ou heróica, lamentada por todos. Esse tipo de personagem é amplamente rejeitado pelos fãs.

Logicamente, existe dificuldade para classificarmos determinadas personagens como *Mary Sue*, e o próprio *fandom* fica em dúvida para alguns casos. Fãs de Harry Potter divergem bastante quando tentam decidir se a personagem Harry Potter é um *Gary Stu* ou não. Também há casos em que a personagem se encaixa melhor no conceito de *Mary Sue*. A *fanfic* “A filha do Pantera Negra”, escrita por Luna Maximoff e por Bella, possui em sua introdução uma personagem original cuja descrição nos remete à personagem perfeita, pela qual as demais se sentem atraídas:

Megan Levesque [sic] uma cientista ambiental e exploradora renomada especialista em Metais preciosos, e tento [sic] um diploma de professora.

Sendo a mais inteligente da sua turma [sic] completou o colégio com 15 anos e a faculdade acabara aos 17 anos, agora tendo 19 anos. Fez várias descobertas na ciência trabalhando com o seu amigo de faculdade Anthony Edward Stark ou só Tony,[sic] mesmo com essa fama de Playboy, Megan e Tony são praticamente irmãos, e construíram o Gerador Ark juntos. (Luna Maximoff, Bella)⁵⁴

Megan, a protagonista da *fanfic*, além de ter sua capacidade intelectual destacada já nos primeiros parágrafos, conquista, sem esforço, o coração de T'Challa, o super-herói da Marvel conhecido como Pantera Negra. Ao viajar para Wakanda⁵⁵, encontra T'Challa pela primeira vez, fazendo-o apaixonar-se à primeira vista.

— Vamos, nós mostraremos seu quarto e T'Challa mostrará Wakanda a você - disse meu pai, sorrindo valioso para mim, [sic] Megan parecia hipnotizada e olhando ao redor.

— Claro, parece interessante e você pode me explicar mais sobre a cultura Wakandiense e me chame de Megan ou Megan [sic] mesmo - disse alegre, de um jeito fofo. EU ACABEI DE CONHECER ESSA GAROTA NÃO POSSO ESTÁ [sic] APAIXONADO. (Luna Maximoff, Bella)

Paula Smith, a autora do conceito de *Mary Sue*, explica que nem sempre o termo era utilizado no sentido negativo, pois havia quem considerasse a *Mary Sue* um estágio quase obrigatório para o amadurecimento das autoras. Sua principal crítica em relação à *Mary Sue* é que ela gera a descaracterização das personagens canônicas, de modo que os leitores deixam de reconhecê-los. Um dos maiores problemas é a tendência de criticar qualquer personagem feminina com esse termo, e isso já acontecia na época de Smith:

We did that back in the 1970s too, and I was guilty of that sometimes. I did try to make a distinction. I knew—I knew—there was a difference: that when you had created a wish-fulfillment character, you still needed to give the reader room to breathe. But yeah, there was a lot of "You can't do that; that's a Mary Sue character." (SMITH, 2011)⁵⁶

Normalmente, o *fandom* considera a *Mary Sue* uma personagem necessariamente ruim, o que excluiria automaticamente qualquer personagem feminina considerada boa. Para Smith, o conceito parece estar mais ligado ao fato de a autora utilizar a personagem para projetar-se nela e realizar suas fantasias. Ela cita um exemplo do que seria uma boa *Mary Sue*, na *fanfic* de Paula Block, "Landing Party": a personagem Sadie Faulwell, que, segundo Smith, não teria

⁵⁴ A filha do Pantera Negra. Disponível em: <<https://spiritfanfics.com/historia/a-filha-do-pantera-negra-6557887/capitulo1>>. Acesso em: 24 abr 2016.

⁵⁵ País fictício no universo das histórias em quadrinhos da Marvel.

⁵⁶ Nós fizemos isso na década de 1970 também, eu tive culpa disso às vezes. Tentei fazer uma distinção. Eu sabia - eu sabia - que havia uma diferença: que quando você cria uma personagem por satisfação de uma fantasia, você ainda precisa dar ao leitor espaço para respirar. Mas sim, havia muito "você não pode fazer isso; é uma personagem Mary Sue". (tradução nossa)

alterado a caracterização de outras personagens e, apesar de ser resultado da projeção das fantasias de sua autora, protagonizara uma boa história.

Essa definição de *Mary Sue* como autoprojeção do autor é problemática, pois, para classificar uma personagem como tal, o leitor precisa supor um processo que ocorreu durante a fase de escrita da *fanfic*, cujo conhecimento cabe apenas a seu autor. Além disso, é frequente *ficwriters* utilizarem personagens canônicos para projetarem-se, sem que seus leitores notem (quando notam, a personagem em questão é chamada de *canon sue*).

O “Projeto dissertando polêmicas”, do fórum Papéis Avulsos, desdobra o assunto da *Mary Sue* em suas consequências, além de tratar de outros assuntos relacionados às *fanfictions*. Esse projeto é uma série de debates separados por assuntos, cada um com dez dias de duração. Discutiram-se vários tópicos, entre os quais foram escolhidos alguns de nosso interesse: o preconceito contra personagens originais (POs), “onde um fandom começa a se perder?”, a adaptação de *fanfics* para histórias originais e personagens masculinas solteiras e sem inclinação sexual com personagens femininas⁵⁷. Personagens originais ou *original characters* (OCs), são personagens criadas pelo autor da *fanfiction*. Elas diferem das personagens canônicas, presentes no objeto de afeto. O preconceito com personagens originais está atrelado ao da *Mary Sue*, assim como em relação às *fanfics* do tipo *self-insert*, na qual o *ficwriter* se insere como uma das personagens.

“10 Mandamentos para Ficwriters de Sobrenatural”, de Mysteryreadhead, traduzida para o português pela *ficwriter* A Rainha, é um texto bem humorado parodiando os dez mandamentos com recomendações para os escritores do *fandom* do seriado de televisão *Supernatural*. As questões da *Mary Sue*, do *self-insert* e das personagens originais também aparecem no texto como elementos a serem evitados a todo custo.

Por último, a *fanfic* de Lune Kuruta, “RealDeathMask69” é uma narrativa cômica metaliterária que envolve os problemas enfrentados por muitos *ficwriters* na sua interação com leitores. São retratados não apenas os *flamers* presentes no outro texto da autora, mas também os “ripadores”, talvez a forma mais agressiva de repressão entre os *ficwriters*. Nela, Máscara da Morte pensa que os leitores interpretaram-no erroneamente e decide mostrar como é de verdade. Ironicamente, acaba criando uma versão *Gary Stu*⁵⁸ de si mesmo.

Para discutir cada problema apontado pelos *ficwriters* de forma detida, tratarei dos assuntos separadamente: o nível de escrita e a popularidade, as categorias de *fanfics* rejeitadas (*fic* de ficha e roteiro), a *Mary Sue* e suas implicações, os *flamers* e os “ripadores”.

⁵⁷ Apesar de este ser um tema mais específico, o debate retorna para as personagens originais.

⁵⁸ *Gary stu* é o nome dado à personagem masculina que apresenta os mesmos traços da *Mary Sue*.

4.2 O nível de escrita e a popularidade

No texto “Como ser um ficwriter medíocre”, Pandora Lynn faz uma correlação entre a popularidade e o nível de escrita no *fandom*: *ficwriters* chamados “medíocres” pela autora, que agem em função da popularidade, não escrevem bem. Em uma espécie de manual de como ser um desses autores, descreve, de forma agressiva:

O ficwriter razoável inicia-se, como já dito, por um desejo de escrever com personagens que admira. Já o ficwriter medíocre tem de passar por várias etapas até finalmente começar a... escrever. Isso porque "escrever", em si, é o menos importante; aliás, um medíocre JAMAIS deve ser um bom escritor. Porque se ele o for, deixará de ser... medíocre, para ser um dos mais normais. E como o objetivo do nosso manual é ser um medíocre, vamos nos concentrar em NÃO escrever bem! Jamais! Mas é claro, isso não deve ser feito de maneira explícita. A auto-estima ridícula de um ficwriter medíocre não o deixa sequer admitir que comete erros ao escrever, quanto mais que escreve mal. (Pandora Lynn)

Não é por acaso que os *beta-readers* sejam necessários para o *fandom*. O comentário de Pandora revela o tom do resto do texto em relação aos *ficwriters* que não escrevem bem. Embora o percurso do fã descrito seja o da busca de popularidade de *ficwriter* iniciante, a condição inerente dessa figura é justamente sua inabilidade na escrita. Pandora associa duas características de parte dos *ficwriters*, que, a princípio, não deveriam estar relacionadas: a dificuldade com escrita e o desejo de ser popular. Curiosamente, a crítica da autora aproxima-se em alguma medida daquela aos livros *best-sellers*.

Pandora Lynn não está sozinha nessa queixa de os escritores não admitirem os erros. É frequente fãs reclamarem que *ficwriters* reagem violentamente à crítica de sua *fanfic*, negando seus erros e atacando o leitor. É frequente autores queixarem-se dos “leitores fantasmas”, ou seja, pessoas que leem a *fanfic*, mas não deixam nenhuma *review*. Parte do motivo disso é medo de receber uma resposta agressiva do autor no caso de crítica sobre alguma falha do texto. Um exemplo é a *review* da leitora Lia Potter Styles, na *fanfic* “O Garoto Dos Óculos Escuros”:

Leitora fantasma se apresentando pro serviço! kk"
Amoo muito sua fic, desculpe se não comentei antes é q tenho trauma, uma vez comentei uma historia a autora me xingou e disse para guardar minha opinião para mim, mas vc não vai fazer isso né? (Lia Potter Styles)⁵⁹

⁵⁹ O garoto dos óculos escuros. Disponível em: <<https://fanfiction.com.br/reviews/historia/331897/capitulo/1792986>>. Acesso em: 22 jun 2016.

Tal comportamento, porém, é mal visto no *fandom*, por espantar leitores e diminuir a popularidade do *ficwriter*. Ainda assim, muitos leitores preferem omitir comentários sobre os erros e manter apenas os elogios.

Embora os *fandoms* surjam principalmente em torno de produtos da cultura de massa, os escritores de *fanfic* parecem lidar com um conflito que se resumiria, *grosso modo*, entre os populares que não escrevem bem (somados aos seus aliados) e os impopulares que escrevem bem e têm raiva do sucesso do primeiro grupo. Entretanto, afirmar que isso é uma regra seria desconsiderar o fato de que os *ficwriters* possuem diferentes opiniões a respeito desse conflito (há os impopulares que não pensam mal dos populares, por exemplo). O que estaria em jogo nesse atrito interno do *fandom* seria a ideia meritocrática de que a qualidade da escrita precisa determinar sua popularidade. Por mais justo que esse preceito seja ou pareça ser, quanto mais complexa é a escrita da *fanfiction*, menor é a sua tendência a ser popular, o que causa frustração em muitos *ficwriters*.

É importante fazer uma ressalva em relação a essa associação: só porque um *ficwriter* ataca outro, mais popular, não quer dizer que o agressor escreva bem. Além disso, existe agressividade de fãs não só com relação aos que possuem popularidade, mas também aos que não escrevem bem, independente de serem populares ou não. O guia sobre como tornar-se “mediocre” descreve a imagem dos escritores que buscam a popularidade. Independente de o processo detalhado do texto corresponder com perfeição à realidade ou não, vale a pena entender, através de sua ótica, a dinâmica do *ficwriter* medíocre.

No início, delineiam-se os principais traços do *ficwriter* medíocre: não escrever bem e associar-se a outros escritores “mediocres”. Segundo Pandora Lynn, escrever é uma atividade de importância secundária para ele em comparação ao reconhecimento dentro do grupo. Ele invejará os escritores consagrados, que recebem um alto número de *reviews* e passará a almejar o prestígio social. Para isso, o *ficwriter* precisará copiar o estilo dos consagrados e entrar na “panelinha” deles. Esse *ficwriter* novato, ingressante no campo, sem deter o capital cultural necessário para escrever uma *fanfic* considerada boa entre os fãs, precisa recorrer a outros meios para alcançar o troféu nesse meio, que é o prestígio dentro do *fandom*. Uma das formas de sobreviver no campo é buscar a proteção de alguém que já detém um relevante capital simbólico. Ao protegê-lo, esse *ficwriter* famoso criará em torno de si um círculo de seguidores que elevarão seu prestígio perante os demais. Dessa forma, terá mais fama e leitores no *fandom*, bem como *reviews*. Esse *ficwriter* terá condições de estruturar um grupo em torno de si capaz de elevar seu prestígio e de defendê-lo caso ele seja atacado por outros fãs.

Antes de investir na escrita, o novato irá espalhar *reviews* de forma a criar vínculos com os demais escritores. É interessante notar a relação hierárquica que se forma: “ele finalmente toma seu lugar na base da pirâmide social do mundinho *fandom* dos medíocres”. De acordo com Bourdieu (2003, p. 122), para que um novato ingresse em um campo, é necessário que ele reconheça o valor do campo e aceite as regras da disputa. O novato descrito no texto lança mão dos recursos de que dispõe para conseguir ser notado pelos grandes: na posição de leitor, tem *reviews* a oferecer, que equivaleriam, em um mercado editorial, ao dinheiro dos leitores que compram o livro. Entretanto, para dar uma *review*, não é necessário investimento material; no *fandom*, o esforço e o tempo gastos em uma atividade já são um investimento considerável. Esse preço a ser pago para o ingresso no jogo de disputas do campo é também um dos motivos da conservação do campo:

“Um dos factores que põe os diferentes jogos ao abrigo das revoluções totais, de molde a destruir não só os dominantes e a dominação, mas o próprio jogo, é precisamente a importância do investimento, em tempo, em esforços, etc., que a entrada no jogo supõe e que, como as provas dos ritos de passagem, contribui para tornar impensável praticamente a destruição pura e simples do jogo.” (BOURDIEU, 2003, p. 122)

Uma revolução total seria a disputa culminar no fim do próprio jogo, o que estaria fora de cogitação devido ao valor do objeto em torno do qual o campo se estrutura. Ninguém pensaria, por exemplo, eliminar o próprio campo da literatura, depois de séculos de tradição, resultantes dos esforços de inúmeras pessoas. Da mesma forma, nenhum fã pensa em destruir o campo da *fanfic*, pois ela é valiosa: proporciona aos fãs leituras que estes consideram relevantes, constitui um espaço de troca de experiências entre fãs de gostos semelhantes, e apoia-se em um objeto cultural amado por essas pessoas.

Segundo Pandora, a bajulação faz com que os escritores acreditem em seu suposto talento. A quantidade de *reviews* torna-se, portanto, um medidor da qualidade do texto. Esse bajulador escreve apenas elogios e evita os pontos negativos da *fanfiction*, fazendo com que as *reviews* deixem de ser críticas e passem a ser meros elogios. Em seguida, o novato passa a escrever e a utilizar contornos dados a personagens por outros autores de *fanfictions*, temas populares e *fanon*.

Na disputa pelo reconhecimento social do *ficwriter*, os fãs buscam, segundo a análise de Pandora, o sucesso através da quantidade de leitores e de *reviews*, mas não da qualidade, o que revolta a autora, que defende a qualidade dos textos dos fãs. É fato que, para alcançar prestígio em um campo, diferentes estratégias podem ser utilizadas, dependendo da distribuição de capital entre os agentes. O que Pandora faz é atacar a estratégia utilizada pelos

demais *ficwriters*, com o objetivo de torná-lo inferior aos olhos dos leitores, em comparação com o caminho tomado pelos escritores que prezam pela qualidade do texto. Com isso, ela busca a valorização do caminho que ela defende, o da qualidade e da indiferença com os temas populares. Sua argumentação é legitimada por um *habitus* originário do campo da literatura, no qual ela se apoia para exaltar os textos não populares⁶⁰. Como resultado desse manifesto, Pandora Lynn deixa implícito, ao convencer seus leitores de que está certa, que seu modo de escrever *fanfics* é superior ao dos “*ficwriters* medíocres”.

Pandora Lynn já é uma *ficwriter* com um bom número de leitores. O que ela adquire com esse manifesto, ao posicionar-se no campo, no polo oposto ao dos “medíocres”, é capital simbólico e também a conservação do campo, onde escritores que participam da dinâmica escrita por Pandora são vistos como de menor importância. Ao rebaixá-los, eleva sua posição no jogo de disputas.

Existe no texto a descrição de algumas estratégias para obter mais *reviews*. A primeira seria entrar em contato com seu grupo de escritores, pedindo mais *reviews*. Pandora ainda acrescenta três sub-itens ao tópico: greve, propaganda excessiva e “sociabilização”. O primeiro, greve ou chantagem, trata da interrupção da escrita da *fanfiction* até que esta receba um determinado número de *reviews*. A propaganda excessiva⁶¹, como diz o nome, é a divulgação da *fanfic* em todos os espaços sociais dos *ficwriters*. A “sociabilização” é a intensificação de sua atividade como bajulador de outros escritores a fim de adquirir fama e público.

Apesar de Pandora declarar que o texto é uma autocrítica, seu ponto de vista é externo, apresentando um juízo de valor muito claro em sua crítica. Seu texto também não deixa de ser uma forma de afirmar-se no *fandom*, de erguer uma bandeira para chamar atenção ao que ela considera importante e no que ela difere em relação ao *ficwriter* “mediocre”. Em seu registro do Fanfiction.net⁶², está escrito: “Espaço abertos inclusive para xingos. Po, por que ninguém escolhamba as minhas fics?? EU QUEROOOOOOOO xingos!! Orra! De puxa-saquismo o mundo já tá cheio!!”. Isso reflete a aversão dela pela dinâmica de leitores “puxa-sacos” que só elogiam e a ausência de leitores que procuram defeitos em seu texto. Se Pandora Lynn chegou

⁶⁰ “Não sabem eles que a maioria dos verdadeiros artistas mal obteve reconhecimento em vida, e mesmo assim não deixaram de ser grandiosos?”

⁶¹ A propaganda excessiva também aparece na *fanfic* “RealDeathMask69”, quando a personagem Máscara da Morte depara-se com uma *review*:

“TEQUILA-SAN - Adorei, muito boa! Leia minha fic e comenta plz!

Máscara até consideraria um elogio, se as outras dezenove fics na primeira página não tivessem recebido exatamente o mesmo comentário...”

⁶² Pandora Lynn – Fanfiction.net. Disponível em: <<https://www.fanfiction.net/u/915168/Pandora-Lynn>>. Acesso em: 16 junho 2014.

a encaixar-se na descrição de autor obcecado com popularidade, em algum momento, isso mudou.

Não se nega que a dinâmica do *ficwriter* “mediocre” envolve uma relação de hierarquia em relação a outros escritores, que também chega a ser mencionada na lista “10 Mandamentos para Ficwriters de Sobrenatural”, de Mysteryreadhead. Nela, o Senhor conversa com o *ficwriter*, dando-lhe as instruções para atuar no *fandom*:

E o Senhor pensou por um momento e declarou: "Então tu deverás aderir a fóruns com nomes estranhos e usar o Live Journal e iniciar diálogos sobre idéias postadas em três segundos que duram muitos dias e muitas noites. Pois há força nos números e,[sic] o mais velho dentre vós governará sabiamente sobre vós quando lutarão todos como os anjos em uma guerra santa. (Mysteryreadhead)

Também neste texto a ideia de hierarquia entre os fãs aparece. Como o texto comenta, é comum o fã mais velho, que sempre buscou destacar-se no *fandom*, ocupar uma posição hierarquicamente superior. Em inglês há os chamados *Big Name Fans*, fãs que adquirem fama no *fandom*. Segundo o Fanlore⁶³:

This term was originally attached most often to well-respected members of fandom, particularly those who organized or worked on conventions, produced zines, wrote for zines (either fiction or non-fiction), created fanart, and acted as the liaison with professional writers. Online media fandom has its own criteria for what made a fan a BNF.

In recent years, however, "BNF" has taken on a pejorative connotation, and is often used to describe fans over-impressed with their own prominence who may attempt to use their popularity for personal gain or to indulge their own unreasonable whims.⁶⁴

Em minha experiência, *Big Name Fan* não é um termo utilizado no Brasil, embora existam fãs que se destaquem no *fandom* e que são alvo de ataques pelos demais. Fãs importantes que controlam canais de comunicação do *fandom* podem ser acusados de “ditadores” por não permitir que comentários contrários ao seu ponto de vista sejam apagados pela equipe de moderação desse meio de comunicação. Há também fãs famosos acusados de práticas antiéticas para conquistar maior visibilidade e popularidade no *fandom*.

O fato de haver relações hierárquicas no *fandom* não é novidade; em *Cultura de Convergência*, por exemplo, Henry Jenkins descreve a prática do *spoiling*, que se trata de os

⁶³ Big name fan – Fanlore. Disponível em: <https://fanlore.org/wiki/Big_Name_Fan>. Acesso em 14 fev 2016.

⁶⁴ O termo era originalmente ligado aos membros mais respeitados do fandom, particularmente aqueles que organizaram ou trabalharam em convenções, produziram fanzines, escreveu para fanzines (ficção ou não ficção), criou fanart, agiu como intermediário com os escritores profissionais. O fandom do meio digital tem seus próprios critérios para estabelecer o que fez de um fã um BNF.

Nos anos recentes, entretanto, "BNF" ganhou uma conotação pejorativa, e é frequentemente usado para descrever fãs impressionados com sua própria proeminência, que podem tentar usar sua popularidade para ganho pessoal ou para entregar-se a seus próprios caprichos ilógicos. (tradução nossa)

fãs adivinharem quais seriam os próximos passos de uma dada narrativa. Focando-se no *fandom* de *Survival*, um *reality-show*, Jenkins demonstra como alguns fãs destacavam-se em relação aos demais por possuírem informações exclusivas sobre o programa de televisão⁶⁵. Por outro lado, o fato de haver hierarquia também entre os escritores de *fanfic* envolve outros critérios, que incluem o estético, e que estão relacionados com uma concepção que esses possuem do literário. Isso se deve ao capital cultural que esses fãs trazem consigo quando ingressam no campo da *fanfic*. Na ausência de parâmetros para escrever uma *fanfic*, ao longo desse aprendizado quase autodidata, o fã recorre aos recursos de que dispõe: ensinamentos passados na vida escolar, referentes à redação e à literatura. A *ficwriter* Konha, através da comunidade de fãs “Fics Sakura e Sasuke”, publicou no Fanfiction.net um tutorial para *fanfics*, no qual constam várias descrições de figuras de linguagem e de normas da gramática:

2 – O bom uso das palavras é fundamental. Você não precisa ser *expert* em **Língua Portuguesa** e dominar todas as suas funções, regras e afins. Apenas tome cuidado com os **acentos**, as **vírgulas**, os **tempos verbais** e é claro, a **concordância**, tanto gramatical quanto verbal. Word e um dicionário são bons companheiros na hora de desenvolver qualquer escrito.

2.1 – Você também pode usar algumas das **Figuras Semânticas** em conjunto ou não com as Figuras Sintáticas para enriquecer o seu texto. Tais como **Metáfora**, **Prosopopéia**, **Antítese**, **Paradoxo**, **Hipérbato***, **Assíndeto***, **Eufemismo**, **Ironia**, etc. Elas ressaltam não só a forma como o texto é produzido, mas também as personalidades dos personagens e deixam mais claras as intenções do escrito.

2.2 – **Metáfora** é o emprego de um termo com significado de outro em vista de uma relação de semelhança entre ambos. Todavia, uma comparação subentendida.

Ex.:

"Sua boca é um **cadeado**
E meu corpo é uma **fogueira**"
(*Chico Buarque de Hollanda*)

(Konha, 2009)⁶⁶

O tutorial explica o conceito de figuras de linguagem (metáfora, prosopopeia, antítese, paradoxo, eufemismo, assíndeto e ironia) e esclarece dúvidas comuns quanto à norma gramatical (emprego de porque/porquê/por que/por quê, de senão/se não e de há/a/à). Além disso, faz recomendações específicas para *fanfics*: tomar cuidado ao distorcer a personalidade de uma personagem, tornando-a *out of character*, e não escrever texto dramático (o texto foi publicado no Fanfiction.net, que proíbe *fanfics* de roteiro; portanto, faz sentido Konha rejeitar essa forma de escrita). Nota-se que o tutorial desenvolvido por Konha contém o mesmo conteúdo (ainda que adaptado para os fãs) de um livro didático escolar e até utiliza um texto

⁶⁵ Jenkins conta como um dos fãs, ChillOne, ganhou destaque em relação aos demais por conter informações sobre o programa: “A primeira mensagem que postou na Internet enfocava principalmente a locação das filmagens: “Em primeiro lugar, o mapa postado por Wezzie é muito preciso. Vou começar preenchendo algumas lacunas”. Foi um primeiro lance ousado, já que Wezzie é uma das mais respeitadas participantes da comunidade de *spoilers* de *Survivor*” (JENKINS, 2009, p. 63).

⁶⁶ Tutorial – Como fazer uma boa fanfiction. Disponível em : <<https://www.fanfiction.net/s/5228949/1/TUTORIAL-COMO-FAZER-UMA-BOA-FANFICTION>>. Acesso em 02 set 2016.

de Chico Buarque de Hollanda como exemplo, e não o texto de algum fã. De fato, a autora comenta ter utilizado uma gramática: “**CRÉDITOS À GRAMÁTICA DE TEORIA E EXERCÍCIOS PASCHOALIN & SPADOTO**. Sem ela eu não saberia explicar - embora soubesse muito bem do que se trata - as figuras semânticas.” (grifo do autor).

O uso da *review* como medidor da popularidade do *ficwriter* também é abordada no texto de Metal Ikarus e Lune Kuruta, “**Criticar: Você está fazendo isso errado!**” Lune Kuruta reconhece que existem *ficwriters* que objetivam a popularidade:

Sabe, esse negócio de supervalorizar review é meio complicado. Na verdade, não dá pra discordar totalmente do que os flammers dizem a respeito, porque realmente existem muitos casos em que as pessoas escrevem fics dos gêneros mais populares por isso, mesmo. E, na maioria das vezes, pela própria qualidade da fic, dá pra perceber o real intuito por trás daquela historinha clichê e forçada. (Lune Kuruta)

Nota-se uma recorrência da associação do dito *ficwriter* que deseja a popularidade no *fandom* com a baixa qualidade da *fanfic*. Diante da acusação de a *fanfic* de fichas ser escrita exclusivamente para conseguir mais *reviews*, Metal Ikarus responde:

E houve uma época que eu mesmo me peguei criando fics de fichas pra angariar reviews. Sim, o alarme do Ikarus bombou. Eu tenho até um desabafo aqui que gerou em uma das fics de fichas deletadas[sic], repostada com menos fichas e de uma forma que me agradou mais. Recebi bem menos review, e fiquei satisfeito com o resultado! (Metal Ikarus)

Metal Ikarus e Lune Kuruta admitem a existência da supervalorização da *review* em relação ao reconhecimento popular do *ficwriter*, mas defendem que os autores não devem ser hostilizados pelo número de comentários recebidos dos leitores. Ao contrário de Pandora Lynn, Lune Kuruta os protege:

“por mais que eu discorde desse valor excessivo que dão ao número de reviews (e nem sempre à qualidade delas)... se o autor REALMENTE escreveu uma fic pra conseguir mais comentários, ele pode. Afinal, isso não é crime, é? E, se você despreza essa motivação, mais um motivo pra não deixar uma review a ele!”⁶⁷ (Lune Kuruta)

A prática de escrita das *fanfics*, portanto, não constitui sempre uma atividade pacífica e respeitosa, e a hostilidade em relação a textos de menor qualidade prova ser uma barreira para os fãs que possuem mais dificuldade com a escrita, principalmente aqueles em fase escolar ou que possuíram uma formação deficitária. A maioria dos fãs não está preocupada em considerar que outros possuem diferentes níveis de domínio da escrita, apenas esperam

⁶⁷Lune Kuruta refere-se ao fato de que flammers costumam ofender as *fanfics* que desprezam através de reviews, ironicamente contribuindo para o aumento do número das mesmas.

que o texto satisfaça os seus critérios de qualidade pessoais, embora exista no *fandom* uma preocupação pedagógica em relação à escrita, muito mencionada em artigos sobre *fanfiction* que estejam voltados ao ensino.

A questão da popularidade desse escritor também pode estar relacionada à necessidade de o fã receber a atenção que pode estar ausente em outras instâncias em sua vida. Além disso, há escritores de *fanfics* que planejam de fato seguir uma carreira literária, e estão preocupados em como atingir o maior número de público, já que a principal forma de os *ficwriters* medirem a quantidade de leitores que se interessaram de fato pela *fanfic* é justamente a *review*. Sites como Fanfiction.net também possuem a opção para o leitor incluir uma dada *fanfic* em sua lista de histórias favoritas. Eles também oferecem dados estatísticos quanto ao acesso dos leitores às *fanfics*, embora esses incluam aqueles fãs que chegam a visualizar a *fanfic*, mas não leem.

4.3 Categorias e elementos de *fanfiction* menosprezados

No *corpus*, deparamo-nos com textos de *ficwriters* defendendo duas categorias de textos que sofrem preconceito no *fandom*: o roteiro e a *fic* de ficha. Os textos que falam sobre esses assuntos são “Crítico: Você está fazendo isso errado!”, de Lune Kuruta, e “Manifesto a favor da linguagem de roteiro”, de Pandora Lynn.

No início do *fandom* na internet por volta do ano 2000, havia uma quantidade razoável de *fanfics* no formato “roteiro”. Tal forma de escrever foi gradativamente combatida pelos *ficwriters* mais experientes, gerando conflitos dentro do *fandom*. Contudo, por ter sido proibida em sites de armazenamento de *fanfics* como o Fanfiction.net, quase nenhum fã se dedica a ela, pois não tem capacidade de divulgação da *fanfic* para o público maior. *Fanfics* nessa forma atualmente são bem menos frequentes. Normalmente, as encontramos em grupos pequenos e isolados ou remanescentes de sites antigos. Possivelmente, essa recusa pela forma também tenha a ver com a maneira como as aulas de redação voltadas aos exames vestibulares se dividiam, principalmente, em dissertação e narração, sendo esta passada aos alunos como narração em prosa. O uso de linguagem de internet, abreviações como vc, tb e emoticons, também foi bastante combatido pelos fãs.

Ironicamente, Francesca Coppa, no ensaio “Writing Bodies in Space Media Fan Fiction as Theatrical Performance”, defende que a *fanfiction* se baseia muito mais no espetáculo teatral do que na literatura. A tese de Coppa é de que as *fanfictions* aproximam-se

muito mais da linguagem dramática (no sentido de ser próxima ao teatro⁶⁸) do que da literária. As personagens das *fanfics*, enquanto combinação de comportamentos restaurados, ganham vida e são capazes de transitar de uma história para outra. Ela parte da ideia de que um *fandom* só se populariza a partir do momento em que a narrativa é materializada visualmente. *Harry Potter* é um exemplo disso. Mesmo sendo originalmente um livro, o seu *fandom* só cresceu por causa da adaptação de livro para filme, de modo que os fãs sempre possuem em mente os corpos dos atores do filme relacionados às personagens que interpretam. E, se a referência dos fãs é de origem audiovisual, é natural que as *fanfics* incorporem muito mais a narrativa dramática do que a literária. A contradição que sua tese gera é que os fãs costumam considerar a narrativa do livro/história em quadrinhos mais importante do que a do filme/desenho animado.

A performance teatral está muito ligada ao corpo, e os fãs costumam imaginar as personagens como se fossem pessoas reais, embora saibam que se tratam de construções textuais. Isso reflete o desejo de o fã querer trazer a personagem amada para perto de si, presente em *fanfics* na qual o fã se coloca como uma das personagens da narrativa. Já foi levantada a hipótese de a dualidade presente nas personagens (não existir senão como construção textual, mas existir na imaginação do fã como pessoa real) ser uma necessidade para os fãs criarem *fanfics*. Isso acontece porque, mesmo que os fãs imitem a personagem nas *fanfics*, retirando do texto original trechos ou comportamentos das personagens para melhor reconhecimento do leitor, eventualmente terão de inventar um conjunto de novos comportamentos para elas, coerentes com o texto original. Para isso, precisam imaginá-las como pessoas reais possuindo os corpos que o material audiovisual lhes fornece.

Para reforçar o quanto os fãs valorizam mais o texto do que a performance, Coppa utiliza como exemplo o “Geek Hierarchy”, uma brincadeira do *fandom* que estabelece a estrutura hierárquica dos “nerds”. Na chave dos escritores nessa hierarquia, há a seguinte ordem, da categoria mais alta à mais baixa:

- autores de ficção científica e de fantasia que foram publicados
- os fãs desses livros
- os escritores de *fanfics*
- os escritores de *fanfics* eróticas /os escritores que se inserem na história

⁶⁸ Coppa entende o *fandom* como uma comunidade de teatro: “In the days before television, people often made theatre in their homes, for fun, and in fandom, we still make theatre together, for fun, except we cast the play from our television sets” (COPPA, 2006, p. 242). Nos dias anteriores à televisão, as pessoas frequentemente fizeram teatro em suas casas, por diversão, e no fandom, nós ainda fazemos teatro juntos, por diversão, exceto que traçamos a peça a partir dos cenários na nossa televisão (tradução nossa).

- os escritores de *fanfics* eróticas que se inserem na história
- os *furries* ao final (um *fandom* que se dedica a figuras de animais antropomorfizados)

Coppa (2006, p.231) observa que, quanto mais baixa a posição hierárquica do indivíduo nessa estrutura, maior é a ênfase no corpo e a distância em relação à linguagem textual⁶⁹. A tese de Coppa estaria de acordo com o fato de uma parcela grande dos *ficwriters* rejeitar a forma roteiro, entre as *fanfics*. Roteiros são *fanfics* que se aproximam da forma dramática, na qual as falas das personagens são precedidas por seus nomes, com pouca ou nenhuma intervenção do narrador⁷⁰. Considerando que a maioria dos fãs tem seu primeiro contato com o objeto de afeto pela via audiovisual (seriado de televisão, filme ou desenhos animados), as *fanfics* de roteiro são um reflexo da própria estrutura do principal contato do fã com o objeto cultural; porém foram proibidas em alguns sites de armazenamento de *fanfics* no Brasil, entre eles o Fanfiction.net⁷¹. A forma, portanto, foi condenada pela maioria dos *fandoms* no Brasil.

Uma interessante exceção seria do seriado de televisão *Chaves e Chapolin*, que mantém as *fanfics* com essa estrutura em grupos fechados, onde a maior parte delas simula os episódios do seriado de televisão e é bastante valorizada. A *fanfic* “Um marido em apuros”⁷² foi vencedora de um concurso interno nesse *fandom* e segue a forma do roteiro:

TÍTULO: Um Marido Em Apuros

Roteiro: Mister Pom

Elenco:

Roberto Gómez Bolãnos - Chapolin

Carlos Villagrán - Sr. Carlos Gutierrez

Ramon Valdez - Policial

Maria Antonieta de Las Nieves - Vendedor de balas

Florinda Meza - Sra. Florinda Gutierrez

BLOCO 1:

Madrugada. Carlos Villagrán chega de uma partida de futebol dos casados contra os solteiros, de madrugada. Os amigos do time adversário fazem piada, dizendo de que "desta vez" a mulher dele irá matá-lo. Gabam-se de serem solteiros e "livres" e daí vão embora. Desesperado pela perspectiva

⁶⁹ Coppa refere-se à comunicação por texto escrito em oposição à linguagem por meio do corpo

⁷⁰ Uma das principais características na prática da *fanfic*, quando baseada em uma narrativa presente no suporte audiovisual, está na referência aos corpos dos atores (ou design das personagens, no caso do desenho animado). O roteiro é pensado como um script a ser atuado, e aproxima-se do teatro no momento em que o fã (escritor ou leitor), imagina a narrativa desenrolar-se em sua mente como uma peça de teatro, com personagens que são visualmente conhecidas.

⁷¹ Guidelines | Fanfiction. Disponível em: <<https://www.fanfiction.net/guidelines/>>. Acesso em 12 jan 2015.

⁷² Fórum Único Chespirito. Disponível em: <<http://www.forumch.com.br/topic/5111-fanfics-e-remakes/page-7#entry250375>>. Acesso em 16 jan 2015.

de receber um tremendo esporro de sua esposa e que isso arruine seu casamento, ele chama pelo Chapolin.

Carlos: Oh, quem poderá me defender?

Chapolin: Eeeeu!

Carlos: O Chapolin Coloraaaado!

Chapolin: Não contavam com minha astúcia!

Carlos: Que bom que chegou, Chapolin Colorado!

Chapolin: Posso saber porque me chamou?

Carlos: É que não quero ficar solteiro.

O exemplo do Fórum Chespirito é interessante porque ele atua de forma isolada, e possui *fanfics* bastante diferentes daquelas que estão publicadas em suportes mais conhecidos, como Fanfiction.net e Nyah!Fanfiction, com a estrutura do texto baseada nos atores reais do seriado de televisão.

O motivo de o roteiro ser combatido não é claro. O mais provável foi a grande quantidade de *fanfics* nessa forma que consistiam em um único diálogo superficial. Essas *fanfics* geraram a ideia de que toda *fanfic* em forma de roteiro é mal escrita, levando os fãs a hostilizarem-na. Pandora Lynn rebate as críticas feitas à forma utilizando exemplos da literatura: Gil Vicente, pela linguagem teatral e Mario de Andrade, como autor que rompe com as regras gramaticais e José Saramago para demonstrar o rompimento com a estrutura da sentença.

Gil Vicente - Esse cara escrevia peças de teatro escrachadíssimas nos séculos XV e XVI. Isso mesmo, antes da sua tataravó ter a infelicidade de iniciar a linhagem que te colocaria no mundo, ó ser infeliz. Não seja preguiçoso e procure no Google, ou no cacete que você quiser. As obras do cara eram todas, TODAS em linguagem de roteiro. Além de ele escrever palavrões, palavras como "caganeira", "caga-merdeira" em PLENOS séculos XV e XVI. Se ele pode, porra, por que eu não posso?! (Pandora Lynn)⁷³

É importante observar, porém, que Pandora Lynn não defende as *fanfics* de menor qualidade; apenas a forma do roteiro, que utiliza em suas paródias. A crítica em relação às *fanfics* de roteiro envolve principalmente a qualidade de escrita, e o intuito da autora é provar que forma e qualidade não estão relacionadas.

Lune Kuruta e Metal Ikarus possuem uma postura relativamente diferente de Pandora Lynn, pois a *fanfic* de fichas, além de enfrentar a crítica da qualidade de escrita, também é

⁷³ Pandora Lynn está ciente de que Gil Vicente escreveu para o teatro. Contudo, a forma como sua obra é transmitida atualmente, por um texto que estruturalmente se assemelha à *fanfic* de roteiro, serve de justificativa para a existência desta.

acusada de ser escrita pelos “mediócre” descritos por Pandora Lynn e por conter personagens do tipo *Mary Sue*. Portanto, trata-se de um texto que acaba por tratar dos principais assuntos conflitantes em *fanfics*, e o foco da crítica de seus autores não se limita à categoria envolvida. O texto não apenas defende a forma das *fic*s de fichas, mas também elementos ou fatos nelas presentes que atraem a crítica dos leitores. Eles são: a presença de personagens *Mary Sues*; o excesso de valorização *das reviews* como medidor da popularidade, já discutido aqui; o excesso de *fanfics* envolvendo personagens populares; a caracterização da personagem e a acusação de que os autores não sabem receber críticas, que estava também presente no texto “Como ser um ficwriter medíocre”: “Quando recebem críticas, mesmo que construtivas, é provável que tais figuras normalmente olhem a mensagem com nariz empinado e pensem: “Quem é essezinho/essazinha pra achar que pode me dar conselho?” Como se fossem Deuses, mesmo.”

Para discutir a defesa da *fic de fichas*, portanto, é mais interessante atrelá-la à crítica relacionada à *Mary Sue*. Retomando, *Mary Sue* é uma personagem inverossímil, com excesso de virtudes e sem defeitos, conquistadora das personagens masculinas e tida como projeção idealizada da *ficwriter*. Talvez uma das mais antigas críticas (e provavelmente a maior) em relação à *fanfiction* é a *Mary Sue*, figura paradoxal. Ela representa um desejo essencial ao *fandom*: de interagir com as personagens e de dar vazão às paixões, ignorando as barreiras próprias da razão. Essa figura, que carrega consigo uma ideia tão próxima do desejo do fã, é continuamente combatida ao longo dos anos, desde o auge do *fandom* de *Star Trek*. Há uma leitura na chave feminista de que a figura da *Mary Sue* é uma libertação da mulher reprimida.

O que acontece em torno da *Mary Sue* é uma espécie de recomendação maligna “não faça *Mary Sues*”, que se torna generalizada. Isso recai, também, sobre as *self-inserts* e sobre as personagens originais, de modo que se torna difícil para o *ficwriter* trabalhar em uma personagem talentosa sem se sentir “culpado” por estar fazendo uma potencial *Mary Sue*.

No Brasil, não foram encontrados textos defendendo a *Mary Sue* em si. Metal Ikarus e Lune Kuruta não chegam a defender a *Mary Sue* em si, mas o direito de escrevê-la. Já em inglês, existem alguns textos a esse respeito. Um deles é bastante citado: “Storming the Battlements or: Why the Culture of Mary Sue Shaming is Bully Culture” escrita por boosette. Infelizmente, por ter recebido excessivas críticas dos fãs que detestavam *Mary Sues*, a autora decidiu restringir seu acesso ao público.

Contudo, existe uma crítica muito pertinente, escrita por staranise: “Such stuff as dreams are made on”⁷⁴, que fala do modo como o termo *Mary Sue* suscita a violência de outros fãs. Ela comenta como é proibido aos *ficwriters* escrever uma *Mary Sue*, e que a recomendação para evitá-la seria incluir “defeitos” na personagem. Apesar de ser um texto em inglês, essa crítica cabe muito bem ao *fandom* brasileiro. Nos “10 Mandamentos para Ficwriters de Sobrenatural”, três dos mandamentos listados pela autora relacionam-se com a *Mary Sue*: “Deverás Desconfiar de OCs⁷⁵”, “Deverás Matar as Mary Sues” e “Não Deverás Escrever Fics com Auto-Inserção”. Neles, há uma breve descrição da *Mary Sue* pelo seu excesso de habilidades: “E o autor foi proibido pelo Senhor de criar personagens com habilidades demais que possam controlar todos os outros personagens”.

O texto “O Pesadelo chamado Mary Sue” é um bom exemplo de rejeição à *Mary Sue* no *fandom*. A autora utiliza as palavras “pesadelo”, “terror”, “fanfics infestadas” para se referir à personagem e enfatiza o excesso de qualidades das personagens e a ausência de defeitos. Nesse texto, é curioso como a autora responde a uma possível crítica:

"Ah, mas eu não me importo com os outros leitores. Eu escrevo fics para me divertir, não para ganhar reviews."

Ok. Você tem todo o direito de escrever o que quiser. Mas se você não quer que outras pessoas leiam, não publique. Os leitores de fics agradecem! (BastetAzazis)

Percebe-se aqui um conflito comum entre *ficwriters* e seus leitores. Metal Ikarus e Lune Kuruta defendem que o autor tem a liberdade de publicar o que quiser, enquanto os leitores se incomodam com certos tipos de *fanfics* publicadas. Por trás da crítica de BastetAzazis, existe a ideia de que um escritor de *Mary Sue* não quer ser lido, o que é uma inverdade.

A recomendação dos *ficwriters* veteranos geralmente é: inclua defeitos na sua personagem para evitar uma *Mary Sue*. Em relação a isso, staranise critica: “Mary Sue these days isn't a criticism of skill. It isn't a criticism of writing ability. It doesn't teach the writer how to build convincing character detail. It teaches her to reduce her expectations for her characters.”⁷⁶ E isso é curioso para um passatempo que pressupõe a liberdade de escrita do fã. O medo de criar uma *Mary Sue* acaba se estendendo ao medo de criar qualquer personagem

⁷⁴ Such stuff as dreams are made on. Disponível em: <<http://staranise.dreamwidth.org/36599.html?format=light>>. Acesso em 02 out 2014.

⁷⁵ *Original characters*, ou seja, personagens originais.

⁷⁶ “Mary Sue atualmente não é uma crítica à técnica. Não é uma crítica de habilidade de escrita. Ela não ensina o escritor a criar detalhes de uma personagem convincente. Ela ensina a reduzir as expectativas da autora em relação às suas personagens.” (tradução nossa)

original, e, por ela ser considerada uma projeção idealizada do autor, o *self-insert*, que o coloca como uma das personagens da *fanfic*, também é rejeitado.

Para Camille Bacon-Smith, em “Enterprising Women”, a *Mary Sue* representa a transição da mulher pró-ativa para a passiva, em uma adequação a uma cultura patriarcal. A morte da personagem ao final da história é o rito de passagem: para que a mulher submissa possa surgir, é preciso que a pró-ativa morra:

For the fan woman of any age, her Mary Sue story is her attempt, if only in print, to experience that rite of passage from the active child to the passive woman who sacrifices her selfhood to win the prince. Mary Sue must be an adolescent, behaviorally if not absolutely chronologically, because she represents a transition in roles and identity specific to that period in a woman's life. The fan versions often expressed a cultural truth of their time, however: to make the transition from child to woman, the active agent within her had to die. Mary Sue writers traditionally kill the active self with their alter-ego character at the end of their stories.(BACON-SMITH, 1992, p. 101-102)

Trata-se de uma interessante leitura, feita a partir da descrição de um comportamento passivo da mulher. Outra possibilidade de interpretar a *Mary Sue* partindo dessa hipótese, que corresponde à minha visão, é de que a *Mary Sue* seja a imagem de uma adolescente, que, ao superar diversos obstáculos em seu percurso de vida, alcança a idade adulta.

O tema da *Mary Sue* também foi abordado pelos autores do “Projeto dissertando polêmicas”. Narcisa Le Fay comenta: “O problema, ao meu ver [sic], não é a auto-inserção - porque você pode fazer isso e ainda criar um PO⁷⁷ bem construído e que ajude a história - e sim quando o PO é mal construído, passando a adquirir faces de Mary/Gary Sue”. Em geral, as autoras que participam do projeto não gostam de *Mary Sue*, mas possuem maior tolerância a personagens originais e ao *self-insert*. Mya Xuxu também defende o direito de os fãs escreverem *Mary Sue*:

(...) eu ODEIO quando certos fóruns ou certas autoras tentam fazer uma cartilha de ética e bom senso do fandom. **Eu sei que o mundo seria melhor se todo mundo fosse lindo e escrevesse coisas lindas e plausíveis, pelo menos, com o universo do fandom; se todo mundo escrevesse coisas que nós queremos ler. Mas isso é impossível.** Cada um TEM que escrever o que cada um TEM que escrever e pronto. Pra mim regras dentro de criação, por mais que seja[sic] pra criar um personagem dentro de um universo existente, é coisa que não deve existir[sic], mas somente o bom senso. E se uma pessoa não tem bom senso agora, nada impede que ela refine as ideias loucas dela pra criar algo realmente bom. (Mya Xuxu, grifo do autor)

O comentário de Mya Xuxu deixa bem claro o conflito existente entre escritores de *fanfic* em relação à liberdade de escrita, e que textos prescritivos a incomodam por tentar impor regras a uma prática que, em seu conceito, é livre. Isso não se aplica apenas a

⁷⁷ Personagem original.

determinadas categorias de *fanfiction*, como roteiro e de fichas. Ocorre com tudo que se torne numeroso, popular e que passe a incomodar uma parcela dos fãs. *Fanfics* retratando determinado casal de personagens também são alvo de ataques de leitores. E de fato existem *ficwriters* que procuram trabalhar com personagens impopulares com o intuito de dar mais variedade às *fanfics* disponíveis para a leitura.

Quando autores buscam escrever *fanfics* envolvendo personagens impopulares, colocam-se no polo oposto ao dos que escrevem sobre os populares, na esperança de obter capital simbólico. A dificuldade dos *ficwriters*, no entanto, é que o *fandom* não possui uma instituição legitimadora central que a reconheça detentora do prêmio do campo. Escritores de *fanfics* costumam, em círculos menores e locais, realizar pequenos concursos para atribuir capital simbólico às suas próprias composições; mas não existem, como no campo da literatura, instituições de peso, tal qual universidades e academias de letras. Assim, só resta a esses fãs, dentro de seus pequenos círculos, construir estruturas que os legitimem – comunidade e fóruns, por exemplo – onde comandarão e regulamentarão a conduta daqueles que os seguem, de forma a adquirir prestígio. Se perguntarmos a um leitor de *fanfics*, atuante no *fandom* há anos, ele saberá nos dizer quais *fanfics* são as melhores de acordo com seus próprios critérios de avaliação – algumas de longa data. No entanto, dificilmente encontraremos uma centralidade quanto à determinação de melhores *fanfics*.

Uma possibilidade de instância legitimadora no *fandom* viria da porção acadêmica – *fan-scholars* e *aca-fans*. Ao contrário dos fãs, os *aca-fans* trabalham sobre conhecimentos produzidos ao longo do tempo, ou seja, eles têm consciência da história do *fandom* e a possibilidade de refletir sobre ela e sobre a prática dos fãs. Entretanto, as pesquisas que analisam *fanfics* possuem como principal foco investigar determinadas características de todas ou de parte das *fanfics*. É possível, é claro, encontrar textos de valor literário em meio às *fanfics*, mas pode ser que a análise deles não ocorra porque é importante aos estudos do fã, além de estudar as características próprias do *fandom*, preservar a cultura dos fãs como um meio livre, de experimentação para jovens que ainda estão aprendendo a dominar a escrita. A criação de um cânone das *fanfics* poderia estimular o movimento de exclusão de todas as demais, que não atendessem aos critérios de valoração para o estabelecimento daquelas consideradas as “melhores”.

4.4 Formas de regular a atividade de outros fãs

Uma das formas de controlar o comportamento dos *ficwriters* são os próprios textos analisados nesta pesquisa, que criticam ou defendem determinado tipo de *fanfic* ou elemento narrativo. Outras formas já mencionadas são as agressões vindas dos *flamers* e a “ripagem” de *fanfics*. A *fanfic* “RealDeathMask69” ilustra bem esses dois tipos de ataque e, apesar de não retratar um caso real, serve bem como exemplo do que acontece na prática.

Ao conferir as *reviews* deixadas em sua *fanfic*, Máscara da Morte depara-se com os *flamers*: “JACK THE REAPER – kkkkk que bosta!”, “SUA MÃE – Que lixo! Tinha de ser fã doente daquele tosco pra inventar tanta merda...”, “UM LEITOR – Ri demais kkkkk”. As ofensas, chamadas *flames*, são comentários curtos, que visam atacar texto e autor. Existe no *fandom* também o termo *flamewar*, que se refere a grupos de fãs que brigam entre si por meio dos *flames*. É importante observar que esse comportamento não se iniciou com o *fandom* na internet, sendo que anteriormente os fãs brigavam por meio de cartas.

O risco de receber ofensas serve como uma forma de intimidação para os *ficwriters* que possuem mais dificuldade com a escrita. É muito comum, quando o *ficwriter* iniciante começa a publicar, pedir que outros fãs não o hostilizem por aquela ser sua primeira *fanfic*. Não é difícil encontrar exemplos desse comportamento. Nas notas iniciais da *fanfic* “Medo de Falhar”⁷⁸, de Mortícia, consta: “Olá! Essa é a primeira *fanfic* da minha vida rsrs Por favor, sejam gentis com a caloura :) Obs.: Desculpem se acharam o capítulo curto, é que tenho medo da reação de vocês hahaha”.

Há de considerar que o *ficwriter* iniciante, muitas vezes, não conta com um círculo de amizades definido dentro do *fandom*, de modo que seu ingresso ao mundo das *fanfics* é mais difícil, sem poder contar, desde início, com outros fãs que se prontifiquem a defendê-lo, caso seja atacado. Dependendo do suporte de publicação utilizado, é possível conseguir maior ou menor apoio da equipe do site, capaz de mediar e resolver eventuais problemas de relacionamento entre os usuários do sistema.

As organizações criadas pelos próprios fãs, portanto, detêm o poder para definir determinadas condutas dentro do *fandom*. Sendo a “ripagem” uma prática brasileira, não há regras específicas a seu respeito no Fanfiction.net. Embora seja possível denunciar uma “ripagem” à equipe do site, ainda se encontram textos desse tipo, como a “Alma de uma Mary Sue”⁷⁹. Entre os fatores de ainda haver “ripagens” nele é a dificuldade de avaliar os textos em português, pois a equipe de manutenção do site se comunica apenas em inglês. Já o Nyah!

⁷⁸ Medo de Falhar – Nyah! Fanfiction. Disponível em:

<http://fanfiction.com.br/historia/526542/Medo_de_falhar/capitulo/1/>. Acesso em 21 out 2014.

⁷⁹ Alma de uma Mary Sue. Disponível em: <<https://www.fanfiction.net/s/8054104/1/Alma-de-Uma-Mary-Sue>>. Acesso em: 15 abr 2016.

Fanfiction, criado e administrado por brasileiros, não aceita reprodução de textos escritos por outras pessoas, embora abra uma exceção para *songfics*. Todas as ‘ripagens’ publicadas nele foram excluídas pela administração, e os registros de seus autores no sistema, permanentemente bloqueados.

A “ripagem” é uma atividade mais polêmica, por dividir a opinião dos fãs. Tem origem no Brasil e o significado do termo teria a ver com a expressão “RIP”, *rest in peace*. Consiste em republicar a *fanfic* de outro autor, com comentários destacados ao longo do texto debochando seus erros de escrita. É normalmente feito por mais de um fã, e a justificativa é policiar a qualidade das *fanfics* publicadas na internet. Na *fanfic* de Lune Kuruta, Máscara da Morte tem seu texto “ripado” por um grupo de fãs. Segue um trecho da *fanfic*:

Só uma coisa não tinha mudado, por mais que ele tivesse morrido no Muro das Lamentações o terrível cavaleiro MÁSCARA DA MORTE DE CÂNCER (**Lady Virgo Shaka: Em CAPS LOCK, ele é tão foda que merece!**) (**Duque Von Rip: Tremei, mortais!**) ainda espalhava terror por onde passava, todos sabiam que se não fosse Atena ele continuaria colecionando cabeças em seu templo, já que elas eram seus mais preciosos troféis (**Supreme Lord Aries: "Troféis" no lugar de TROFÉUS... a professora desse cara deve ter morrido de desgosto.**) (**Kanonic Hero: Máscara da Morte ganhou mais uma cabeça depois dessa...**), não importava se eram homens, mulheres ou crianças, ninguém escapava da fúria dele. (**That Misopheta Guy: UM PONTO FINAL! Eu já estava com saudades!**) (**Duque Von Rip: Perdi meu fôlego mental só lendo esse parágrafo...**) (Lune Kuruta, grifo do autor)

O texto do *ficwriter* é mantido integralmente, e comentários de humor destacados em negrito marcam a intervenção do “ripador”, com seu respectivo apelido. A crítica pode referir-se tanto à adequação da escrita às normas gramaticais e à redação como à própria narrativa (para criticar uma *Mary Sue*, por exemplo). Muitas vezes, quando um *ficwriter* tem sua *fanfic* “ripada”, faz uma segunda edição da *fanfic* com os erros consertados. O nível de agressividade dos “ripadores” varia, havendo grupos que dizem se preocupar em não ofender o autor e outros que não se importam.

Existem “ripagens” que atacam o autor pela má formação escolar ou com comentários que revelam preconceito social. Um exemplo é a “Crítica a ripagem ripada”⁸⁰, uma resposta do grupo Riperland ao texto “Crítica a ripagem”, de Toriin, uma *ficwriter* que protestou contra as “ripagens” na internet:

E só pra constar, eu escrevo no Bloco de Notas, porquê[sic] eu sou fresca e gosto de formatar a fonte do texto quando estou no word. E pra mim, é mais prático no BN ou no wordpad. Só isso. (Cheshire Cat: Isso pode mostrar que: a) Você não tem dinheiro pra comprar um Word, sua favelada. b) Você não tem

⁸⁰ Crítica a ripagem ripada. Disponível em: <<https://www.fanfiction.net/s/5091571/1/Cr%C3%ADtica-%C3%A0-Ripagem-EDIT>>. Acesso em 22 out 2014.

capacidade mental de baixar um programa pirata. Ou e) Tudo junto e misturado, mané. –q) (Riperland, grifo do autor)

Embora seja difícil identificar a origem sócio-econômica dos *ficwriters* para traçar um perfil dos fãs que escrevem, a “ripagem” mostra que *ficwriters* podem ser hostilizados não apenas pelos erros de escrita: existe a possibilidade de outros fãs associarem suas dificuldades a uma suposta posição social desfavorecida e/ou capacidade intelectual. Essa associação tem sua origem em um *habitus* que correlaciona o domínio de uma língua oficial com a posição de um indivíduo no campo. Portanto, uma pessoa que tenha menor domínio sobre a linguagem culta acaba sendo associada a uma posição desfavorável no campo social e, conseqüentemente, discriminada, pois, aqueles que ocupam uma posição privilegiada, por medo de terem sua posição ameaçada, atacam os novos ocupantes do campo da *fanfic*. Esse sentimento se intensifica caso o número de *fanfics* consideradas mal escritas são publicadas em uma quantidade superior àquelas consideradas boas. “Ripadores” constituem-se de leitores que se irritaram com a dificuldade de encontrar *fanfics* de sua preferência, em meio a outras, que vêm a ser alvo de ataques.

A defesa de uma escrita que obedece à gramática normativa tem a ver com a adoção de uma língua oficial em detrimento de outras, na medida em que formas de unificar o uso da língua geram uma língua dominadora e línguas dominadas. Portanto, os indivíduos falantes de uma língua dominada, para serem aceitos e sobreviverem na sociedade, passam a aderir à língua dominadora e a reprimir a anterior. Grupos de “ripadores” surgem como defensores de uma língua padrão a ser utilizada nas *fanfictions*. Os “ripadores” costumam construir uma autoimagem com conotações aparentemente contraditórias: como heróis em nome de um padrão ideal estético e técnico e como vilões sem barreiras morais, resultando em justiceiros crentes que “os fins justificam os meios”⁸¹. Embora a prática de “ripagem” tenha sido motivada por *fanfics* consideradas de baixa qualidade, também existe a visão de que se trata de uma diversão, de modo que parte da motivação desses fãs também venha do prazer que a “ripagem” lhes proporciona. Muitos fãs apoiam a prática, pois acreditam que a prática seja benéfica ao *fandom*.

⁸¹ Os “ripadores” do grupo “Corte dos ripadores e zoeiros”, por exemplo, descrevem-se como “falsos nobres”. Corte dos ripadores e zoeiros. Disponível em: <<https://cortedosripadores.wordpress.com/conheca-os-nobres/>>. Acesso em: 20 jan 2015.

No *fandom* estrangeiro, chama a atenção um grupo do Fanfiction.net denominado Critics United (CU). Na página do fórum onde atuam⁸², explicam sobre seu propósito: “Critics United provides a support structure to site members who were already concritting on their own and advising people their work has violated a rule.”⁸³ Ou seja, o grupo regulamenta a atuação de fãs que criticam *fanfics* que tenham violado alguma regra do Fanfiction.net, denunciando-as para a administração do site. Por este receber uma enorme quantidade de *fanfics* para publicação, é praticamente impossível para seus administradores checarem todas, em busca de textos que tenham violado alguma das regras. *Ficwriters* frequentemente aproveitam-se disso para publicar *fanfics* proibidas (as regras proíbem sexo explícito, *fanfics* em segunda pessoa, formato de roteiro, questionário, entre outros elementos). De acordo com seu regulamento, o fã que violou uma das regras recebe uma *review* do Critics United apontando o problema do texto e exigindo sua correção ou eliminação. Caso o autor recuse apagá-la, todos os membros do Critics United são informados e têm a possibilidade de unir-se ao primeiro que iniciou a denúncia.

Apesar de o Critics United declarar ser seu objetivo ajudar os *ficwriters*”, suas ações são bastante criticadas no *fandom*. Assim como no caso dos “ripadores”, sobre ele também há opiniões negativas, tornando-o um tema polêmico. Entre as críticas dos fãs que se sentiram ofendidos pela organização está o fato de que é perfeitamente possível alertar o *ficwriter* no Fanfiction.net por uma mensagem privada, sem expô-lo ao resto da comunidade. A forma como a denúncia é conduzida, no ambiente público, quando há formas mais discretas de entrar em contato com o autor, leva o *fandom* a compará-los com praticantes de *cyberbullying*. Além disso, fãs comentam que os próprios membros da Critics United são rudes àqueles que os contestam, como no seguinte relato de uma fã, Reki:

I'm a little disappointed about how people reply to civil/nice messages. I sent this message to a member of Critics United over at FF.net regarding a fanfiction that was breaking the ToS:

Me: I'm sorry, but this isn't actually a review. Personally, I think all messages like this should be directed to the author using the PM system. If you are going to report this fanfiction because it is clearly against the ToS of the site, then do so. No one is stopping you. But please refrain from openly insulting the author. Keep it professional. Thanks.

She sent me this: “Regardless of if it is sent in a PM or a review matters not, the point is the fic doesn't belong here in the first place. In the guidelines it states that

⁸² The FAQ – Frequently Asked Questions – Cornucopia – Fanfiction.net. Disponível em: <<https://www.fanfiction.net/topic/78623/63779465/1/The-F-A-Q-Frequently-Asked-Questions-Cornucopia>>. Acesso em: 10 set 2016.

⁸³ Critics United proporciona uma estrutura de suporte para os membros do site que já estavam criticando e aconselhando as pessoas cujos trabalhos tinham violado uma regra. (tradução nossa)

not all reviewers have to be kind and sweet. If the writer wants encouragement for rule breaking they won't get it from me.

The way I see it is that the way I review is none of your d*mn business in the first place. What is it you kids are so fond of saying these days...? Oh yeah: Don't like, don't read. And you're right you little nugget of information you, that wasn't a review but rather what I like to call a burnt critique. Got a problem with it too bad. Find someone who cares. Though I do thank you for bringing this fic back to my attention. It has been awhile since I reported it. ;)

If you have a problem with me having the common sense to recognize a sh*tty rule breaking heap of trash when I see it feel free to come to the "Complain" thread of Critics United. Or you can spend some time reading the TOS instead. Perhaps you can go over them with [author's name] while you're at it.

Have a nice day and do please bother someone who cares next time, okay sweetheart? Good,

-GG Admin of Critics United"

She even blocked me from replying back. TBH, I'm not angry at all... just sad that people would reply in such a hostile manner like this. I was only stating an opinion, I wasn't forcing her to retract her report or to change her views... (Reki, 2010)⁸⁴

Em 2012, devido às queixas dos fãs (incluindo um abaixo assinado), o Fanfiction.net repreendeu o grupo, obrigando-o a mudar de conduta. Segundo os opositores, houve até uma

⁸⁴Estou um pouco desapontada com o modo como as pessoas respondem mensagens civilizadas/educadas. Eu mandei esta mensagem para um membro do Critics United por causa de uma fanfiction do Fanfiction.net que estava violando os termos de uso:

Eu: Desculpe, mas isso não é realmente uma review. Pessoalmente, acho que todas as mensagens assim deveriam ser enviadas ao autor usando o sistema de mensagem privada. Se você vai denunciar a fanfiction porque ela claramente viola os termos de uso do site, vá em frente. Ninguém está te detendo. Mas por favor evite insultar o autor publicamente. Seja profissional. Obrigado.

Ela me mandou isto: "Independente de ser mandado por MP (mensagem privada) ou por review, o fato é que a fic não pertence a aqui em primeiro lugar. As regras dizem que nem todos os comentaristas precisam ser educados e gentis. Se o escritor quiser incentivo para quebrar as regras, ele não o terá de mim.

O modo como eu vejo é que o modo como eu comento não é da sua conta em primeiro lugar. O que é que vocês crianças gostam tanto de dizer esses dias...? Ah, sim: Não gosta, não leia. E você está certa numa única coisa, não é uma review, mas o que eu gosto de chamar de crítica ácida. Se tem problema com isso, lamento. Encontre alguém que se importa. Mas eu agradeço por trazer esta fic à minha atenção de novo. Já faz um tempo desde que eu a denunciei. ;)

Se você tem um problema com eu ter o senso de reconhecer um m*rda monte de lixo quebrador de regras quando vejo, sinte-se livre para vir ao tópico de "reclame" do Critics United. Ou você pode passar algum tempo lendo os termos de uso em vez disso. Talvez você possa checá-lo com [nome do autor], já que estará lá.

Tenha um bom dia e perturbe alguém que se importe na próxima vez, ok, docinho? Bom,

GG (abreviatura para Gaaras1Girl - uma das fundadoras do grupo) - Admin do Critics United"

Ela até me bloqueou para responder de volta. Para ser honesta, eu não estou brava... apenas triste pelas pessoas responderem de uma forma tão hostil assim. Eu só estava expondo minha opinião, não a estava forçando a retirar a denúncia ou mudar de visão... (tradução nossa)

Critics United: How they Respond (Thread). Disponível em: <<http://archive.thecolorless.net/thread/392193>>. Acesso em: 10 set 2016.

tentativa de suicídio motivada pelas denúncias: “On a sadder note, one of the authors reported that his friend attempted suicide because of the treatment CU is dishing out at her.”⁸⁵ Portanto, apesar de o Critics United alegar ter preocupação com o escritor e boas intenções em seu regulamento, é um grupo que possui forte oposição no *fandom*. Após 2012, o grupo passou a controlar melhor a linguagem nas *reviews*, embora ainda ameace denunciar os autores. Alguns chegam a analisar a *fanfic* e sugerir alterações na história ou a aconselhar o autor sobre como proceder. Um exemplo é o texto “challenge: memories of a lost family”, escrito por Ferduran. Não se trata de uma *fanfic*, mas de um desafio que o fã deseja propor aos escritores, o que não é permitido no Fanfiction.net.

Reviews for [challenge: memories of a lost family](#)

Y. Honey chapter 1 . Oct 22, 2015
Just a friendly reminder this isn't allowed here. Please move it to a forum, I'm sure you'll have more luck there.
Thanks.

Critics United

Gabrielus Prime chapter 1 . Oct 21, 2015
Mind letting me know if someone takes this?

Guest chapter 1 . Oct 16, 2015
The moment you said hinata i just exited

WargishBoromirFan chapter 1 . Oct 17, 2015
This isn't a story. Put it on a forum and delete this. You're pushing down actual fics that might be what you're looking for and people can't properly answer a challenge with the reviewing feature.

MrGoodyTwoShoes chapter 1 . Oct 16, 2015
Entries not allowed:

1. Non-stories: lists, bloopers, polls, previews, challenges, author notes, and etc.
2. One or two liners.
3. MST: comments inserted in between the flow of a copied story.
4. Stories with non-historical and non-fictional characters: actors, musicians, and etc.
5. Any form of interactive entry: choose your adventure, second person/you based, Q&As, and etc.
6. Chat/script format and keyboard dialogue based entries.

Your chapter is not allowed under section 1 of the guidelines.

You should be posting this sort of thing on your profile page and/or forum instead of here as it's not an actual story.

MGTS of Critics United

Figura 5 - Reviews do texto "challenge: memories of a lost family"

As *reviews* escritas por Y.Honey, WargishBoromirFan e MrGoodyTwoShoes (um dos líderes do Critics United), estão denunciando a violação das regras do Fanfiction.net. Os avisos não são agressivos (como comenta Y.Honey: “Just a friendly reminder this isn't allowed here. Please move it to a forum, I'm sure you'll have more luck there”⁸⁶). O Critics United ainda está ativo atualmente (2016), mas não é tão violento quanto os fãs de 2012 relatam.

⁸⁵ Em uma nota mais triste, um dos autores relatou que sua amiga tentou suicídio por causa da forma como o CU a está criticando. (tradução nossa)

Stop Critics United from cyber bullying our fellow authors – Change.org. Disponível em: <<https://www.change.org/p/the-authors-of-fanfiction-net-stop-critics-united-from-cyber-bullying-our-fellow-authors-50e4a7ce-5905-46b3-9348-bcbcb6bae60d/u/1648920>>. Acesso em: 10 set 2016.

⁸⁶ Apenas um lembrete amigável, isto não é permitido aqui. Mova-o para um fórum, eu tenho certeza de que você terá mais sorte lá. (tradução nossa)

Mesmo assim, o Critics United não deixa de ser uma ameaça a todos que desejam, de alguma forma, rebelar-se contra as regras impostas pelo Fanfiction.net. *Fanfics* interativas são as que mais sofrem com a ação do grupo. Sua proibição nas regras do site parte do medo de que o autor da *fanfic* abra mão do controle sobre o texto para os leitores, ou seja, de que o texto deixe de ser expressão de seu autor para ser dos leitores. E, muitas vezes, o que o *ficwriter* da *fanfic* interativa deseja vai além de expressar-se: trata-se de uma brincadeira com outros fãs. Para isso, ele precisa do espaço que lhe proporciona maior número de participantes, ou seja, o Fanfiction.net.

Outro exemplo de um grupo que atuou contra o *fandom* foi o Warriors for innocence, ligado à filosofia cristã. Esse já é considerado um agente externo ao mundo dos fãs, mas que prejudicou várias páginas de fãs localizadas na rede social Livejournal. No dia 29 de maio de 2007, mais de 500 contas foram suspensas por terem relação com assuntos como estupro, pornografia infantil, incesto e pedofilia. Esse evento foi denominado, segundo o Fanlore⁸⁷, como Strikethrough⁸⁸. Ele aconteceu na mesma época em que o *fandom* combatia o Fanlib, que gerou a fundação da Organization for Transformative Works (OTW).

Em 2015, uma pessoa que se dizia simpática ao Warriors for innocence criou uma página na rede social Tumblr, condenando *fanfics* da categoria *slash* no *fandom* de *Harry Potter*. Contudo, pela radicalidade de seu discurso e por agir sozinha, poucos são os fãs que a levaram a sério. Em sua página, diz: “Why do you people hate God? Why must you continue these behaviours? By writing fanfiction and drawing fan art of these despicable acts, you are condoning it in society. These acts offend God and are sure to reserve you a place in Hell.”⁸⁹

As *fanfics*, por conterem em grande parte cenas de sexo explícito, muitas envolvendo incestos e relações homossexuais, trazem oposição daqueles que são contra esse tipo de conteúdo na internet. Já outros conteúdos são menos encontrados no *fandom* (*fanfics* romantizando estupro, por exemplo, apesar de existirem, são vistas de forma negativa pela maioria dos fãs).

⁸⁷ Strikethrough and Boldthrough – Fanlore. Disponível em:

<https://fanlore.org/wiki/Strikethrough_and_Boldthrough>. Acesso em 11 set 2016.

⁸⁸ Strikethrough é uma forma tipográfica na qual há uma única linha passando horizontalmente pelo meio das letras (em português é chamado de texto tachado). Exemplo: ~~fanfiction~~. Como as contas suspensas do Livejournal passam a ser tachadas, o evento recebeu o nome de Strikethrough.

⁸⁹ Por que vocês odeiam Deus? Por que vocês precisam continuar com esses comportamentos? Ao escrever fanfiction e desenhar fan art desses atos repugnantes, vocês estão concordando com eles. Esses atos ofendem Deus e com certeza vão reservar um lugar no Inferno para vocês. (tradução nossa)

Warriors for Innocence! Disponível em: <<http://warrior-for-innocence.tumblr.com/>>. Acesso em: 11 set 2016.

5. OS CAMPOS DA *FANFICTION* E DA LITERATURA

5.1 O campo da *fanfiction* e seu desejo por autonomia

É comum, tanto por parte dos fãs quanto dos estudos dos fãs, defender a autonomia do *fandom* e das *fanfictions*, sem relação ao campo do poder. Um bom exemplo é o caso do FanLib, um espaço de comunicação para fãs gerido por empresários com fins lucrativos, externos ao *fandom*. O caso foi descrito por Henry Jenkins em *Cultura da convergência* e no texto “Transforming Fan Culture into User-Generated Content: The Case of FanLib”⁹⁰, e mostra como o *fandom* é hostil a agentes de fora e à monetização da produção do fã. Apesar disso, existe também a possibilidade de o *ficwriter* ingressar no mercado editorial, almejando o capital econômico, além do simbólico. O FanLib era uma plataforma criada em 2007 para *ficwriters* conversarem e publicarem suas histórias, onde seriam realizados concursos e eventos para os fãs. Seus gestores não só eram agentes externos ao campo como eram todos homens, em um *fandom* cujos *ficwriters* eram, em sua maioria, mulheres:

It was a business, pure and simple, run by a board of directors which was entirely composed of men. This last point is especially relevant when you consider that the overwhelming percentage of people who write fan fiction are women — even if there has been some increase of male writers as fandom has gone on line. (JENKINS, Henry)⁹¹

A representatividade não era o único problema do FanLib. Apesar de a escrita de *fanfics* ser ilegal, fãs encontram-se relativamente protegidos de possíveis ataques judiciais sob o fato de não lucrarem em suas atividades, o que diminui drasticamente as chances de um processo contra o fã dar certo. Contudo, o FanLib lucraria com as *fanfics*, o que gerou desconfiança por parte dos fãs. Além disso, fãs acusaram o site de exigir dados pessoais de seus usuários, como endereço e telefone, acusação que seus diretores negaram, embora tenha gerado um grande mal estar entre o FanLib e os fãs. Comentários negativos sobre o Fanlib se espalharam, atacando o fato de empresários desejarem controlar e lucrar sobre a produção dos fãs. Outro problema era que a empresa não se responsabilizaria por qualquer processo judicial que um *ficwriter* no FanLib viesse a sofrer. Embora essa regra se aplicasse a outros sites de

⁹⁰ JENKINS, Henry. Transforming Fan Culture into User-Generated Content: The Case of FanLib. Disponível em: <http://henryjenkins.org/2007/05/transforming_fan_culture_into.html>

⁹¹ Era um negócio, puro e simplesmente, executado por um grupo de diretores composto totalmente de homens. Este ponto é especialmente relevante quando você leva em conta que uma porcentagem esmagadora das pessoas que escrevem fan fiction consiste de mulheres - mesmo que tenha havido um aumento de escritores do gênero masculino com a difusão do *fandom*. (tradução nossa)

hospedagem de *fanfics*, o fato de o fã gerar lucro à empresa e esta não retribuir com um ambiente seguro também deixou o *fandom* irritado. A polêmica agravou-se quando uma blogueira, Lis Riba, descobriu um antigo prospecto da empresa. O Fan History⁹², uma seção da Wikipedia⁹³ utilizada pelos fãs para registrar a história do *fandom*, possui um artigo sobre o FanLib que revela um trecho desse prospecto, contendo promessas dos diretores às empresas detentoras dos direitos autorais dos produtos culturais utilizados nas *fanfics*:

As with a coloring book, players must "stay within the lines"
 Restrictive player's terms-of-service protects your rights and property
 Moderated "scene missions" keep the story under your control
 Full monitoring & management of submissions & players⁹⁴

De acordo com esse texto, as atividades dos fãs seriam rigorosamente monitoradas e controladas. Os *ficwriters*, denominados "jogadores", deveriam permanecer dentro das linhas, como em um livro de colorir. A comparação ainda associa *fanfic* a uma simples brincadeira, ignorando a complexidade do mundo das *fanfics*. A divulgação desse documento abalou definitivamente o FanLib, que ainda atuou até agosto de 2008, quando encerrou as atividades.

Em reação ao FanLib, fãs juntaram-se e criaram em 2007 a Organization for Transformative Works (OTW) - uma organização com o objetivo de defender os fãs e as *fanfics* de agentes externos. A OTW define-se como "nonprofit organization run by and for fans to provide access to and preserve the history of fanworks and fan cultures"⁹⁵. A OTW possui seu próprio sistema de hospedagem de *fanfics*, o popular Archive of Our Own (AO3), além de contar com uma equipe de advogados dispostos a defender os fãs de agentes externos ao campo da *fanfic* e a tirar dúvidas de *ficwriters*. Como já foi dito no item 3.3 As contribuições dos Fan Studies, a organização também é de enorme importância aos estudos do fã, pois mantém uma revista acadêmica especializada em *fandom*: *Transformative Works and Cultures*, na qual pesquisadores da área encontram menos dificuldade para divulgar seus trabalhos.

Um dos motivos pelos quais não é interessante ao *fandom* ter agentes externos regulando o conteúdo de suas *fanfics* é exatamente a liberdade dos *ficwriters* para trabalhar com conteúdos que normalmente não seriam aceitos no mercado, como homossexualidade e

⁹² FanHistory – FanLib. Disponível em: <<http://www.fanhistory.com/wiki/FanLib>>. Acesso em: 12 ago 2016.

⁹³ Embora a Wikipedia não seja considerada uma fonte de informações segura, é possível ainda encontrar o texto de Lis Riba pelo Internet Archive, sistema que possui um registro histórico de diversos sites da internet, além de textos da época, comentando o descoberta da blogueira.

⁹⁴ Assim como num livro de colorir, os jogadores devem "permanecer dentro das linhas"

Termos de uso restritivos para os jogadores protegem seus direitos e propriedade.

"Missões de cena" moderadas mantêm a história sob o seu controle.

Completo monitoramento e administração sobre textos submetidos e jogadores. (tradução nossa)

⁹⁵ Organização sem fins lucrativos, gerida por e para fãs, afim de oferecer acesso e preservar a história das produções dos fãs e das culturas dos fãs. (tradução nossa)

pornografia para as mulheres. A *fanfic* é uma forma de *ficwriters* produzirem para si os materiais que não estão disponíveis no mercado de entretenimento. A partir do momento em que pessoas externas ao *fandom* tentam moldar a escrita dos *ficwriters* a apenas conteúdos aceitáveis fora do campo das *fanfics*, a própria existência do campo é ameaçada, pois a *fanfic* não nasceu para permanecer dentro das linhas do livro de colorir, e sim, para extrapolá-las, adicionando-lhe novos contornos. A *fanfic* também é uma forma pela qual grupos minoritários encontraram um meio de expressão, sendo, em geral, bem recebidos pelos outros fãs. É preciso considerar que o *fandom* esteja se tornando não apenas grupo de *cult* fãs, ou seja, fãs fiéis e extremamente dedicados, normalmente vinculados a um único objeto cultural; mas também um modo de recepção de objetos culturais, acessível a todas as pessoas, devido à popularização da internet e das redes sociais. Entretanto, mesmo aqueles que não se consideram fãs, ao ingressarem no *fandom*, precisam obedecer às regras do grupo e deter um conhecimento mínimo sobre o objeto cultural, sob o risco de não ser considerado digno de participar nas discussões entre os fãs.

As regras que regulam essa liberdade deve ser negociada apenas entre os agentes do campo e não com os de fora dele. É interesse de todos do campo, independente de seus posicionamentos, que eles tenham o poder de decisão sobre o objeto específico de interesse comum, que é a *fanfic*. *Ficwriters* entram em conflito entre si a respeito dos modos de fazer no *fandom*, mas não questionam se aqueles que enfrentam pertencem ou não ao campo. Pandora Lynn reconhece que o "*ficwriter* medíocre" pertence ao campo, por mais que ela não aceite sua conduta, assim como Metal Ikarus e Lune Kuruta não excluem os *flammers* do campo, apesar das ofensas que estes escrevem. Significa, portanto, que tanto os "medíocres" quanto os *flammers* possuem o capital inicial necessário para ingressar no campo. Segundo Bourdieu (2003, p. 122), "Os recém-chegados devem pagar um direito de entrada que consiste no reconhecimento do valor do jogo (a seleção e a cooptação dão sempre muita atenção aos índices de adesão ao jogo, de investimento) e no conhecimento (prática) dos princípios de funcionamento do jogo." Um dos requisitos básicos para alguém ter voz no campo da *fanfic* é reconhecer e pertencer ao *fandom*, compreendendo que a *fanfic* pertence a uma subcultura de um subgrupo com ideias e valores próprios, e o FanLib acabou desrespeitando-os ao não reconhecer a importância das mulheres para a *fanfiction* e nem a necessidade de gratuidade das atividades dos fãs. O campo das *fanfics* eliminou o Fanlib do jogo, por este não respeitar o *fandom* como comunidade. Segundo Jenkins:

No final de 2007, a empresa atraiu mais de 10 mil colaboradores. Alguns destes eram usuários principiantes atraídos para o *fandom* pelas iniciativas promocionais da empresa e outros foram afastados da comunidade de fãs estabelecida. A maioria

encarava a *fan fiction* como uma atividade baseada no indivíduo, e não na comunidade. Ao tentar criar uma "comunidade" para a *fan fiction*, a FanLib atraía em primeiro lugar aqueles que tinham investido pouco na associação com outros fãs. (JENKINS, 2009, p.245)

A rejeição do FanLib pelos fãs passava justamente pela necessidade de conservar não apenas suas posições no campo, mas o próprio campo. Para que ele exista, é preciso que haja um grupo de pessoas que se relacionem entre si. Faz sentido, portanto, que pessoas com menos associação com outros fãs tenham ido em maior número para o FanLib do que os fãs mais conscientes da existência de uma comunidade e cultura dos fãs que excluía agentes externos ao *fandom*.

Podemos afirmar que o campo da *fanfiction* coloca-se em oposição aos dos produtores culturais por carregar conteúdos que não seriam aceitos no *mainstream*.

5.2 Traços distintivos da *fanfic* e da literatura e seu conflito no campo da *fanfic*

Apesar de a *fanfiction* ser porta de escape ou de luta para grupos que não se sentem representados na mídia, como as feministas, e de como muitas *fanfics* tratam da mulher como uma personagem privilegiada em relação a muitos objetos culturais voltados ao público masculino na mídia, para falarmos dos fãs com justiça é impossível não tratarmos da paixão dos fãs.

Que o conceito de *fanfiction* não pode ser desatrelado do de *fandom*, não há a menor dúvida. Isso não significa que a *fanfic* não possa existir fora da cultura do fã. Houve, por exemplo, textos que continuavam os romances de Jane Austen, publicados antes do surgimento e da estabilização da cultura do fã, como *Old Friends and New Fancies: An Imaginary Sequel to the Novels of Jane Austen*, publicado em 1914 por Sibyl Brinton. Também há muitos *ficwriters* que dizem ter começado a escrever *fanfics* sem saber que se tratava de uma prática comum.

Escrever *fanfic* não é tão diferente de uma criança que cria uma história com seus brinquedos. Em geral, é uma atividade encarada como uma brincadeira, com o único intuito de o fã se divertir. Sheenagh Pugh inicia seu livro sobre *fanfiction*, *The Democratic Genre*, da seguinte maneira:

When my children were young, they had a set of Robin Hood figures. We would set them out on the floor, with plastic trees to represent Sherwood Forest, build Nottingham Castle out of Lego, and I would act out the stories I recalled from my

childhood. When I ran out of stories, I and my audience would invent new ones.⁹⁶(PUGH, 2005, p.9)

Quando observamos a brincadeira de criar uma narrativa, não é difícil supor que a *fanfiction* seja, também, a migração desses momentos da infância para a adolescência e a maturidade, no suporte escrito, considerando que, ao longo da formação escolar, o jovem passe a ter cada vez menos contato com a produção de narrativas, e passe a priorizar o texto dissertativo, presente nos exames vestibulares. E o que caracteriza a escrita da *fanfiction* é exatamente o dado emocional do fã, o vínculo que ele sente com aqueles personagens amados. Se consideramos que Sibyl Brinton tinha essa relação afetiva com os romances de Jane Austen, sua postura não foi diferente da postura dos *ficwriters*.

Contudo, o conceito de *fanfic* também depende de ela não ter o caráter oficial, por ser um texto criado pelos fãs, e não pelos produtores culturais. Contudo, como podemos entender certas narrativas, criadas por fãs que se profissionalizaram e se uniram aos produtores? Embora seja verdade que é impossível falar de *fanfiction* sem tratar de *fandom*, nem sempre o fã se apropria das personagens por causa de uma comunidade. Além disso, como separar a *fanfic* e o objeto cultural oficial, quando os próprios fãs, ao ingressarem na carreira profissional, podem acabar trabalhando com esses objetos que admiram? Um exemplo é o livro *Cinquenta tons de cinza*, originalmente uma *fanfiction* da série de livros *Crepúsculo*, de Stephenie Meyer. O texto costumava ser uma *fanfic*, mas ainda pode ser considerado uma? Para a publicação, a autora alterou os nomes e as características físicas das personagens, além de pequenas passagens, de modo que a *fanfiction*, intitulada “Master of the universe”, foi quase toda reproduzida no livro. Outro exemplo de como a produção de fã torna-se oficial é o mangá *Saint Seiya: The lost canvas*, desenhado por Shiori Teshirogi, *spin-off*⁹⁷ de *Os Cavaleiros do Zodíaco*, cujo autor, Masami Kurumada, decidiu contratá-la após entrar em contato com o trabalho dela em uma seção de autógrafos⁹⁸. Embora o mangá feito por Teshirogi não tenha sido publicado na comunidade dos fãs, sua narrativa carrega elementos

⁹⁶ Quando meus filhos eram pequenos, eles tinham um conjunto de bonecos de Robin Hood. Nós os posicionávamos no chão, com árvores de plástico para representar a floresta de Sherwood, construíamos o castelo de Nottingham com Lego, e eu atuava as histórias que lembrava de minha infância. Quando ficava sem histórias, eu e meu público inventávamos outras novas. (tradução nossa)

⁹⁷ Obra narrativa derivada de uma narrativa original, lançada pelos detentores dos direitos autorais do produto, podendo até ser considerada canônica.

⁹⁸ Em uma entrevista, Teshirogi conta: “Há muito tempo atrás, eu fui a uma sessão de autógrafos de Masami Kurumada. Quando eu o encontrei, ofereci a ele um de meus mangás que foi publicado e eu lhe disse: “Eu me tornei uma desenhista profissional graças a você que influenciou na minha carreira”. Eu pensei que iria parar por aí, mas dois anos depois, ele entrou em contato comigo dizendo que havia lido o meu livro. Ele achou excelente e me chamou para desenhar o seu novo mangá de Saint Seiya.” (Tradução de Alan “Nicol”) Entrevista disponível em: <<http://taizen-saintseiya.com/entrevistas/shiori-teshirogi-cartoonist-2013/>>. Acesso em 2 set 2016.

comuns em *fanfics* baseadas em *Os Cavaleiros do Zodíaco*, devido à sua origem como fã. A linha que separa a história de ser classificada como uma espécie de *fanfic* é justamente seu caráter oficial. É o mangá de Teshirogi uma *fanfic*? De certo modo, sim, mas não podemos afirmar com certeza.

É importante notarmos, contudo, que nenhum fã dirá que uma *fanfic* deixa de ser *fanfic* por ser mal escrita. Como qualquer pessoa minimamente alfabetizada pode escrever e publicar uma *fanfic*, Sheenagh Pugh chama a *fanfic* de “um gênero democrático”. Vemos, pelos conflitos, que a realidade não corresponde a esse ideal, e dificilmente corresponderá no futuro, enquanto houver formas de reprimenda a *ficwriters* que trabalham com tipos de *fanfic* não aceitos pela maioria dos fãs. Se *fanfiction* aparece como uma prática extremamente positiva para os educadores, para uma visão conservadora da literatura, não desponta como “literatura marcante”, como chamaria Alcir Pécora (2014)⁹⁹. Este, em uma entrevista para o site da revista “A Língua”, afirma que: “Não se está interessado em se a literatura é boa ou não é boa. O valor crítico, a discussão, cai muito, perde interesse, em função de se valorizar acima de tudo o ativismo. Há mais um crescimento da perspectiva ativista do que um interesse grande pela questão estética”. Quando se trata de *fanfiction*, de fato, o valor estético é considerado menos importante que a necessidade de o fã expressar-se; embora haja uma preocupação pela estética do texto (ou pelo menos com uma qualidade mínima de redação), como é possível ver nas falas desses escritores. Os próprios fãs listam regras gramaticais, recomendações, formas para estruturar narrativas e personagens, de modo que o mundo das *fanfics* acaba se tornando, muitas vezes, uma grande oficina de redação. Na entrevista, Pécora defende que, para melhorar a literatura no Brasil, é preciso melhorar a educação: “O que tem de ser feito de fato é investimento na educação. Sem que haja uma base cultural sólida do conjunto da população, fica muito difícil”. Tal colocação, no entanto, deixa-nos com a seguinte questão: em cima de quais critérios essa melhoria se baseia?

Quando os olhos se fixam num ponto, é fácil perder a noção do que está em volta. Se nossos olhos se fixam apenas nas obras canônicas, ou dignas de fazer parte do cânone, e passam a recusar sistematicamente as produções que não se encontra nesse círculo, só porque elas não atendem aos nossos critérios estéticos, podemos acabar ignorando o que fundamenta as escolhas desse outro tipo de escrita. Pois enquanto não entendemos, por exemplo, que a *Mary Sue*, que não surge delicadamente e nem pede licença ao exhibir seus múltiplos talentos, que carrega um passado trágico por talvez refletir a angústia de sua autora, pode ser um grito

⁹⁹ A língua. Disponível em: <<http://revistalingua.com.br/textos/109/a-literatura-em-dilema-330339-1.asp>>. Acesso em: 5 mai 2016.

reprimido da *ficwriter*, não conseguiremos olhar para a sua perfeição com simpatia, mas com o simples veredicto de sua inverossimilhança. Tal julgamento, se levado à punição, pode calar essa autora por definitivo, impedindo o aperfeiçoamento de sua escrita. Tal melhoria é interessante aos olhos dos educadores caso essa *ficwriter* esteja em fase de letramento e também ao campo da literatura, caso ela cresça para escrever uma literatura de inegável qualidade. Mas, se a *Mary Sue* for calada em seu primeiro desabafo, não haverá nada.

Considerando que os *ficwriters* carregam cada um seu próprio conceito de literário, seja ele aprendido no espaço escolar ou fora dele, as discussões entre esses fãs leva-nos a questionar de que forma a teoria que eles aprenderam na escola é aplicada nessas situações de sua prática escrita. Podemos ver Pandora Lynn como uma espécie de representante do que seria uma visão mais conservadora nesses enfrentamentos. Sua atuação ao escrever “Manifesto a favor da linguagem de roteiro”, foi defender a *fanfic* de roteiro e utilizar como exemplos da literatura Gil Vicente e Shakespeare¹⁰⁰.

Pelo conceito de *fanfic* não estar só ligado a uma forma de leitura e de interpretação, mas também ao desejo de autoexpressão, encontramos dificuldade de aproximá-lo à literatura, embora os fãs estejam sempre olhando para os livros publicados, sejam considerados de boa ou de baixa qualidade por instâncias legitimadoras. Entretanto, não é possível alcançar um conjunto de traços distintivos do que seria o texto literário, que fossem necessários em sua totalidade em todo e qualquer texto desse tipo. Na tentativa de definir o que seria o objeto literário, Culler (1999) busca identificar seus traços: temos a literatura como integração da linguagem, ou seja, uma estrutura na qual todas as suas partes se relacionam e constituem um todo, que pode ser harmonioso ou não; a literatura como ficção; a literatura como objeto estético; literatura como construção intertextual ou auto-reflexiva. Ainda se discute sobre o que seria a função da literatura, que, segundo Culler, pode possuir funções opostas. Ela tanto pode ser o objeto estético que nos move a mudanças sociais quanto o veículo de uma ideologia vigente.

A *fanfic* não tem um compromisso com o cuidado com a forma do texto, por ser escrita para uma leitura rápida e não aprofundada. Sua complexidade se revela principalmente na sua relação com o cânone e no modo como ela ressignificará elementos antigos dele, revelando uma nova dimensão da leitura, que vai além da interpretação e passa a ser o “e se?”.

¹⁰⁰ “Gil Vicente AINDA é encenado com frequência nos dias atuais?! Acho que NÃO, né!! Só em uma ou outra mostra em homenagem ao quinto/sexto centenário disso e daquilo da literatura portuguesa. E Gil Vicente É PUBLICADO em livro hoje em dia. Assim como Shakespeare, que escreveu teatro mas tem livros publicados em adivinha o quê? LINGUAGEM DE TEATRO. Pois é. Se as EDITORAS fazem isso, por que não fazê-lo numa *fanfic*?!” (Pandora – Manifesto a favor da linguagem de roteiro)

Há uma categoria de *fanfic* chamada *what-if*, que consiste em imaginar como seria se a história tomasse um rumo diferente do original. Mas, de certa forma, toda *fanfic* carrega o *what if* em si, pois preenche lacunas deixadas pelo cânone com inquietações e desejos do *ficwriter*. Da mesma forma como Jauss fala de horizonte de expectativas, há um horizonte que lida não só com a interpretação, mas também com o desejo do leitor. Não é estranho que um grande número de *fanfics* lide com *ships* (casais amorosos pelos quais os fãs torcem), e que o ato de desejar a concretização de um relacionamento entre duas personagens tenha gerado o verbo *shippar* no *fandom*, que significa torcer por um casal. A *fanfic* tem um compromisso com o desejo do fã.

O canal Not Literally do site Youtube criou uma paródia da música “I love it”, da dupla Icona Pop: “I ship it”¹⁰¹, cuja letra é uma declaração de os fãs terem a liberdade de *shipparem* os casais que desejarem. Embora haja casais em *fanfics* que não possuem absolutamente nenhuma relação em seus textos originais, muitas vezes os *ships* são intencionalmente motivados pelo próprio cânone. A letra da paródia revela esse incentivo:

They keep on saying they're not gay, but yeah I really doubt that,
This can't just be a bromance¹⁰², who would write a show about that?
I think the subtext in the second season's pretty clear,
Don't tell me I need to calm down—

I don't care, I ship it. (Not Literally, 2013)¹⁰³

Segundo a paródia “I ship it”, existe a interpretação, pois houve uma leitura que sugeriu a possibilidade de um casal. Contudo, essa interpretação é conduzida segundo o desejo do leitor, que pode ter sido motivado pelo texto original. Dizer que a *fanfic* é um gênero de leitura é complicado, pois ela vai muito além de uma leitura detida do texto. Ela possui fortes influências do *fandom* e também está ligada às estratégias de leitura adotadas pelos fãs (entre elas, a *shippagem*). Portanto, pensar na *fanfic* apenas a comparando com o texto original não contempla todas as operações realizadas pelo *ficwriter* nessa adaptação.

Quando pensamos na distinção dos conceitos de *fanfic* e de literatura e na concepção de literatura difundida pelos formalistas russos na década de 1920, temos a literatura como uma organização específica da linguagem, autônoma:

A obra literária não era um veículo de ideias, nem uma reflexão sobre a realidade social, nem a encarnação de uma verdade transcendental: era um fato material, cujo

¹⁰¹ I Ship it – Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LCDgJiPBxfI>> . Acesso em: 16 ago 2016.

¹⁰² Relação homosocial íntima, não sexual. A palavra é a junção de *brother* e *romance*.

¹⁰³ Eles ficam falando que não são gays, mas eu realmente duvido/ Isto não pode ser só um bromance, quem escreveria um seriado sobre isso?/ Eu acho que as entrelinhas na segunda temporada estão bem claras/ Não me diga para me acalmar - / Eu não ligo, eu shippo. (tradução nossa)

funcionamento podia ser analisado mais ou menos como se examina uma máquina. Era feita de palavras, não de objetos ou sentimentos, sendo um erro considerá-la como a expressão do pensamento de um autor. (EAGLETON, 2003, p.3)

Essa noção afasta-se completamente da *fanfic*, tendo esta uma ligação forte com o meio social no qual é publicada e com os sentimentos dos fãs, mais do que com a organização da linguagem. Além disso, é evidente pelos estudos dos fãs como as minorias buscam representação por meio das *fanfics*; não só as feministas quanto indivíduos de orientações sexuais diversas. Para esses subgrupos, *fanfiction* ganha uma função social de militância. Claro que existem *fanfics* cujo enfoque é trabalhar com a linguagem, sendo o campo da *fanfic* um enorme laboratório de escrita para amadores.

Os sentimentos dos fãs não são importantes apenas na escrita das *fanfics*, mas nas leituras. Os fãs, quando consomem, estão acostumados a desejar. Os estímulos fornecidos pelo texto canônico de modo a levar o fã a torcer para que algo aconteça na narrativa (por exemplo: a união de um casal, a punição de um vilão, a premiação de um herói), são em parte a fonte das *fanfics*. Outra parte é a estratégia de leitura dos fãs envolvendo o desejo, que os leva à prática da *shippagem*. Quando o fã decide torcer para que dois personagens do texto original tenham um relacionamento amoroso, sobretudo quando elas quase não interagem, o foco da leitura deixa de ser “o que se pode concluir como verdade nesse texto” e passa a ser “onde encontrar os sinais (mesmo os mais sutis) para justificar/comprovar o meu desejo”. Tal maneira de ler combina menos com textos literários e mais com objetos de entretenimento voltados a transmitir sentimentos no leitor/ espectador. Essa leitura não precisa ser sustentada pelos elementos do texto, pois é uma desculpa para sustentar o desejo do fã. Muitas vezes o fã sabe perfeitamente que o casal que ele deseja ver estabelecido não se apresenta como “verdade” no cânone, mas isso não o deterá de buscar elementos do texto que o auxiliem a imaginar a concretização do relacionamento amoroso dessas personagens.

5.3 Autoria, obra, cânone

Nota-se nas conversas entre os fãs e nas próprias *fanfics* uma noção bastante forte de autoria nos *ficwriters*. Embora a *fanfic* seja um tipo de produção textual derivada de uma narrativa que não pertence ao fã, escritores de *fanfic* sentem orgulho de seus textos, conseguem desenvolver um estilo próprio e sentem-se confiantes o suficiente para falar sobre o ato de escrever e estabelecer critérios de avaliação de *fanfics*.

O campo seria um espaço de disputas, em que os agentes ali posicionados concorrem segundo dadas regras em busca de um prêmio, que, no caso do campo das *fanfics*, seria o reconhecimento social do *ficwriter*, mesmo que a *fanfic* seja, a princípio, uma forma de entretenimento.

O autor exerce uma considerável influência na forma como a *fanfic* é recebida e considerada no *fandom*. Existem formas de empoderamento do *ficwriter*, como o reconhecimento de seus leitores (que o recomendam para outras pessoas), entrevistas e a própria forma como o texto da *fanfic* se apresenta, sempre com a indicação de seu autor como informação necessária em seu cabeçalho. De certa forma, a leitura de uma *fanfic* não deixa de ser, mesmo um pouco, orientada por suposições que os leitores fazem do *ficwriter* em questão. Em cabeçalhos das *fanfics*, é obrigatório o preenchimento do campo “autor”, até porque os sites de hospedagem de *fanfics* estão assim estruturados.

Quando o fã se depara com uma *fanfic* e se prepara para lê-la, já há uma imagem de autor esperada: supõe-se que o autor daquele texto seja um fã do objeto cultural e que detenha um determinado conhecimento sobre o texto canônico, suficiente o bastante para identificá-lo como um fã também. Esse autor é conhecido? Se não, não se sabe o que se espera dele. Se é, é possível ter uma ideia de que tipo de texto é aquele que está sendo apresentado e que características ele potencialmente apresenta. É prática de leitores, havendo gostado da *fanfic* de determinado autor, buscar ler todas suas outras — alguns sites também oferecem um sistema de alertas por correio eletrônico para avisar esse leitor sobre atualizações futuras, não apenas da história encontrada, mas também de qualquer outra produzida pelo mesmo *ficwriter*. A *fanfic* é vista pelos fãs como um objeto autoral, e sua leitura pode depender de como seu autor é visto.

Um exemplo disso seria a *fanfic* de *Harry Potter* “My Immortal”, escrito em 2006 por Tara Gilesbie. “My Immortal” é popularmente conhecida como “a pior *fanfic* do universo”. Embora não possamos dizer que se trata de uma *fanfic* “canônica” no sentido de excelência, trata-se de uma *fanfic* exemplar de “como não escrever uma *fanfic*”. O site satírico Enciclopedia Dramatica possui um artigo sobre a *fanfic*, com a seguinte descrição:

Written by super-tard Tara Gilesbie, My Immortal was originally posted to FanFiction.Net sometime in 2006, but was subsequently deleted by the FF.Net staff after causing a severe drop in the site's collective IQ. In fact, the *fanfic* is so unbelievably bad that many refuse to accept that it's real, insisting that Tara was only trolling and that the story is really a parody.¹⁰⁴

¹⁰⁴ Escrito pela super-tard (super+retard ou super-retardada) Tara Gilesbie, My Immortal foi originalmente publicado no Fanfiction.Net em 2006, mas foi deletado em seguida pela equipe do FF.Net, depois de causar uma grave queda no QI coletivo do site. De fato, a *fanfic* é tão inacreditavelmente ruim que muitos recusam aceitar

O que chama a atenção em “My Immortal” para pensar na autoria é o questionamento dos leitores sobre a autora, Tara: ela é real ou é uma paródia? Alguns acreditavam que a autora não passava de uma criação, e que todos os erros cometidos no texto da *fanfic* haviam sido intencionais por se tratar de uma paródia. Outros acreditavam na existência de Tara e entendiam a *fanfic* como genuinamente mal escrita. A maneira como “My Immortal” seria lida dependia de como o leitor entendia a figura da autora. Os leitores questionavam: “isso é sério?”, e a ausência de resposta tornava a *fanfic* intrigante para o *fandom*. O mistério em torno da autora de “My Immortal” fazia com que a qualificação da *fanfic* ficasse sobre o muro: se fosse séria, seria ruim; se fosse uma paródia, seria boa. Isso na medida em que inacreditavelmente reunia numerosas características mal vistas pelos leitores, como erros de gramática, ortografia, incongruências com a obra original, entre outros.

O conceito de autoria para os fãs é tão presente que parece natural. Caso algum fã queira abdicar de um pseudônimo para publicar *fanfics*, sequer conseguirá se cadastrar nos sites de hospedagem de *fanfics*, o que nos leva a crer no forte peso do autor e de sua função no *fandom*. Além disso, plágio de *fanfics* é duramente condenado pelos *ficwriters*, pois, embora as estruturas emprestadas na *fanfic* não sejam de autoria do fã, o texto, as ideias que o norteiam e o trabalho dedicado a ele, são. O curioso é que *ficwriters* possuem uma grande facilidade para assumir a autoria de suas *fanfics*, mas ficam com dificuldade de dizer que o conjunto delas se constituiria numa obra, pois se tratam de textos derivados de uma fonte protegida por direitos autorais.

Foucault (2001), ao tratar da definição de autor e obra, parte da ideia do abalo da individualidade do autor. Contudo, não é possível substituir o foco no autor pelo foco na obra, pois há uma dificuldade em conceituar obra, que depende do critério autor (como a obra de Machado de Assis, por exemplo). A outra noção é a da escrita. Sendo que o texto carrega as condições próprias de espaço e de tempo, que apontam para a figura do autor, deve-se pensar o que preenche o vazio deixado pelo autor. Vem à tona a função autor, que corresponde a um modo como esses discursos existem, circulam e funcionam. Se antes os textos literários eram aceitos sem a necessidade de nomear seu autor, posteriormente só seriam aceitos depois de se saber quem é o autor e a partir de quais condições escreve.

que é real, insistindo que Tara estava apenas trollando e que a história era na verdade uma paródia (tradução nossa).

Encyclopedia dramatica. Disponível em: <https://encycopediadramatica.se/My_Immortal>. Acesso em: 26 nov 2015.

De acordo com Foucault (2009, p.276), o autor “é apenas a projeção, em termos sempre mais ou menos psicologizantes, do tratamento que se dá aos textos, das aproximações que se operam, dos traços que se estabelecem como pertinentes, das continuidades que se admitem ou das exclusões que se praticam”. Embora essas operações possam variar de acordo com a época e os discursos, existe uma invariabilidade nas regras de construção do autor. Um exemplo seria a forma como a crítica literária utilizou o modelo derivado do cristão na determinação do autor de uma obra. O autor se torna a referência para o estabelecimento da unidade de uma obra, sendo que características dos diferentes discursos devem manter coerência com sua figura.

À medida que o autor da *fanfic* desenvolve sua forma de escrever, leitores também passam a construir uma imagem, positiva ou negativa de seu trabalho. Que tipo de *fanfics* vou encontrar em autor X ou Y? Como são suas histórias, descrições e personagens? Quais categorias de *fanfic* posso esperar? Ser escritor de *fanfic* é uma forma de o jovem escritor buscar status em um *fandom*. Mas quem define a melhor forma de descrever um autor? É importante considerar que um *ficwriter* só vai ser aceito no *fandom* após passar pelo julgamento dos leitores. Um *ficwriter* tem muito a dizer a respeito de sua relação com a escrita, mas suas palavras só vão ser respeitadas e aceitas se ele for autor de um conjunto de textos que estão de acordo com critérios de qualidade mínimos para as *fanfics* no *fandom*.

Ficwriters, mesmo que mantenham suas identidades ocultas pelo pseudônimo, investem um grande esforço e tempo para torná-los conhecidos no *fandom*. Posicionam-se quanto a diversas questões internas no meio: quais são suas preferências, opiniões, pontos fortes e fracos. *Ficwriter* A escreve especialmente sobre determinado casal, *ficwriter* B só escreve comédias. Cada um faz uma aposta e vai buscar o prêmio do campo, ou seja, o prestígio.

A função autor tem importância fundamental para considerarmos as disputas no campo, porque estamos tratando de conflitos entre autores, ou entre autores e leitores. Esses fãs não apenas publicam textos, mas escrevem sobre o ato de escrever por acreditarem que exista um fazer correto das *fanfics* e um agir correto das pessoas envolvidas em torno da prática. Os *ficwriters* constantemente estão negociando o que é aceitável ou não em seu próprio espaço, o que vai muito além da visão de que *fanfic* seja simplesmente uma leitura de um texto fonte. A busca pelo status, a valorização das *reviews* como provas de reconhecimento social e determinadas estratégias para alcançar o maior número de leitores têm como último objetivo o fortalecimento do nome do autor.

5.4 O campo da *fanfic* e a cultura de massa

A *fanfic* é, desde o estabelecimento do *fandom* por volta da década de 1960, uma atividade ligada à cultura de massa. Nada impede que *fanfics* sejam baseadas em obras canônicas da literatura, e de fato algumas foram. Mas é pela cultura de massa que os fãs mais se expressam. Não é por acaso que o *fandom* tenha se popularizado em torno de seriados de televisão nas décadas de 60 e 70. O primeiro grande *fandom* foi o do seriado de televisão *The Man from U.N.C.L.E.*, transmitido entre 1964 e 1968. Objetos culturais voltados ao entretenimento das massas oferecem algo que os fãs buscam: emoções. Estas envolvem uma das críticas feitas pelos apocalípticos à cultura de massa: “Os mass media tendem a provocar emoções intensas e não mediadas; em outros termos: ao invés de simbolizarem uma emoção, de representá-la, provocam-na; ao invés de a sugerirem, entregam-na já confeccionada.” (ECO, 2008, p. 40).

O vínculo afetivo dos fãs com os objetos é estabelecido pelas emoções e pela identificação com as personagens. Para produtores culturais, é interessante essa adesão do espectador/leitor à narrativa, pois esta cumpre um papel importante: manter o consumidor vinculado ao produto, principalmente se este for de longa duração, como um seriado de televisão, por exemplo. Importar-se com as personagens garante a felicidade do público, mas também desperta neste o desejo: o público deseja saber como a história terminará, ver tensão entre o casal se resolver, conhecer mais sobre o passado de alguma personagem com a qual se identificou e que ainda não foi bem desenvolvida etc. Dependendo de seus próprios valores, o público observará a conduta das personagens e fará um juízo sobre elas. Quem merece ser feliz na narrativa e quem merecerá ser punido? Parte do desejo de escrever *fanfics* nasce desse questionamento acerca das personagens, e é por isso que o *fandom* combina tão bem com a cultura de massa.

Contudo, ao mesmo tempo, o *fandom* faz frente a determinados valores transmitidos pela cultura de massa. Os desejos dos fãs nem sempre cabem no objeto de adoração, levando-os à busca de um novo espaço para realizá-los. O seriado *Star Trek* nunca exibirá as personagens Kirk e Spock em um relacionamento homossexual com sexo explícito, devido às próprias limitações do produto ao público que atende. Assim as *fanfics* surgem numa espécie de submundo e dão conta do que os produtores não consideram aceitável no texto original. Isso inclui personagens de etnias diferentes, personagens femininas protagonizando a história, relações homoeróticas, entre outros temas.

Embora o mercado editorial tenha tentado englobar o *fandom* e as *fanfics*, a comunidade ainda resiste. A Amazon fez sua melhor tentativa com o “Kindle Worlds”, licenciando alguns produtos culturais, como *Gossip Girl*, *Vampire Diaries*, *G.I. Joe*, entre outros. Assim como com o Fanlib, fãs reagiram mal à ideia, tanto à porcentagem de lucro (35% do lucro líquido nas vendas), quanto com as limitações impostas pelo contrato. As diretrizes para as histórias dependem do objeto do qual o livro será derivado, mas existem algumas que se aplicam à maioria. Dos itens nessa lista de advertências, além dos que proíbem a violação de leis, há outros contra os quais os fãs se ergueram: a proibição de cenas explícitas de sexo, de uso excessivo de linguagem imprópria e de materiais excessivamente violentos. Uma das cláusulas ainda diz “We don't accept books that provide a poor customer experience”¹⁰⁵, brecha na qual a empresa poderia excluir livros escritos por aqueles que não dominam tão bem gramática e redação. Trata-se de diretrizes relativamente vagas, deixando os autores em dúvida quanto à medida do “excessivo”, além de o sexo explícito ser um dos elementos mais explorados pelos fãs. Fica claro, pela forma como as empresas lidam com a *fanfic*, o quanto o *fandom* ainda é necessário aos *ficwriters*, por ser livre, tanto do peso do dinheiro quanto de regras que não podem ser negociadas/alteradas.

Rebecca Tushnet, advogada e pesquisadora, atuante tanto no *fandom* (na Organization for Transformative Works) quanto no meio acadêmico, posicionou-se totalmente contra ao Kindle Worlds:

Kindle Worlds offers none of the communal benefits of media fandom—who, for example, would routinely pay money in order to help a young writer develop and improve her skills? When markets are involved, we are rarely happy paying for someone else’s training, and we usually consider our money payment enough without additional feedback to assist artistic improvement. Relatedly, Kindle Worlds does not allow authors to circulate works for free; it does not let authors use non-Amazon platforms, encouraging Amazon’s near-monopoly position in ebooks; and it has serious content restrictions. For instance, Bloodshot’s “world” includes multiple such restrictions, from standard bans on “erotica” and “offensive content” to the even more unpredictable requirement that characters be “in-character,” along with bans on “profane language,” graphic violence, “references to acquiring, using, or being under the influence of illegal drugs,” and “wanton disregard for scientific and historical accuracy.” Amazon also requires writers to be at least 18 years old, excluding the young people who discover, and benefit so much from, fandom (Amazon 2013). None of this supports the freedom and joy of fandom— Kindle Worlds even requires works to be of a certain length, which is understandable for a commercial enterprise but deadly for social practices that thrive on spontaneity, experimentation, and flexibility. No Vampire Diaries sonnets for Amazon! (TUSHNET, 2014)¹⁰⁶

¹⁰⁵ Não aceitamos livros que ofereçam uma experiência fraca ao leitor. (tradução nossa)

The Vampire Diaries – Kindle World. Disponível em:

<https://kindleworlds.amazon.com/world/VampireDiaries?ref_=kww_home_ug_VampireDiaries>. Acesso em: 29 set 2016.

¹⁰⁶ Kindle Worlds não oferece nenhum dos benefícios comunitários do *fandom* midiático - quem, por exemplo, regularmente pagaria para ajudar um jovem escritor a desenvolver e melhorar suas habilidades? Quando

Portanto, apesar das tentativas de empresas para monetizar o *fandom*, os fãs defendem seu espaço, que é de experimentação e de liberdade para qualquer pessoa (ao menos, no plano ideal). *Fanfics*, pelo menos enquanto estiverem dentro do *fandom*, são gratuitas porque, de outra forma, acabariam se restringindo a apenas temas aceitos pela maior parte da sociedade, além de excluir todos os *ficwriters* que possuem dificuldades com escrita. Assim, perderiam sua razão de ser. Nesse aspecto, vejo a autonomia do campo da *fanfic* não como uma possibilidade, mas como uma necessidade, ainda que o *fandom* continue dependente de um mercado que lhe forneça seus textos canônicos.

5.5 A *fanfiction* como uma escrita contemporânea

As *fanfictions*, junto com o *fandom*, ganharam força em um momento de descentralização da identidade do sujeito cartesiano e cresceram com o surgimento de tecnologias de comunicação à distância (como televisão e internet). Os fãs foram moldando suas práticas de acordo com os instrumentos à mão, sempre tendo como objetivo o cultivo da paixão pelo objeto cultural adorado. A prática de *fanfic* é, em boa parte, motivada pela modernidade e pela sociedade de consumo. Fãs sempre querem mais, e muitas vezes os produtores não conseguem fornecer material na mesma velocidade que a demanda. Assim, fãs acabam por produzir para si mesmos, enquanto não recebem produtos novos. Com o desenvolvimento das redes sociais, vemos crescente aumento de interação entre autores e seus leitores, e isso não é diferente com as *fanfics*. De fato, a prática em torno das *fanfics* depende justamente da interação entre as duas partes, através de *reviews*, para que o sistema continue funcionando. Frequentemente, o motivo que leva escritores de *fanfic* a parar de escrever é justamente quando o número de *reviews* fica aquém do esperado. E essa recepção acontece quase instantaneamente.

mercados estão envolvidos, raramente estamos felizes em pagar pelo treinamento de alguém; e nós normalmente consideramos nosso pagamento suficiente sem o feedback adicional para auxiliar o aprimoramento artístico. Além disso, Kindle Worlds não permite circular seus trabalhos de graça, não deixa os autores usar outras plataformas além da Amazon, encorajando o quase monopólio da Amazon em e-books; e possui sérias restrições de conteúdo. Por exemplo, o "world" de Bloodshot inclui múltiplas restrições, da exclusão padrão de "erótica" e "conteúdo ofensivo" a uma inesperada exigência para que as personagens mantenham-se "in-character" (com caracterização coerente com o texto original), junto com exclusão de "linguagem vulgar", violência explícita, "referências à aquisição, uso, ou estar sob influência de drogas ilícitas", e "Desconsideração intencional à precisão científica e história". A Amazon também exige que escritores tenham ao menos 18 anos de idade, excluindo os jovens que descobrem e se beneficiam tanto do *fandom* (Amazon 2013). Nada disso apoia a liberdade e o prazer do *fandom* - Kindle Worlds até exige que os textos tenham uma certa extensão, o que é compreensível para um negócio, mas mortal para as práticas sociais que se desenvolvem na espontaneidade, na experimentação e na flexibilidade. Nenhum soneto de Vampire Diaries para a Amazon! (tradução nossa). Artigo acadêmico publicado na Social Science Research Network (SSRN), sem indicação de página.

Em uma época em que novos seriados de televisão, filmes, jogos, animações entram e saem das prateleiras das lojas com grande velocidade, e logo são esquecidos para darem espaço aos novos lançamentos, o *fandom* funciona como uma força de conservação. Assim, produções que já saíram do mercado há dez anos ou mais continuam recebendo atenção dos fãs. Nesse meio, *ficwriters* atuam como contadores de novas histórias, conservando o texto canônico na memória dos fãs, reavivando-o por meio de novas possibilidades de leitura e de alimentação do desejo de fã (e da paixão também), reafirmando sua identidade de fã, e atendendo a demandas que não podem ser cumpridas no texto original. Uma das funções da *fanfic* é, portanto, ajudar a conservar seu *fandom*, sendo uma força para enfrentar a velocidade de aquisição e descarte na sociedade de consumo, como descreve Bauman:

A sociedade de consumidores desvaloriza a durabilidade, igualando “velho” a “defasado”, impróprio para continuar sendo utilizado e destinado à lata de lixo. É pela alta taxa de desperdício, e pela decrescente distância temporal entre o brotar e o murchar do desejo, que o fetichismo da subjetividade se mantém vivo e digno de crédito, apesar da interminável série de desapontamentos que ele causa. A sociedade de consumidores é impensável sem uma florescente indústria de remoção do lixo. Não se espera dos consumidores que jurem lealdade aos objetos que obtêm com a intenção de consumir. (BAUMAN, 2008, p.31)

À contramão da lógica do descarte de tudo que é defasado, o *fandom* é um meio em que os consumidores juram lealdade aos objetos. Quando o mercado lança as conhecidas “edições de colecionador”, o público alvo é justamente os que estão dispostos a pagar mais para guardar; não para descartar tão logo o objeto se torne “defasado”. Isso se aplica principalmente aos objetos culturais que possuem um *fandom* bastante estável ao longo do tempo. Dessa forma, os fãs não se encaixam bem à ideia de grupo como “enxame”, tal qual descreve Bauman:

Em uma sociedade líquido-moderna de consumidores, o enxame tende a substituir o grupo – com seus líderes, hierarquia de autoridade e estrutura de poder. Um enxame pode passar sem nenhum desses adornos e estratégias sem os quais um grupo não se formaria nem conseguiria sobreviver. Os enxames não precisam arcar com o peso dessas ferramentas de sobrevivência. (BAUMAN, 2008, p.99)

Ao contrário dos enxames, os fãs, por terem um grupo relativamente estável, acabam criando estruturas hierárquicas entre seus membros, tanto no *fandom*, quanto no meio das *fanfics*.

Por outro lado, vemos que o campo da *fanfic* faz mais do que trabalhar para seus respectivos *fandoms*: ele tem uma preocupação genuína com a forma de conduzir uma boa *fanfic* e com a prática de seus leitores. A *fanfic* não trabalha apenas com a autonomia do *fandom* com agentes externos, mas também com uma autonomia de escrita. Essa é uma escrita

que atende às demandas internas dos *ficwriters*, envolvendo outras identidades que possam ter (origem étnica, orientação sexual, gênero) e a necessidade de lidar com limitações próprias na escrita, por este ser um meio de experimentação para aqueles que ainda estão em fase de letramento.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No momento em que iniciei esta pesquisa, não havia em mente dúvidas de que a porção do *fandom* que atacava as *fanfics* populares, mal escritas, com *Mary Sues* ou com qualquer outro elemento que sirva de motivo para haver uma distinção hierárquica entre *ficwriters*, era a parte dominante entre os fãs. Atualmente, vejo-me em dúvida, pois os fãs estão, mesmo aos poucos, assumindo suas posições no campo de forma ativa, prontos para brigar por seus direitos como escritores. Não posso afirmar que o campo da *fanfic* está passando por transformações na direção de um espaço com menos restrições para *ficwriters*, pois esse é um movimento bastante recente entre os fãs. A comunidade “Universe of Fics”, do Facebook, compartilha diversas questões do cotidiano dos *ficwriters*, inclusive restrições quanto ao modo de escrever *fanfics*, e seus membros têm demonstrado uma maior tolerância a determinadas queixas, entre elas, a relacionada à *Mary Sue*. No dia 3 de setembro de 2016, foi publicada a seguinte imagem, com uma declaração enviada por um dos membros do grupo:

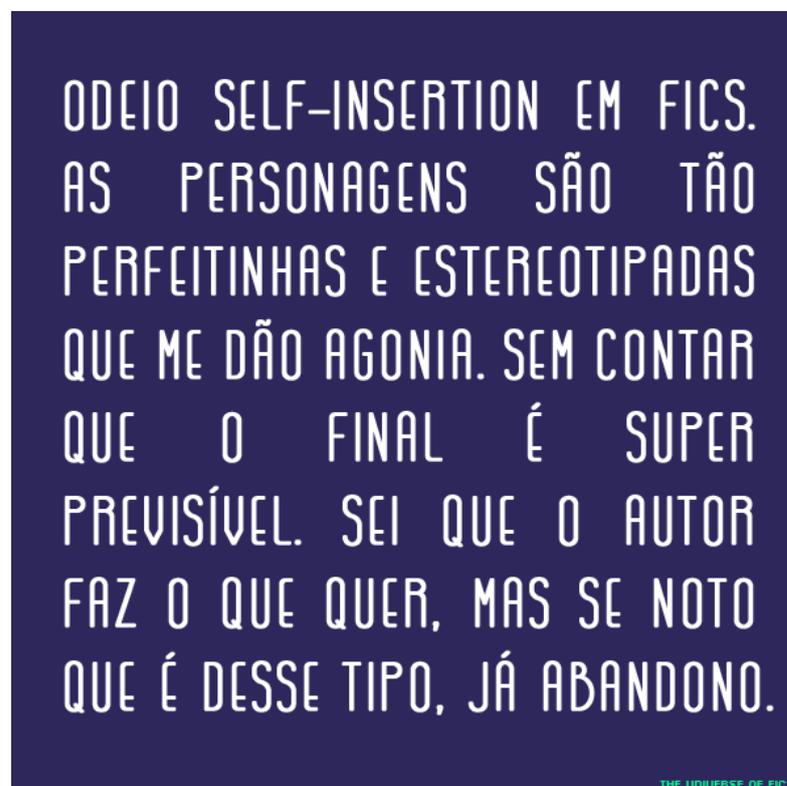


Figura 6. Imagem contendo a declaração de um dos membros da comunidade Universe of Fics¹⁰⁷

¹⁰⁷ Universe of Fics – Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/theuniverseoffics/photos/a.528446470500671.117223.528307023847949/1499240663421242/?type=3&theater>>. Acesso em: 5 set 2016.

A descrição das personagens na publicação remete às *Mary Sues*, muito associadas a *fanfics* do tipo *self-insert* e amplamente rejeitadas pelo *fandom*. A reação dos membros da comunidade, no entanto, foi de oposição à queixa. J. G.¹⁰⁸ manifestou-se:

E daí? Não pode escrever mais não? Tá chato já essas "restrições" [sic] se é clichê, se os personagens são perfeitos, eu mesma gosto de ler o que eu gostaria de viver, mas tem coisas que eu não viveria [sic] mas quero colocar na *fanfic*, [sic] não tem problema escrever, gente, não tem problema romantizar, não tem problema, pq [porque] afinal a leitura é pra ser prazerosa SEMPRE e a realidade não é sempre assim.

Outros membros do grupo concordaram com seu comentário. M. B. comentou: “As pessoas podem escrever o que elas quiserem, enquanto os leitores leem o que quiserem também”. L. G. também se posicionou contra: “Eu acho que tem gente falando demais. Cara, FODA-SE o que você acha ruim. Sinceramente? Eu leio histórias para sair da realidade, para, praticamente, viver um conto de fadas. Vocês acham mesmo que é legal botar a merda da nossa realidade em histórias?”¹⁰⁹ É verdade que defesas assim existem há anos, mas houve um aumento quantitativo bastante significativo delas em tempos mais recentes, que não pode deixar de ser notado, embora eu não possa afirmar que a relação de forças internas no campo da *fanfiction* esteja definitivamente se alterando, por se tratar de um fenômeno atual.

O campo da *fanfic* é um espaço de diversas desavenças entre *ficwriters*, na luta pelo capital simbólico. Embora ele se apresente como uma reação a exclusões de determinados conteúdos pela sociedade e, por extensão, pelos produtores culturais, vemos que há também forças de exclusão entre os próprios fãs, criadas durante a disputa pelo capital simbólico do campo. Tais forças são motivadas por fatores diversos, mas podemos incluir a cobrança pelo uso correto da língua, pela verossimilhança no texto (no caso da *Mary Sue*, vemos também que misoginia é um fator), ataque contra “escrever pela popularidade”. Esforços de fãs para ajudar os que têm dificuldades com escrita com certeza podem ser positivos (*beta-readers* e textos esclarecendo normas gramaticais são interessantes, contanto que respeitem as limitações dos *ficwriters*), mas também negativos, quando esses critérios de qualidade levam fãs a ser ofensivos e a combater a ideia do *fandom* como um espaço de liberdade para todos os *ficwriters*.

¹⁰⁸ O grupo Universe of Fics é público para qualquer pessoa com acesso ao Facebook. Mesmo assim, mantive em sigilo os nomes de seus membros.

¹⁰⁹ Há fãs que dizem ler e/ou escrever *fanfics* para afastar-se da realidade, e há também muitos *ficwriters* que estão interessados em escrever sobre temas que lidam com a realidade, como estupro, deficiências físicas, doenças de diversos tipos, entre outros assuntos.

Em relação a fatores externos, o campo da *fanfic* coloca-se como uma possibilidade e como enfrentamento a restrições que estão colocadas a seus autores, tanto como escritores quanto como leitores. A *fanfiction* é uma forma de os consumidores não receberem os produtos culturais de maneira passiva, como bem aponta Jenkins. É também um espaço em que jovens em fase de letramento encontram um *feedback* frequentemente mais significativo do que recebem de seus professores¹¹⁰, em que o enfoque da leitura não é se o texto atende a determinados critérios, mas sua fruição. Tem a potência de ser um instrumento de luta de outros subgrupos, que ocupam uma posição marginal em relação ao resto da sociedade e buscam maior representação dentre os objetos culturais no mercado. O modo de ler da *fanfic* tem um componente fundamental, que é o desejo, mais forte que a plausibilidade de uma leitura sustentada por elementos do texto, e que faz parte de qualquer leitura, na medida em que o leitor/espectador se envolve com a narrativa e as personagens.

A *fanfiction* é muitas vezes retratada na mídia como uma moda, como algo que pessoas fazem isoladamente. É preciso ter cuidado com essa ideia, pois se trata de um espaço estruturado, com forças de conservação para perpetuá-lo e com acúmulo de capital simbólico, que o fortalece: ainda que muitos fãs não tenham consciência da história da cultura dos fãs, há grupos específicos que procuram conservá-la e estudá-la, como o *Fan Studies* e os fãs que com ele se instruem. Embora os objetos de adoração possam até ser deixados para trás eventualmente (mas sabemos que há vários *fandoms* antigos que permanecem fortes, como o de *Star Trek*), há uma unidade nos modos de fazer dos fãs, evidenciada por vocabulário, estruturas (sites, fóruns e outros meios de comunicação) e comportamentos em comum. Há uma história em comum, que é a da cultura do fã como um todo, além de um grupo intelectual que se esforça para proteger a autonomia dos fãs e a valorizar sua história. O *fandom* em torno das *fanfics* não é uma subcultura que pode se dissolver facilmente, pois, por ser um campo, possui mecanismos de autopreservação.

A cultura do fã existe desde 1930 e constituiu-se principalmente na década de 1960. Entretanto, passou a ser estudada academicamente apenas na década de 1990 nos Estados Unidos e na de 2000 no Brasil, com a expansão da internet. Isso porque o *fandom* não era considerado um objeto de estudo válido pela academia, e ainda encontra resistência nesse meio. As pesquisas sobre esse assunto, influenciadas pelo medo de o *fandom* ser atacado por suas falhas e também pelo trabalho de Jenkins, que carrega as mesmas marcas, podem acabar

¹¹⁰ Não é mistério a dificuldade que docentes enfrentam no exercício de sua profissão no Brasil. Muitos professores limitam-se a corrigir os erros de redação dos alunos, sem dar um *feedback* quanto ao conteúdo dos textos. Um leitor que se interessa por aspectos que vão além da adequação do texto às normas da língua é essencial para a construção da identidade de um autor.

passando a imagem de uma comunidade pacífica e democrática. Qualquer *ficwriter* com um pouco de experiência sabe que isso não é verdade. O *fandom* não é tão lindo quanto muitos pensam, mas, quando aceitamos essa sua face, vemos como *ficwriters* são engajados em lutas e disputas que podem nos fornecer boas possibilidades de reflexão sobre a importância da *fanfiction* no cenário contemporâneo.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

7.1 Livros e artigos

ADORNO, Theodor. **Indústria cultural e sociedade**. Trad. de Juba Elisabeth Levy. 5 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

BACON-SMITH, Camille. **Enterprising Women: Television fandom and the creation of popular myth**. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1992.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para o Consumo**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. **Questões de sociologia**. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Fim de século, 2003.

_____. **Coisas ditas**. Tradução de Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo :Brasiliense, 2004.

CASANOVA, Pascale. **A república mundial das letras**. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

CULLER, Jonathan. **Teoria literária: uma introdução**. São Paulo: Beca, 1999.

DERECHO, Abigail T. **Illegitimate Media: Race, Gender and Censorship in Digital Remix Culture**. 2008. 245 p. Tese (Doutorado em Comparative Literary Studies – Northwestern University, Evanston, 2008).

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. Tradução de Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2008.

FISKE, John. “The cultural Economy of fandom” pg 30-49. In: **Adoring Audience: fan culture and popular media**. Nova Iorque: Routledge, Chapman and Hall, 1992.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos: Estética – literatura e pintura, música e cinema (vol. III)**. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 2001. p. 264-298.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HELLEKSON, Karen; BUSSE, Kristina (eds.). **Fan fiction and fan communities in the age of the Internet**. Londres: McFarland & Company, 2006.

HILLS, Matt. **Fan Cultures**. Nova Iorque: Routledge, 2002.

_____. Fiske's 'textual productivity' and digital fandom: Web 2.0 democratization versus fan distinction? **Participations**: journal of audience & reception studies, Wales, v. 10, n. 1, 2013. Disponível em: <<http://participations.org/Volume%2010/Issue%201/9%20Hills%2010.1.pdf>>. Acesso em: 15 nov 2014.

JENKINS, Henry. **Textual poachers**: television fans & participatory culture. New York: Routledge, 1992.

_____. **Fans, bloggers, and gamers**: Exploring Participatory Culture. New York: New York University, 2006.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

PUGH, Sheenagh. **The democratic genre**: fan fiction in a literary context. Bridgend: Poetry Wales, 2005.

SIQUEIRA, Márcio André Padrão de. **A desconstrução da fanfiction**: resistência e mediação na cultura de massa. 2008. 130 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

SMITH, Paula. A conversation with Paula Smith. [Entrevista a Cynthia W. Walker]. **Transformative Works and Cultures**, n. 6, 2011.

TUSHNET, Rebecca. "I'm a Lawyer, Not an Ethnographer, Jim": Textual Poachers and Fair Use. 2014. Disponível em: <<http://scholarship.law.georgetown.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=2315&context=facpub>>. Acesso em: 2 mai 2016.

VARGAS, Maria Lucia Bandeira. **O fenômeno fanfiction**: novas leituras e escrituras em meio eletrônico. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2005.

7.2 Sites

10 Mandamentos para Ficwriters de Sobrenatural. Disponível em: <<http://www.fanfiction.net/s/5765059/1/10-Mandamentos-para-Ficwriters-de-Sobrenatural>>. Acesso em 16 maio 2013.

AdultFanfiction. Disponível em: <<http://www.adult-fanfiction.org/>>. Acesso em: 22 julho 2016.

A filha do Pantera Negra. Disponível em: <<https://spiritfanfics.com/historia/a-filha-do-pantera-negra-6557887/capitulo1>>. Acesso em: 24 abr 2016.

A língua. Disponível em: <<http://revistalingua.com.br/textos/109/a-literatura-em-dilema-330339-1.asp>>. Acesso em: 5 mai 2016.

Alma de uma Mary Sue. Disponível em: <<https://www.fanfiction.net/s/8054104/1/Alma-de-Uma-Mary-Sue>>. Acesso em: 15 abr 2016.

Anne Rice - the official site. Disponível em: <<http://annerice.com/ReaderInteraction-MessagesToFans.html>>. Acesso em: 11 ago 2015.

Big name fan – Fanlore. Disponível em: <https://fanlore.org/wiki/Big_Name_Fan>. Acesso em 14 fev 2016.

Como ser um ficwriter medíocre. Disponível em: <<http://www.fanfiction.net/s/4405583/1/Como-ser-um-ficwriter-med%C3%ADocre>>. Acesso em 19 maio 2013.

Corte dos ripadores e zoeiros. Disponível em: <<https://cortedosripadores.wordpress.com/conheca-os-nobres/>>. Acesso em: 20 jan 2015.

Crítica a ripagem ripada. Disponível em: <<https://www.fanfiction.net/s/5091571/1/Cr%C3%ADtica-%C3%A0-Ripagem-EDIT>>. Acesso em 22 out 2014.

Criticar: Você está fazendo isso errado! Disponível em: <<http://www.fanfiction.net/s/7854394/1/Criticar-Voc%C3%AA-est%C3%A1-fazendo-isso-errado>>. Acesso em 19 maio 2013.

Critics United: How they Respond (Thread). Disponível em: <<http://archive.thecolorless.net/thread/392193>>. Acesso em: 10 set 2016.

Drive! Final Alternativo – Fanfiction.net. Disponível em: <<https://www.fanfiction.net/s/10461337/1/Drive-Final-Alternativo>>. Acesso em 06 jan 2015.

Encyclopedia dramatica. Disponível em: <https://encyclopediadramatica.se/My_Immortal>. Acesso em: 26 nov 2015.

Entrevista exclusiva: a mente gamer criativa por trás da Prefeitura de Curitiba. Disponível em: <<http://www.marketingegames.com.br/entrevista-exclusiva-a-mente-gamer-criativa-por-tras-da-prefeitura-de-curitiba/>>. Acesso em: 04 dez 2014.

Fanfiction.net. Disponível em: <<https://www.fanfiction.net/>>. Acesso em: 06 jan 2015.

Fanfiction: Not Necessarily a Voice for Minorities. Disponível em: <<https://ladygeekgirl.wordpress.com/2013/06/22/sexualized-saturdays-is-slash-fanfiction-degrading-orand-homophobic/>>. Acesso em: 2 set 2016.

FanHistory – FanLib. Disponível em: <<http://www.fanhistory.com/wiki/FanLib>>. Acesso em: 12 ago 2016.

Fanlore – Fanfiction.net. Disponível em: <<http://fanlore.org/wiki/FanFiction.Net>>. Acesso em: 06 jan 2015.

Fórum Único Chespirito. Disponível em: <<http://www.forumch.com.br/topic/5111-fanfics-e-remakes/page-7#entry250375>>. Acesso em 16 jan 2015.

Girl ask Jensen Ackles about fanfictions (legendado). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=w8HbnLhHVkQ>>. Acesso em: 2 ago 2015.

I Ship it – Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LCDgJiPBxfI>> . Acesso em: 16 ago 2016.

Lady geek girl – Why Is There So Much Slash Fic? Disponível em: <<https://ladygeekgirl.wordpress.com/2013/11/12/why-is-there-so-much-slash-fic-some-analysis-of-the-ao3-census/>>. Acesso em 8 abr 2016.

Manifesto a favor da linguagem de roteiro. Disponível em: <<http://www.fanfiction.net/s/5656258/1/Manifesto-a-favor-da-linguagem-de-roteiro>>. Acesso em 19 maio 2013.

Meg Cabot – Fan fiction. Disponível em: <<http://www.megcabot.com/2006/03/114184067156643148/>>. Acesso em 3 ago 2015.

Mirror - I'm sorry': Teen's heartbreaking final message to online trolls before train suicide. Disponível em: <<http://www.mirror.co.uk/news/uk-news/im-sorry-teens-heartbreaking-final-4826932>>. Acesso em: 28 set 2015.

Miscelânea de escritores. Disponível em: <<http://web.archive.org/web/20090117061229/http://wladv.cjb.net/>>. Acesso em 10 set 2014.

Not a Blog. Disponível em: <<http://grmm.livejournal.com/151914.html>>. Acesso em: 23 ago 2015.

Nyah! Fanfiction. Disponível em: <<http://fanfiction.com.br/>>. Acesso em: 06 jan 2015.

O garoto dos óculos escuros. Disponível em: <<https://fanfiction.com.br/reviews/historia/331897/capitulo/1792986>>. Acesso em: 22 jun 2016.

O pesadelo chamado Mary Sue. Disponível em: <<http://bastetazazis.blogspot.com.br/2011/05/o-pesadelo-chamado-mary-sue.html>>. Acesso em 19 maio 2013.

Persephone Magazine - Avengers Redux: The Women of “Avengers Assemble!”. Disponível em: <<http://persephonemagazine.com/2012/05/avengers-redux-the-women-of-avengers-assemble/>>. Acesso em: 5 abr 2016.

Potterish realizará a turnê Cormoran Strike em parceria com a editora Rocco – Potterish. Disponível em: <<http://potterish.com/2016/04/potterish-realizara-a-turne-cormoran-strike-em-parceria-com-a-editora-rocco/>>. Acesso em: 12 ago 2016.

Precisamos falar sobre... fetichização e apoio seletivo aos LGBT+ no mundo dos animes. Disponível em: <<http://lhamavintage.blogspot.com.br/2016/01/precisamos-falar-sobre-fetichizacao-e.html>>. Acesso em 12 set. 2016.

Prefeitura de Curitiba. (2014, 28 de outubro). Disponível em: <<https://www.facebook.com/PrefsCuritiba/photos/pb.515514761825666.-2207520000.1425070397./800942106616262/?type=3&permPage=1>>. Acesso em: 04 dez 2014.

Projeto dissertando polêmicas. Disponível em: <<http://papeisavulsos.forumeiros.com/t145-projeto-dissertando-polemicas>>. Acesso em 19 maio 2013.

Spirit. Disponível em: <<http://socialspirit.com.br/>>. Acesso em: 07 jan 2015.

Strikethrough and Boldthrough – Fanlore. Disponível em: <https://fanlore.org/wiki/Strikethrough_and_Boldthrough>. Acesso em 11 set 2016.

Such stuff as dreams are made on. Disponível em: <<http://staranise.dreamwidth.org/36599.html?format=light>>. Acesso em 02 out 2014.

Taizen Saint Seiya. <<http://taizen-saintseiya.com/entrevistas/shiori-teshirogi-cartoonist-2013/>>. Acesso em 2 set 2016.

The FAQ – Frequently Asked Questions – Cornucopia – Fanfiction.net. Disponível em: <<https://www.fanfiction.net/topic/78623/63779465/1/The-F-A-Q-Frequently-Asked-Questions-Cornucopia>>. Acesso em: 10 set 2016.

The Radical Notion - Writing outside the lines: feminism and fan fiction. Disponível em: <<http://www.theradicalnotion.com/writing-outside-the-lines-feminism-and-fan-fiction/>>. Acesso em: 12 mar 2016.

The Second Species, or, Bella Grows a Pair – Fanfiction.net. Disponível em: <<https://www.fanfiction.net/s/4829725/1/The-Second-Species-or-Bella-Grows-a-Pair>>. Acesso em: 27 jul 2016.

The Vampire Diaries – Kindle World. Disponível em: <https://kindleworlds.amazon.com/world/VampireDiaries?ref_=kww_home_ug_VampireDiaries>. Acesso em: 29 set 2016.

Tutorial – Como fazer uma boa fanfiction. Disponível em : <<https://www.fanfiction.net/s/5228949/1/TUTORIAL-COMO-FAZER-UMA-BOA-FANFICTION>>. Acesso em 02 set 2016.

TVline - American Idol: Will Caleb's 'R-Word' Dustup (or Last Week's Top 5 Twist) Factor Into Your Voting?. Disponível em: <<http://tvline.com/2014/05/06/american-idol-caleb-johnson-calls-fans-retards/>>. Acesso em: 16 abr 2016.

Universe of Fics – Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/theuniverseoffics/photos/a.528446470500671.117223.528307023847949/1499240663421242/?type=3&theater>>. Acesso em: 5 set 2016.

Warriors for Innocence! Disponível em: < <http://warrior-for-innocence.tumblr.com/>>. Acesso em: 11 set 2016.

GLOSSÁRIO

aca-fan: junção de *academic* e *fan*, ou seja, um fã que passou a estudar sobre o fã na academia.

beta-reader: fã encarregado de revisar uma *fanfic*.

disclaimer: declaração feita no começo de uma *fanfic*, na qual o autor declara não ser proprietário do objeto cultural no qual ele está se baseando.

fanart: : ilustração feita por fã, baseada em um objeto cultural

fanfic de ficha: *fanfic* na qual o autor trabalha com personagens criados pelos leitores

fan-scholar: conceito criado por Matt Hills. Fã de elite que acumulou tanta informação e conhecimento sobre seus objetos de interesse que chega a tratar de questões similares às dos acadêmicos

fansub: fã ou grupo de fãs que se dedica a legendar vídeos para o *fandom*.

fanzine: revista criada pelos fãs, com base no objeto de adoração.

femmeslash/yuri: categoria de *fanfic* (e de outras produções de fã) que se refere a relacionamento homossexual feminino.

flame: comentários hostis às *fanfics*

flammers: indivíduo que escreve *flames*.

gary stu: a versão feminina de *Mary Sue*.

mary sue: personagem feminina inverossímil, exageradamente perfeita e cheia de habilidades, tida como uma projeção do autor na *fanfiction*.

OC (original character): personagem original. Trata-se de personagem criada pelo *ficwriter*, que não está presente no texto no qual a *fanfic* se baseia.

OOC (out of character): quando a personagem não está bem caracterizada na *fanfic*.

PO: personagem original. Significa o mesmo que OC.

review: comentário deixado por um leitor na *fanfic*.

ripagem: prática agressiva, na qual um grupo de fãs republicam uma *fanfic* alheia com comentários a respeito dos erros do texto.

scanlation: atividade na qual fãs traduzem e disponibilizam história em quadrinhos.

self-insert: refere-se a quando o autor se coloca na *fanfic* como uma de suas personagens.

ship: casal de personagens que o fã deseja ver em um relacionamento amoroso.

shippar: o ato de desejar que um casal de personagens tenha um relacionamento amoroso.

slash/yaoi: categoria de *fanfic* (e de outras produções de fã) que se refere a relacionamento homossexual masculino

spoiling: prática de tentar adivinhar ou revelar o que acontecerá em uma narrativa/produção cultural.